Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 135 Terça-feira, 12 de Agosto de 1986 Preço 40$00

LA PASIONARIA

Uma entre quatro mulheres em luta

«La Pasionaria» é o primeiro tema da série, exclusivo Efe«DL», «Quatro mulheres em luta», que hoje começamos a publicar. As seguintes serão Margarita Nelken, Federica Montseny e Victoria Kent. Pág. 2

Só hoje os bombeiros têm acesso

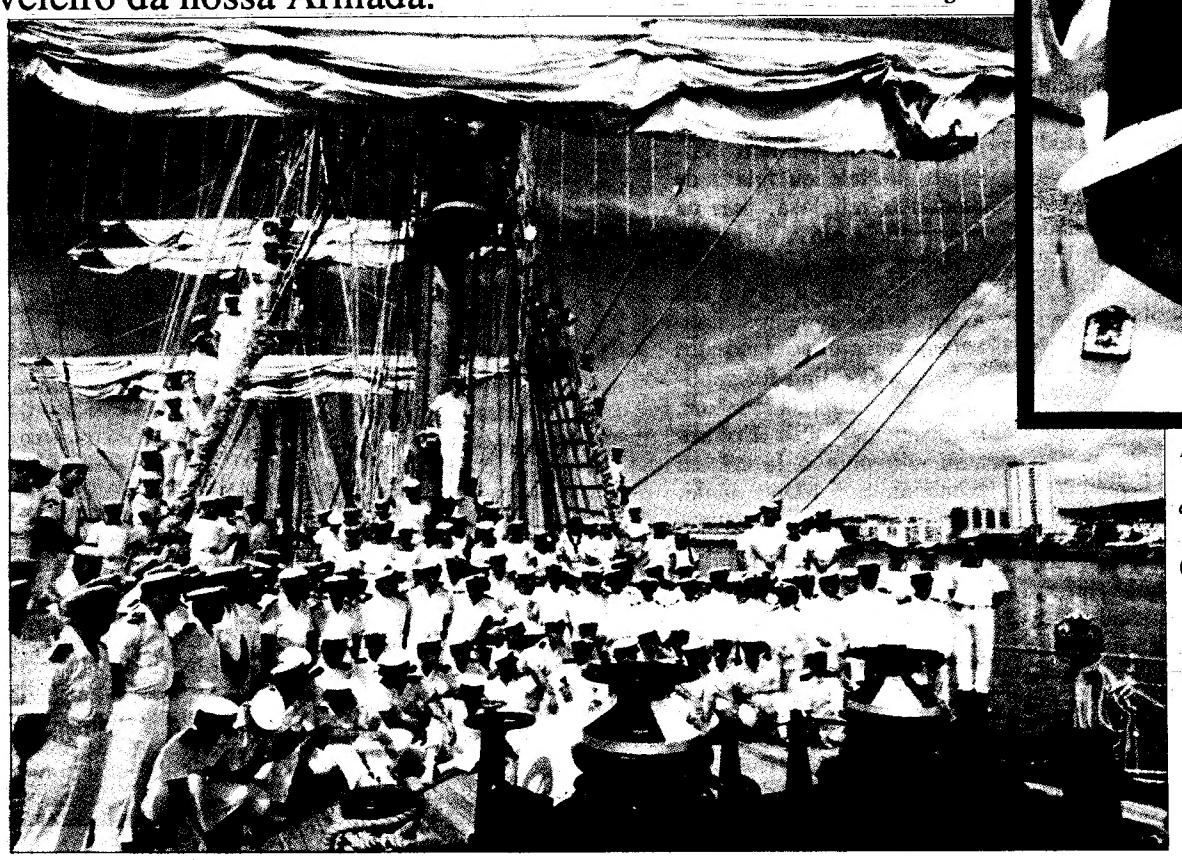
FOGO CRIMINOSO ARRASA ESTRELA

A serra da Estrela está a ser arrasada por um violento incêndio que se declarou na freguesia de Vide, concelho de Seia, às 18 horas de domingo. Os 200 bombeiros de onze corporações da área não conseguiram até agora evitar a propagação descontrolada das chamas, que esta manhã se apresentavam em quatro frentes, consumindo matas dos concelhos Arganil, Oliveira do Hospital e Covilhã, Seia e Castelo Branco. Pág. 5

"Sagres" mata sede de mar de Soares

O VELEIRO QUE SE DESEJA

Mário Soares navega algures no Atlântico, em cumprimento de uma sua velha «sede» de mar, razão por que a «Sagres» veio mesmo a calhar. Assim, ele pôde simultaneamente satisfazer um desejo e tornar-se o primeiro Presidente da República a viajar no último veleiro da nossa Armada. Pág. 4



A tripulação da «Sagres» fotografada ao largo de Ponte Delgada e o presidente da República recebendo os cumprimentos do comandante do navio, o capitão-de-fragata Castanho Pais

Não há velas desfraldadas porque o vento fez «gazeta». Assim, o Presidente da República fez uma viagem calma sobre «mar chão».

La Pasionaria: o mito operário

J. Arcadio Velasco

Exclusivo Efe/«DL»

Se existe na história de Espanha um período no qual o papel da mulher tem especial relevância e a sua participação na vida política e social foi relevante, foi sem dúvida durante a Guerra Civil de 1936 e nos anos subsequentes.

Seriam muitos os nomes que poderiam atestar tal afirmação. Muitas morreram, outras procuraram o exílio e muitas ainda tornaram aos seus lares, à costura, à cozinha... A mulher comprometida politicamente, com direito ao divórcio, acesso ao ensino, desapareceu depois da Guerra.

Através da vida de mulheres como Dolores Ibarrui, Margarita Nelken, Victoria Kent e Federica Montseny procura-se homenajear todas essas mulheres anónimas que quiseram participar no todo que constituía a sociedade do seu tempo.

Um mito do século XX

Em Dezembro terá 91 anos. É Dolores Ibarruri, «La Pasionaria», a mulher mais amada, mais popular, mais odiada, mais perseguida e mais mitificada do nosso século. Nasceu em Gallarta (Vizcaya) em 1895, filha de mineiros, e desde muito nova que os seu carácter foi profundamente marcado. Em 1903 assistiu, com medo e curiosidade, a uma greve de mineiros. Viviam os pais, ela e 10 irmãos, numa casa muito próxima da mina. Os mineiros estiveram em greve dois meses, pelo que passado esse tempo os donos da mina chamaram o Exército; nessa altura, as mulheres chamavam «filhos» aos soldados e pediam-lhes que estivessem ao seu lado.

Neste ambiente cheio de tensões, de duras lutas reivindicativas, de combates contra a justiça da fome, não é de estranhar que La Pasionaria tomasse o partido do mais fraco. Toda a sua família era mineira. O seu avô morreu com a pancada de um bloco de minério que lhe caiu na cabeça. A sua mãe trabalhou na mina até se ter casado com «El Artillerro», alcunha de seu pai. Dolores sempre foi uma criança débil, de grande curiosidade intelectual e grande perserverança.

Cedo começou a frequentar a escola da sua terra, situada num casarão frio e húmido, também utilizado como prisão. Aos 15 anos viu-se obrigada a abandonar os estudos por razões económicas, frustrando-se assim a sua vocação de professora.

Depois de abandonar os estudos trabalhou como criada, profissão que deixou para se casar com Julián Ruiz. O casamento não foi tranquilo. O marido, activo militante socialista, incutiu em Dolores um afã de rebeldia e activismo político que se chocava com a sua tradicional educação católica. Depois de ser durante uns anos dona de casa, resolveu entrar na luta sem quartel contra a injustiça. Teve 4 filhas e um filho. Duas delas morreram, bem como o filho Rúben (na batalha de Estalinegrado, na 2.ª Guerra Mundial). Hoje tem três netos.

La Pasionaria

Em 1917 era já uma destacada militante operária, alternando as suas responsabilidades de mãe com a sua actividade política. Entre 1919 e 1920 aderiu à 3.ª Internacional e, com o Agrupamento Socialista de Somorrostro, integra-se no recém-criado PCE. Já nessa altura era conhecida como La Pasionaria. Segundo diz ela própria, «a alcunha foi devida a um artigo que escrevi em 1917 para o jornal «El Minero Vizcaino». «Nele eu falava da hipocrisia religiosa, pois na nossa aldeia havia vários sacerdotes, mas nunca algum deles interveio a favor das greves e dos mineiros. Estiveram sempre ao lado dos patrões.» O artigo foi publicado na Semana da Paixão e, ironicamente, Dolores assinou-o com o já célebre pseudónimo. Mais tarde, quando quis assinar outros trabalhos com o seu verdadeiro nome a família opôs-se pelo que continuou com o nome da flor da Semana Santa.

Em 1923 foi nomeada delegada ao I Congresso do PCE. Em 1930 é eleita membro do Comité Central do partido, sendo presa por duas ocasiões. Um ano depois consegue ser deputada nas Cortes Constituintes da II República. Nesta altura já a sua popularidade era enorme.

Em 1933, em companhia de Irene Falcón, Catalina Salmerón — filha de um presidente da I República de 1873 e que se demitiu por não querer assinar uma condenação à morte —, Victoria Kent e Clara Campoamor funda a Organização das Mulheres Antifascistas. A função da organização era tirar a mulher da ignorância incitando-a a assumir o seu papel na sociedade. Em 1935 envia os seus filhos para a União Soviética e participa activamente na campanha eleitoral nas Astúrias, província pela qual foi eleita deputada em 1936, eleições nas quais o triunfo pertenceu à Frente Popular.

«Não passarão»

Estava prestes a cumprir 41 anos quando começou a Guerra Civil. Nessa altura Dolores Ibarruri dedicava-se inteiramente à actividade política. Era uma mulher alta, bonita, de pele clara, olhos e cabelo escuro, em quem começavam a aparecer os primeiros cabelos brancos. Vestia-se sempre de negro e com um lenço no pescoço de cujas pontas pendiam frases como «Não passarão». «Mais vale morrer de pé que viver de cócoras», «Antes ser viúva de um herói que mulher de um cobarde». Com frases deste estilo é natural que aqueles que a escutavam ovacionassem muitíssimo.

Em 1937 é eleita vice-presidente das Cortes Republicanas e passa a substituir José Diaz à frente do Comité Central do PCE.

Depois da rendição de Madrid às forças de Franco, Dolores parte para o exílio na companhia de Irene Falcón. Permaneceu algum tempo em França para, logo a seguir, se mudar para a União Soviética onde se juntou aos seus filhos e onde permaneceu quase 40 anos.

Em 1942, depois da morte de José Diaz, é eleita secretária-geral do PCE, cargo que desempenhou até 1960, ano em que foi nomeada presidente do partido.

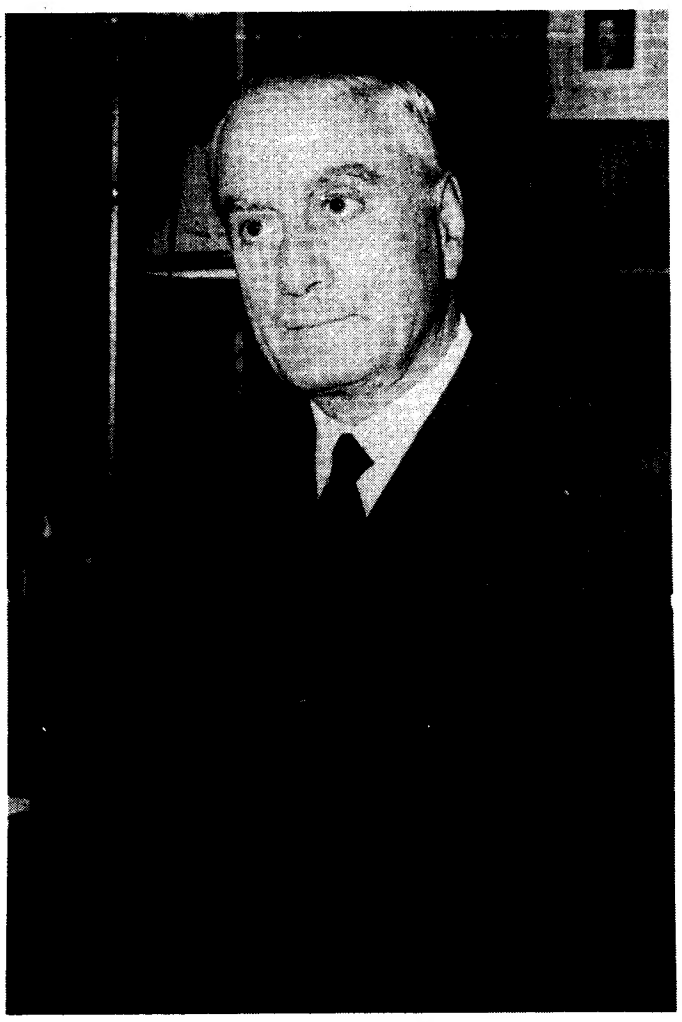
Regressa a Espanha em 1977 e é eleita deputada pela província das Astúrias. Actualmente está retirada da vida política activa, apesar de assistir com frequência a reuniões do Comité Central do partido e a alguns actos públicos ou comícios.

Esta é a vida de La Pasionaria, mulher lutadora num mundo de homens que nunca lhe perdoaram ter tido êxito sendo do «sexo fraco». Desta excepção, num mundo em guerra, nasceu o seu mito. Para os seus inimigos ela representava a depravação, era capaz de matar um sacerdote à dentada. Para os seus companheiros foi um semideus, uma lenda viva.

Ficou assim, em vida, a fazer parte da história, por muito que isso lhe custe e que não se canse de afirmar: «Não sou nenhum mito, sou uma mulher ...»

Capítulo II — **Margarita Nelken: Correspondente de Guerra**

Os "treze pontinhos" de António Sérgio



Encontro num velho número de «Seara Nova» — de 30 de Outubro de 1938 — um dos mais curiosos e significativos documentos do pensamento político de António Sérgio. Página e meia de revista, a abrir o fascículo, com a epígrafe: «Treze Pontinhos».

Por essa época, compulsando informação relativa às destruições maciças de produtos para manter preços e níveis de lucro, Sérgio argumentava: «Há talvez quem suponha que a única acusação que os anti-capitalistas fazem ao capitalismo provém do empenho de distribuir equitativamente por todos os homens a riqueza criada, desprezando a ideia de aumentar a riqueza, de criar novas possibilidades económicas. Ora, a verdade é exactamente o oposto. A acusação principal que se faz hoje ao capitalismo é a de que ele contraria o aumento da produção, pela preocupação de manter o lucro — forçando a humanidade a produzir muito menos do que poderia de facto produzir (e, além disso, destruindo grande parte dos produtos sempre para manter o lucro) apesar de que se produz muito menos do que a técnica de hoje permitiria. Actualmente, a acusação básica ao capitalismo não é a acusação de distribuir mal: é a de restringir a produção, a de impedir a abundância, ao mesmo tempo que milhões de pessoas morrem de fome.»

E a comprovar o que escrevia, Sérgio dava uma lista de locais onde produtos ncessários para a alimentação dos humanos e para a pecuária tinham sido criminosamente destruídos para manter o lucro capitalista. Propendia o ensaista para a hipótese de qqque a abundância, sem o estorvo do capitalismo, estava ao alcance da humanidade. A política de manutenção do lucro ia deparar com uma política de bloqueio da produtividade e da uitlização das inovações tecnológicas: «Está calculado — escrevia Sérgio no segundo dos seus 'Treze Pontinhos' — que o rendimento do trabalho humano poderia ser multiplicado por 10, por 100, e em alguns casos por 1000, se a preocupação do lucro não fizesse manter em segredo, inutilizadas, 95 por cento das invenções.» Dado que — segundo a informação de que dispunha — os «grandes processos de fabricação moderna, vulgarizados entre 1920 e 1930, permitiram aumentar os rendimentos do trabalho humano de 100 a 10 000 por cento». Isto com um aproveitamento reduzidíssimo das inovações científicas e tecnológicas.

Para António Sérgio, no final dos anos 30, os «homens progressistas», os combatentes da Justiça social, «não devem buscar o fundamento dos seus anseios de progresso em qualquer género de **teorias,** que sempre se podem discutir; basta-lhes que se apoiem num **facto** incontestável: a possibilidade da abundância para todos, graças aos progresos da técnica cientíca». Este «utopismo» da abundância e das enormes potencialidades tecnológicas, servia de base a um anti-capitalismo radical. A Revolução social, entendida como o propósito de «remodelar a sociedade» era possível sem que fosse «preciso despojar ninguém, fazer mal a ninguém, odiar ninguém», mas exigia que «o filho do pobre se não **aburguese,** não tome a mentalidade do burguês... e não venha a ser um traidor à classe de onde saiu». O verdadeiro problema de educação era este, **educar** sem **aburguesar.** Dizia Sérgio: «O objectivo da humanidade não é fazer **parvenus.**«

Que diria um António Sérgio dos «traidores á classe» (de onde saíram), dos **parvenus,** da nossa «classe política»? Mas esse é outro tema. Dos «Treze Pontinhos», de 1938, não nos afastemos.

Para o autor dos «Ensaios» e doutrinário cooperativista: «Consumidor é toda a gente, será sempre toda a gente. Mas toda a gente será cada vez menos produtora, consagrará cada vez menos tempo à produção: porque, cada vez mais, a energia mecânica substituirá os homens no papel de produzir as riquezas». Se a perspectiva da «abundância» e a consciência do progresso tecnológico estão aqui presentes, no trecho está implícita a crítica à representação corporativa dos produtores que o «Estado Novo» se propunha assegurar. A situação social mais frequente é a de «consumidor». No opúsculo que dedicou ao conceito de Democracia, e nas suas críticas ao corporativsmo salazarista, Sérgio acentuará esse facto: a prevalência da situação social de consumidor.

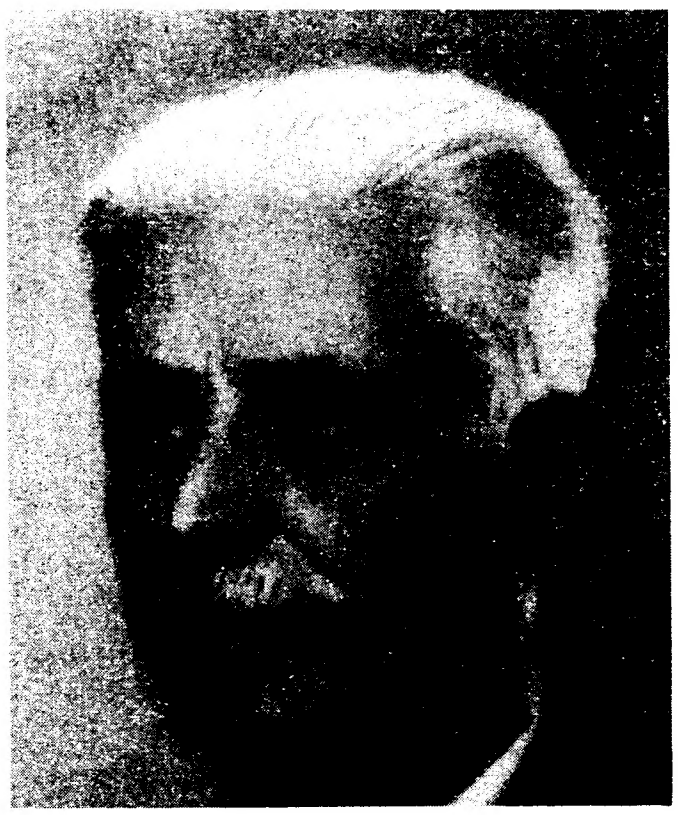
Atender ao interesse do «consumidor» — e não regular a sociedade pelo interesse do «produtor» — é, no juízo de António Sérgio, um caminho apropriado para uma política de democracia económica. O que era preciso — segundo Sérgio — era «acabar com o lucro». A orientação capitalista eternizava uma injusta situação: «A miséria vem de longe, de muito longe. Mas poderíamos acabar com ela em pouco tempo , se quisessemos». Este condiconal voluntarismo, explica o apelo moral do texto. No seu 13.º pontinho, Sérgio exorta: «E porque não terminar com palavras do Cristo? **Não podeis servir ao mesmo tempo Deus e Mamon.**«

Um anticapitalismo sincero e que inspirará páginas de análise sociológica do maior interesse expresso a um nível de reprovação moral, dá lugar, como é o caso, a um utopismo da abundância e das potencialidades ilimitadas das inovações tecnológicas. É necessário, contudo, não perder de vista que Sérgio escreve em 1938 sob o império feroz da censura. Algumas vezes se serve de fórmulas que rodeiam os problemas que uma leitura atenta nos permite verificar que o preocupavam: como pensador, como cidadão.

E não era ingénuo, em relação à teia dos envolvimentos sociais, das solicitações e emboscadas da vida política na socieade sua contemporânea e na sociedade destes nossos dias, o homem que poisou o dedo na ferida: «Importa que o filho do pobre se não **aburguese,** não tome a mentalidade do burguês...». Tendência corrente, corrente desvio, ou a constante adaptação ao poder social dominante, cujos resultados conhecemos. Estão aí patenntes, nestes anos do «pós-Abril».

Não saltemos, leitores, para o presente. Era do artigo «Treze Pontinhos» — uma das muitas páginas de António Sérgio ainda não recolhidas em volume — que vos queríamos falar. E bastaria esta sentença de oiro para lhe dar frescura e actualidade: «As vastas elites só podem provir de vastas ccamadas de povo suficientemente educadas».

E por isso pregou que a Democracia era Demopedia, no fundo e a vários níveis, educação do povo.



Recordando a I República

Carlos de Melo Pimentel

O «Diário de Lisboa» é «visita» diária de minha casa, desde o seu primeiro número, pese uma ou outra discordância com algumas opiniões nele expressas, o que até se me afigura salutar.

Hoje em dia, e inerente aos meus 94 anos, uma crescente dificuldade na leitura — que não, felizmente, no entendimento — obriga-me ao recurso de uma lupa e também a seleccionar os assuntos. Nessa selecção estão naturalmente incluídos os artigos esclarecidos e esclarecedores do meu amigo Fernando Piteira Santos. E apraz-me registar, leitor atento que sou de todos eles — e aqui quero referir também os de Vasco da Gama Fernandes — nomeadamente os que dizem respeito à I República e aos Homens que a erigiram e dignificaram e com quem, na sua grande maioria, muito convivi. Isto, sobretudo, qando ainda hoje, forças da direita, a quem não apodo de reaccionária para evitar o pleonasmo, se empenham em denegrir a imagem de cidadãos que, quando postos em confronto com determinados políticos actuais, assumem proporções ainda mais elevadas.

E porque, para além da sua estatura política, os Homens da I República se distinguiam pelas suas moral, ética e real classificação de Homens de Bem, venho dar a conhecer aos leitores do «Diário de Lisboa», um exemplo pouco conhecido, do que que acabo de afirmar.

Nos dias imediatos à Revolução do 5 de Outubro, os componentes da Comissão Republicana do Norte, dirigiram-se ao professor doutor Duarte Leite — que viria 15 anos mais tarde a ser meu sogro — para lhe dar conta que tencionavam vir a Lisboa, exigir do Governo Provisório o «saneamento» de todos os professores universitrios monárquicos, para o que solicitavam o seu apoio, figura grada que era da República.

Duarte Leite respondeu-lhes que tinha sido professor universitário, em Coimbra e no Porto, durante o regime monárquico e que sempre exprimira no jornal «A Pátria», que dirigia, o seu ideário republicano, sem quaisquer peias ou contratempos. Finalmente, que não só era de opinião contrária a qualquer tipo de afastamento dos seus colegas professores monárquicos, como, e independentemente de se manter totalmente fiel às ideias republicanas que professava desde a juventude, manifestaria publicamente a sua solidariedade para com os professores monárquicos, se estes fossem afastados do ensino. E concluiria que, de acordo com o seu conceito de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, a República tinha sido proclamada para unir e não para dividir os Portugueses. Tempos depois, os membros da Comissão Republicana, voltariam junto a Duarte Leite, para lhe afirmarem que, após reflexão, lhe davam inteira razão.

É evidente que, todo este espírito de tolerância manifestado pelos Homens da I República, face aos monárquicos, teria uma «paga» completamente diferente, aquando da Traulitânia. Mas sobre este antipodismo entre a esquerda clemente, compreensiva e tolerante, até ao exagero, e a direita revanchista, alguém mais vocacionado que eu, escreverá um dia.

Sagres navega sobre um mar chão

O Presidente da República, Mário Soares, embarcado desde domingo no navio-escola «Sagres», navega sob um mar calmo que continua a impedir o desfraldar das velas. O navio desloca-se a uma velocidade de 9 nós com o auxílio do motor, aguardando que o vento surja para fazer a viagem até Lisboa, a todo o pano.

Mário Soares ocupa o camarote do comandante e está encantado com a viagem. Ontem levantou-se um pouco antes do toque de clarim que assinala a alvorada no navio às 7 horas, assistindo depois ao desenrolar da vida na «Sagres».

Às 8 e 30 tem lugar a formatura onde são distribuídas as mais variadas tarefas, desde a baldeação da água ao limpar dos amarelos. O Presidente da República, satisfeito e dialogante com os elementos da guarnição embarcados, aproveita o tempo para apanhar banhos de sol e ler um dos livros que trouxe para a viagem: «A mensagem», de Fernando Pessoa.

Caldo verde, bacalhau à braz acompanhado de vinho verde, doce de pão e café, constituiu a ementa servida no domingo. Com quartos de quatro horas, 95 homens constituem a tripulação de serviço que mantém a condução permanente da «Sagres».

Os que não estão de serviço passam os tempos livres a jogar as cartas, vêem TV, vídeo, e jogar «futebol de convés» (com bola de trapo). A «Sagres» tem embarcados seis cozinheiros, três padeiros um dos quais faz também de pasteleiro e doze copeiros.

A partir das 24 horas começa a ser fabricado pão fresco de boa qualidade. Os seis cozinheiros responsáveis pela alimentação empregam 75 quilos de peixe em cada refeição ou 45 a 50 quilos de carne para os 250 elementos embarcados na «Sagres».

A cerca de cinco milhas da «Sagres» navega a fragata «Hermenegildo Capelo» que acompanha até Lisboa o navio-escola, onde, no mastro principal, a 45 metros de altura, esta içada a bandeira presidencial. Mário Soares está acompanhado pelo filho, João Soares e pelo chefe da Casa Militar, general Conceição Silva, e também pelo almirante Andrade e Silva em representação do Chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão.

Com a ajuda de um laboratório improvisado na «Sagres» e através da fragata «Hermenegildo Capelo» serão enviadas telefotos por uma ligação de rádio entre o navio e terra.

No domingo foram vistos dois cachalotes, sendo o seu aparecimento comunicado à tripulação pelo oficial de quarto.

No próximo sábado, após a chegada a Lisboa, o navio entrará na base naval do Alfeite para reparações.

«MANUEL SALGUEIRO – ACTIVIDADES IMOBILIÁRIAS, LDA»

CERTIFICO, narrativamente para efeitos de publicação que, por escritura de 22 de Julho corrente, lavrada de folhas 30 verso, a folhas 32 verso, do livro de notas para «escrituras diversas», n.º 46-D, do 23.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Licenciado Francisco Rosário dos Reis, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe, que se regerá pelos artigos seguintes:

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL

Lisboa, 4 de Agosto de 1986.

O Ajudante

(Messias de Carvalho Marques)

1.º

A sociedade adopta a denominação «MANUEL SALGUEIRO – ACTIVIDADES IMOBILIÁRIAS, LDA.», tem a sua sede na Rua de Arroios, número cento e oitenta e seis, primeiro andar direito, freguesia de Arroios, concelho de Lisboa, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

2.º

O objecto social é a indústria da construção civil e materiais de construção e a compra de prédios e revenda dos adquiridos, sua exploração, transformação e administração.

3.º

O capital social é de OITOCENTOS MIL ESCUDOS, integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das seguintes quotas: – uma de seiscentos e cinquenta mil escudos do sócio Manuel Martins Salgueiro; uma de cinquenta mil escudos do sócio Domingos Salgueiro Carpinteiro; uma de cinquenta mil escudos do sócio José Manuel Carrasco Marques Salgueiro; e uma de cinquenta mil escudos da sócia Ana Paula Carrasco Marques Salgueiro.

4.º

Os sócios podem fazer prestações suplementares de capital, se o desenvolvimento dos negócios o aconselhar, sendo as condições deliberadas em assembleia geral.

5.º

A divisão e cessão de quotas, no todo ou em parte, é livre entre os sócios. A cessão a terceiros depende do prévio consentimento da sociedade e dos sócios não cedentes, tendo aquela em primeiro lugar e os sócios em segundo, direito de preferência.

6.º

A sociedade poderá amortizar quotas quando a amortização de qualquer quota for deliberada pelos sócios que representem pelo menos setenta e cinco por cento do capital social, sendo o preço da amortização o do último balanço aprovado.

7.º

A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme vier a ser acordado em Assembleia Geral, pertence a todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.

Parágrafo 1.º – Para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos, é suficiente a assinatura do gerente Manuel Martins Salgueiro, que a representará em juízo e fora dele;

Parágrafo 2.º – O gerente Manuel Martins Salgueiro fica desde já autorizado a comprar, vender, trocar ou hipotecar os veículos automóveis e motorizados da sociedade;

Parágrafo 3.º – Os gerentes não podem obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao objecto social, tais como fianças, abonações, avales, letras de favor e outros semelhantes.

8.º

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas com aviso de recepção dirigidas aos sócios, com a antecedência de oito dias.

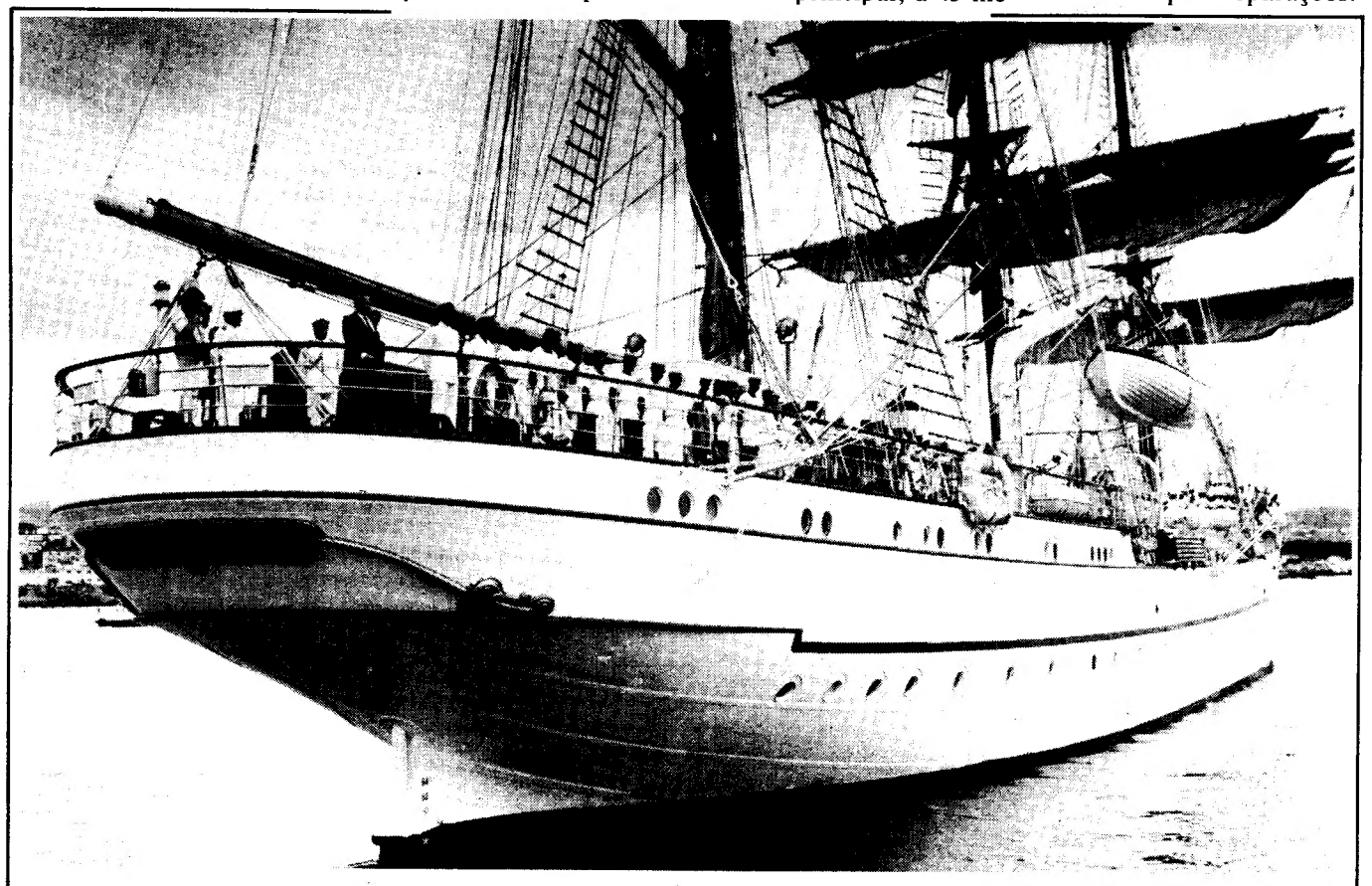
9.º

Anualmente será dado um balanço e os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal, serão distribuídos ou levados a outras reservas, conforme o que for deliberado em assembleia geral.

10.º

Em caso de dissolução da sociedade, todos os sócios serão liquidatários, procedendo-se à liquidação pela forma que for deliberada em assembleia geral.

D.L. 12/8/1986



"Sagres" e "Hermenegildo Capelo" viajaram lado a lado

Soares assiste no alto mar a troca de lembranças

O Presidente da República assistiu ontem, no alto mar, a uma operação simbólica de reabastecimento que envolveu a fragata «Comandante Hermenegildo Capelo» ao navio-escola «Sagres», onde viaja Mário Soares.

A primeira destas unidades navais entrou às 17 e 10 de ré pela vante da «Sagres» e ambas, continuando a navegar, ficaram a cerca de 25 metros de distância uma da outra. Uma espingarda lança-cabos enviou um embrulho para o comandante da fragata «Hermenegildo Capelo», contendo uma garrafa de vinho do Porto e fotografias reveladas a bordo da «Sagres», relativas à presença do Presidente da República.

Na mesma operação, a «Hermenegildo Capelo» enviou por seu turno uma oferta da guarnição para o chefe do Estado. Tratou-se de uma cresta, símbolo daquela unidade da Marinha de Guerra.

Mário Soares que assistiu ao exercício na zona da ponte no patim, a bombordo do navio, comentou elogisosamente o que acabava de presenciar e o trabalho desenvolvido pelas duas guarnições. O Presidente mantém no entanto a esperança de chegar a Lisboa de velas a todo o pano.

Máquina abre acessos para combate às chamas

Incêndio na Serra da Estrela tem quatro frentes

Continua a lavrar com grande intensidade o incêndio que, desde as 18 horas de domingo, já consumiu uma área ainda não determinada de floresta da Serra da Estrêla, sem que os bombeiros tenham conseguido controlar as chamas que se apresentam, pelo menos, em quatro frentes. No intuito de facilitar o combate ao sinistro, uma máquina alugada pelos Municipios de Seia e Arganil vai durante o dia de hoje abrir acessos que possibilitem a entrada dos pesados carros dos bombeiros.

«Por enquanto, não há esperança nenhuma de controlar o incêndio», declarou esta manhã ao «DL» um informador dos Bombeiros Voluntários de S. Romão que, conjuntamente com outras dez corporações, num total de cerca de 200 homens, têm dado luta ao sinistro que ao fim da tarde de domingo irrompeu na freguesia de Vide, no concelho de Seia.

Apesar dos esforços dos «soldados da Paz», as chamas ateadas pelo vento, foram passando de concelho para concelho, e de Seia propagaram-se a Arganil, Oliveira do Hospital e Castelo Branco, constituindo, assim, um quadrado de fogo na já martirizada zona Centro.

«O incêndio subiu a Serra e dividiu-se», explicou a fonte dos Voluntários de S. Romão, especificando aue «ele agora tem pelo menos quatro frentes em Seia, Arganil, Castelo Branco e Oliveira do Hospital».

Por outro lado, segundo o presidente da Junta de Freguesia de Vide, o sinistro «tem frentes de dezenas de quilómetros». A atestar a violência e progressão das chamas, a mesma fonte indicou que «não se tem praticamente notado os efeitos do combate», sublinhando «se os bombeiros não forem rápidamente auxiliados, nomeadamente por forças militares, este incêndio torna-se bem pior que o de Vila de Rei».

«O pessoal quer descansar»

O autarca salientou que «estamos perante um teatro de fogo medonho, e um dos mais importantes que este ano atingiram a região Centro», lamentando que «ninguém nos ajuda». «É um descontrolo total, porque os bombeiros estão cansados», concluiu, acusando o inspector de serviço de incêndios da Zona Centro de «vinte e quatro horas após o inicio do incêndio ainda não se ter dignado comparecer no local».

O cansaço dos bombeiros foi também referido ao «DL» pelos Voluntários de S. Romão que, desde as 18 horas de domingo, quando se declarou o sinistro, têm 53 homens a combater as chamas.

E, se durante o dia de ontem, dadas as proporções do incêndio, as corporações que se encontram empenhadas na luta contra as chamas passaram de oito para onze, contando ainda com a ajuda dos meios aéreos da Lousã e Viseu, esta manhã a «palavra de ordem» era «reforçar os efectivos com gente fresca, porque o pessoal quer descansar».

Neste sentido, era hoje aguardada a presença das corporações de Vila Nova, Manteigas e Gouveia no reforço à luta contra as chamas.

«Está visto que foi mão criminosa»

A principal preocupação dos bombeiros é a de defenderem várias povoações da Serra que têm sido ameaçadas pelas chamas, tarefa até agora coroada de êxito em Gondufo, Vale de Égua, Valocas e Valoquinhas.

No entanto, depois do caterpilar alugado pelas Câmaras Municipais de Gouveia e Seia abrir os acessos necessários, será a vez de percorrer a Serra e tentar extinguir as chamas que destruíram uma área ainda não determinada. «A extenção é muito grande, só de helicóptero é que se poderá ter uma ideia aproximada do que já ardeu», referem os bombeiros.

Se a determinação da área devastada pelo fogo só será possível mais tarde, quando das operações de rescaldo, os «soldados da Paz» não esperam pelo fim do incêndio para apontar as causas do sinistro. «Está visto que foi mão crminosa», sintetizou o informador dos Voluntários de S. Romão. «O incêndio começou num local onde não podíamos chegar e onde ninguém passa», sublinhou a mesma fonte.

Chamas à entrada de Coimbra

O incêndio que se reacendeu ontem à noite, na entrada Sul de Coimbra, depois de ter sido considerado extinto durante a tarde, foi controlado e dominado ao fim da noite.

As chamas, que se declararam às 14 horas numa zona de pinhal envolvente ao hospital Psiquiátrico Sobral Cid, e que chegaram a ameaçar alguns prédios da zona da Casa Branca, só foram completamente debeladas ao fim da noite.

Os motivos que levaram ao reacendimento do fogo, e que estão na sua origem, prendem-se com a falta de limpeza da mata. «Se não é feita uma limpeza das silvas que há pela zona, um dia destes há tragédia pela certa», sublinhou um dos chefes dos Bombeiros Sapadores de Coimbra que combateram o sinistro.

Recorda-se que a zona da Casa Branca, ao Sul da cidade, é constituída por edifícios de vário sa pisos de construção recente, e já esteve ameaçada de fogo no passado dia 18 de Junho.

Na ocasião, um sinistro de grandes proporções acabou por não atingir nenhum dos prédios ali existentes, mas destruiu três habitações, uma serração e alguns currais na área compreendida entre o Alto de S. João e a Portela do Mondego.

FP-25: julgamento prossegue em Monsanto

Agente da PJ relatou assalto a sede da FUP

O juiz Queirós Teixeira criticou ontem, no Tribunal de Monsanto, a actuação da PJ ao não selar os sacos contendo material apreendido durante as investigações do processo. O juiz, um dos vogais do colectivo que está a julgar o processo FP-25, referia-se, concretamente ao ocorrido durante a apreensão de material numa sede da FUP, na Rua da Madalena, em 19 de Junho de 1984.

«Esses sacos, não sendo lacrados, tornam-se automaticamente violáveis» — observou o juiz Queirós Teixeira, interpelando o agente José Ferreira, da DCCB (Direcção Central de Combate ao Banditismo), quando este relatava ao tribunal a forma como foi feita a busca à sede da FUP.

O agente José Ferreira apreendeu cerca de 700 contos em dinheiro nessas instalações, onde se encontravam José Soares e Maria Helena Marques, réus deste processo, que, na altura disseram desconhecer a existência daquele dinheiro no local.

Segundo o mesmo agente também na Rua da Madalena foi encontrado, entre a documentação apreendida e colocada em sacos não lacrados, um «croquis» que conduziu à detecção de armamento — G-3 com carregadores — enterrado num pinhal próximo de Sesimbra.

Segundo relatou ao tribunal outro declarante o subinspectos Henrique da Fonseca, nas viaturas abandonadas pelos participantes na troca de tiros com o guarda-nocturno de serviço em Caneças em 1982, foram encontradas duas metralhadoras e um recibo de um contrato de arrendamento de uma casa em Sesimbra onde mais tarde foi apreendido diverso armamento, parte do qual oriundo do Exército português.

«Um morteiro do antigo Ralis e várias G-3 do Exército português, do denominado lote capitão Fernandes», encontravam-se, segundo o mesmo subinspector, na casa alugada em nome de Fulgêncio Lopes, réu deste processo, onde foram também apreendidas «peças de fardamento do Exército, nomeadamente camuflados, boinas e botas».

A ausência de esclarecimentos cabais, até à presente sessão do julgamento, por parte dos declarantes arrolados pela acusação sobre as «circunstâncias exactas em que foi apreendida em Março de 1983 no Barreiro uma mala contendo armas e documentação, constante no despacho de pronúncia, levou o advogado de defesa João Araújo a requerer a convocação de novos quatro declarantes.

O requerimento foi diferido pelo colectivo, que determinou a presença dia 29 de Setembro no Tribunal de Monsanto do agente Rufino Madruga, da PJ, do chefe da PSP José de Jesus Pereira, do chefe Mira, também da PSP do Barreiro e de Albertina de Jesus, a pessoa que fez a entrega daquela mala às autoridades.

Outro dos cinco declarantes ouvidos pelo colectivo na 166.ª sessão foi o arquitecto Joel Santana, filho de Emídio Santana, que prestou esclarecimentos sobre o furto de que foi vítima em Fevereiro de 1983, data em que, segundo disse ao tribunal, três indivíduos armados lhe furtaram um Citroën, recém-comprado.

O julgamento prossegue terça-feira com a audição de declarantes arrolados pela acusação.

Numa concessão que possui na África do Sul

Português com 90 milhões de barris de petróleo

Peritos israelitas, utilizando sofisticados métodos de prospecção, detectaram uma reserva petrolífera avaliada em noventa milhões de barris, numa concessão pertencente ao industrial português José Manuel Rodrigues Berardo situada em Algoa Bay, a cerca de cinquenta quilómetros das refinarias da cidade sul-africana de Port Elizabeth.

A formação geológica da região é idêntica à do Sul de Israel e a reserva foi calculada, aos preços actuais das ramas, em dois mil milhões de randes. O magnata, J. Berardo, natural do Funchal e radicado na África do Sul há vinte e três anos, tem assento no conselho de administração de oitenta empresas e interreses em companhias mineiras do Canadá e da Austrália.

Encarregado de Negócios deixa Moçambique

O encarregado de negócios da embaixada portuguesa em Maputo, João de Deus Ramos, parte hoje para Lisboa a fim de ocupar novas funções.

João de Deus Ramos foi nomeado vogal da comissão interministerial encarregada de negociar com o Governo chinês a questão de Macau, tendo já participado na primeira ronda de conversações, realizadas em Pequim no final de Junho.

É um diplomata com vasta experiência em assuntos do oriente, tendo já desempenhado missões em Tóquio e em Pequim. Foi o primeiro embaixador português na China, na sequência do estabelecimento de relações em 1979.

Três sismos em Foz Côa

Todas as estações sismográficas do continente registaram no domingo três sismos, com epicentro localizado numa região a oeste de Vila Nova de Foz Côa — informou o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Os sismos, que se fizeram sentir às 14.39, 14.58 e 16.39 horas, numa zona compreendida entre a Covilhã, Moncorvo e Porto, tiveram o epicentro localizado na chamada falha da Vilariça, em Vila Nova de Foz Côa.

O sismo mais forte atingiu 4,3 graus da escala de Richter e foi sentido na região de Moncorvo com a intensidade IV/V da escala de Mercalli modificada, referiu aquele Instituto.

S.Tomé ligado ao Gabão por carreiras aéreas

Na segunda quinzena de Setembro deste ano as ilhas de S. Tomé e Príncipe irão ficar ligadas por carreiras aéreas regulares com a cidade de Libreville, no Gabão.

O programa da Air Lines of São Thome and Principe», constituída entre o Governo são-tomense e a firma inglesa Intraco Sales Corporation, contemplará também, em data a fixar, ligações de S. Tomé com Luanda, Londres e Lisboa.

Nos termos do referido acordo assinado entre as duas partes, a Intraco está a proceder, em Luanda, à revisão do único avião comercial de grande porte que S. Tomé possui por enquanto, um «Foker 27», e deverá instalar em S. Tomé uma base de manutenção de aviões.

GRUPO TEATRO «A BARRACA»

Interrompe os seus espectáculos por motivo de férias até ao dia 13 de Setembro

CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA

AVISO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE EQUIPAMENTO DE INFORMÁTICA E «SOFTWARE»

Para os devidos efeitos, se faz saber que esta Câmara Municipal, na sua reunião extraordinária de 31 de Julho de 1986, deliberou abrir concurso público para fornecimento de equipamento de informática e «software».

O Caderno de Encargos e Programa de Concurso encontram-se patentes no serviço de Aprovisionamento e Património nos Paços do Concelho, durante as horas normais de expediente.

As propostas terão de ser entregues no SAP até às 15 horas do dia 17 de Setembro, e serão abertas na reunião de Câmara que se realiza no dia seguinte.

Sesimbra, 1 de Agosto de 1986

O vereador substituto do presidente em exercício

Basílio Pinto Cabral

Liberdade de Raposinho e acabou num dormitório dos

Após 14 dias de fuga, depois de terem sido vistos em várias partes do País, Germano Raposinho e Carlos Alberto Ferreira Pereira, o «Carlos da Malveira», foram detidos ao principio da manhã de ontem na Reboleira. Para aqueles dois evadidos de Pinheiro da Cruz, a liberdade foi de 14 dias, e acabou, inesperadamente, numa manhã num dormitório dos subúrbios.

O carro «Toyota» azul metalizado, já apreendido pela Judiciária

«O frigorífico estava cheio de comida, com carne, queijo, tinham um saco de batatas ao pé do fogão e até tinham Martini», diz uma vizinha que, segundo tudo indica, teve mais sorte do que os jornalistas, impedidos de se aproximarem da porta que dava acesso ao apartamento F do terceiro andar do número 53-A da Rua Drº Arlindo Vicente, na Reboleira, onde foram ontem de manhã recapturados Germano Raposinho e Carlos Alberto Ferreira Pereira, o segundo duo dos evadidos de Pinheiro da Cruz a ser localizado e detido pela policia.

Na Reboleira, onde a vida corre calma, nos movimentos espasmódicos de saídas para o emprego e regresso tardio a casa, a manhã de ontem foi um marco na quebra da monotonia. Os «putos» foram obrigados a recolher a bola da rua, para dar lugar, como nos filmes, a carros cheios de policia. Os passeios do namoro, os muros da espera pelos amigos, converteram-se, durante alguns minutos em verdadeiras trincheiras. O ronronar dos motores dos carros velhos, que recusam a pegar de manhã, foi substituído pelo roncar potente dos «SuperMirafiori» da Judiciária.

Por um dia, a Reboleira saía do triste anonimato de dormitório, para se converter em mais um palco das acções policiais com vista à recaptura dos evadidos de Pinheiro da Cruz.

Apoios e traições nos subúrbios

Com o desenrolar das buscas, os investigadores foram dando como certa a intenção do duo constituído por Germano Raposinho e «Carlos da Malveira» de rumarem a Lisboa, onde este último gozava de certos apoios. Depois da descoberta, no passado dia 5, do refúgio da Quarteira, onde permaneciam Augusto Ramalho e Fernandes Gaspar, com o auxilio da criminalidade local, pouco interessada em plena época alta ter na sua zona fortes contigentes policiais, a àrea de Lisboa constituia um bom refúgio que preocupava a policia. «Se entram em Lisboa, vai ser difícil apanhá-los», diziam os investigadores.

No entanto, por rivalidade entre grupos , foi na área da capital, onde «Carlos da Malveira» tinha «uma divida cõm o mundo do crime», que os dois evadidos haviam de ser recapturados, depois de terem entrado em Lisboa bem antes das operações montadas pela policia nos principais acessos, em Vila Franca de Xira e Ponte 25 de Abril. Foi precisamente em Lisboa, onde se poderiam refugiar sob o anonimato de um novo visual e de uma nova matricula para o Toyota azul metalizado, estacionado e coberto com uma capota, como tantos outros veículos a aguardarem o fim-de-semana do triângulo turístico, que os dois evadidos terminariam a sua fuga, sem tiros e resistência, no meio de uma multidão de curiosos.

Dos apoios ás traições, os subúrbios foram-lhes fatais.

Saída à rua precipitou captura

Desde sábado à tarde que os seus movimentos eram seguidos pela policia que, entretanto, tinha recolhido as informações necessárias para localizar os fugitivos na Reboleira, num apartamento tipo «F» da Cidade Jardim de J. Pimenta.

Numa área de 30 m², Germano Raposinho e Carlos Alberta Ferreira Pereira matavam o tempo lendo jornais, passando os olhos por revistas pornográficas, ouvindo rádio e vendo televisão a preto e branco. À esquerda da entrada, num canto do apartamento, a «kitchnet», o saco de batatas, a mesa para as refeições e a janela incómoda, tapada com reposteiros e com duas toalhas de banho. Do lado direito, a casa de banho e a cama completavam o espaço do refúgio.

No domingo à noite, dizem os vizinhos, «à hora do Domingo Desportivo, ouvi muito barulho na rua e vi uma data de homens lá fora a falar, que eu deduzi serem policias». A dedução é justificada: «há aqui muita droga e as rusgas são frequentes», mas no 53-A ningúem sabia quem eram os ocupantes do 3º F pois «os vizinhos aqui não deram por nada, aliás eu não encontrei ninguém desconhecido aqui na escada»,

.Horas depois, pelas 8 horas da manhã, Carlos Alberto Ferreira Pereira sai de casa, percorre os 40 metros que o separam da padaria, passa pelo Toyota, entra no estabelecimento e pergunta onde pode comer qualquer coisa. A resposta não satisfaz as necessidades do pequeno almoço, e «Carlos da Malveira» volta atrás, desce dopis lanços de escada, passa pelo bingo do Estrêla da Amadora, dirige-se a um quiosque e pede o «Correio da Manhã» e «A Bola».

Não os chega a ler, nem a abrir, porque na sua peugada, sem que se tivesse alguma vez apercebido, seguem dois agentes da Judiciária, um vestindo um fato de treino, que lhe dão ordem de prisão: «se te mexes levas um tiro», terão dito os agentes, segundo o

O quiosque onde um dos fugitivos foi apanhado em «flagrante delito» de compra de jornais

"Carlos da Malveira" subúrbios

O prédio onde a PJ conseguiu localizar os dois elementos

relato da proprietária que fica de braço estendido com o troco na mão.

Minutos depois, no primeiro cotovelo da Rua Drº Arlindo Vicente, o cerco era montado. Um agente sobe para o tejadilho de um carro, e segundo os testemunhos dos populares, de megafone em riste dirige-se ao outro evadido: «Raposinho, rendete, estás cercado».

«Ele atirou as armas pela janela, de braços no ar, e a policia subiu», continua uma testemunha ocular. Na escada ouve-se um estrondo, o arrombar da porta ainda fechada, e alguns minutos depois, Gerrmano Raposinho via terminada a sua fuga, entre dois agentes. «Ele vinha no meio de dois policias que o agarravam, pediu um cigarro e então virou-se para um e disse «larga-me porco», levando logo uma coronhada e indo pelas pernas abaixo», conta uma vizinha que, durante todo o dia se multiplicou em declarações aos jornalistas.

No apartamento, além dos bigodes necessários à transforação, a policia apreendeu 1 espingarda-metralhadora G3 e duas pistolas de «elevado calibre».

Para os dois fugitivos, que às 9 e 30 davam entrada nas instalações da Policia Judiciária, à Rua Gomes Freire, a evasão de 14 dias tinha acabado, bem mais cedo do que as autoridades esperavam. Com efeito, foi a saida do pequeno apartamento de «Carlos da Malveira» que precipitou os acontecimentos, apressando a recaptura dos dois cadastrados.

Os dois novos «visuais» de Raposinho e «Carlos da Malveira» obtidos após a captura

Dono da casa: «soube pelos jornais»

A meio da tarde de ontem, um jovem de passo nervoso, sobe as escadas do 53-A, dirige-se ao terceiro andar, troca um breve diálogo com o agente da PSP colocado no patamar, empurra a porta do apartamento e, menos de um minuto depois sai do prédio. «É o dono da casa», dizem os vizinhos.

Em passo vivo, dirige-se à esquadra, escusa-se a prestar declarações ao jornalista, «oh, homem, eu estou de cabeça perdida», e apresenta-se no «guichet» das instalações da Policia de Segurança Pública da Reboleira.

Enquanto espera, confirma que é o dono da casa, familiar por afinidade de Carlos Alberto Ferreira Pereira, padrinho da sua mulher, e pergunta angustiado: «tenho a casa toda partida, quem me paga a porta?».

Depois de ouvido, Helder sai da esquadra e revela: «soube pelos jornais que o que se passava era na minha casa, que comprei há seis meses». «Ainda no sábado estive cá de manhã, a tomar banho e estava tudo em ordem», prosseguiu, explicando a sua ausência da residência que «estou a pagar com muito sacrificio», com um emprego «conseguido há quinze dias».

Em respota ao repórter, este jovem trabalhador da indústria hoteleira, reafirma desconhecer que a sua casa servia de refúgio aos evadidos, não adiantando nada sobre a forma como Raposinho e «Carlos da Malveira» lá entraram. «Eu não dei chave nenhuma a ninguém», refere, adiantando que a nova fechadura «fecha em cima e em baixo e não é fácil de arrombar».

Este será um «mistério» que a Policia Judiciária irá desvendar, já que Helder foi convocado para prestar hoje declarações na PJ. Se se confirmar a cedência do apartamento, poderá incorrer nas acusações de encobrimento ou ajuda à fuga de presos.

No entanto, ontem, a sua preocupação era arrumar a casa e referir, sempre: «eu soube pelos jornais e no sábado quando cá estive, estava tudo normal».

As armas ontem apreendidas no apartamento onde os dois evadidos se tinham refugiado

Conflito dos taxistas portugueses e espanhóis em vias de solução

Cerca de duas centenas de taxistas nortenhos bloquearam ontem junto da fronteira de Valença a entrada de colegas espanhois, como protesto contra a apreensão de táxis portugueses que se deslocam em serviço a Espanha.

Os taxistas das regiões fronteiras do Alto Minho pretendem denunciar as apreensões e as autuações levadas a cabo pela brigada espanhola a seis profissionais portugueses e que envolveram multas no valor de 45 mil escudos.

Uma fonte da Associação Nacional dos Transportes Rodoviários em Automóveis Ligeiros (ANTRAL) disse à Anop que este movimento está a alastrar aos postos fronteiriços de Monção/Salvaterra e S. Gregório/Ponte Bargues, onde a travessia do rio é efectuada de barco.

Os profissionais portugueses exigem negocições entre as direcções gerais dos transportes terrestres dos dois países, para serem emitidas em Portugal as «folhas de route», documento exigido aos motoristas portugueses pela autoridade espanhola.

Júlio Sousa, delegado distrital da Antral, explicou que os taxistas portugueses apenas querem «igualdade de tratamento» em relação aos colegas espanhóis. «Iremos bloquear a entrada até os dois governos se entenderem», disse.

«Não podemos entrar nem sair de Espanha entre as 00h00 e as 08h00 e eles entram cá a qualquer hora» — observou.

«Também não nos é permitido entrar em Espanha vazios, quando os espanhóis podem vir a Portugal buscar os nossos clientes — salientou.

Como retaliação à atitude dos portugueses, taxistas espanhóis encontram-se do outro lado da fronteira, a impedir a entrada de carros de aluguer portugueses naquele país.

Entretanto, os taxistas da localidade de Verin, na província de Orense, bloquearam ontem parcialmente durante duas horas o trânsito na passagem fronteiriça desta localidade com Portugal.

Com esta medida, entre as 12h00 e as 14h00, os taxistas de Verin responderam a um bloqueio similar que horas antes tinham feito taxistas portugueses na fronteira de Valença do Minho — Tuy.

Dez taxistas de Verin permaneceram durante duas horas na fronteira para evitar a passagem de táxis portugueses para Espanha, mas sem que se tenham produzido quaisquer problemas na passagem da fronteira por outros automóveis.

Um porta-voz dos taxistas espanhóis disse que há alguns meses existe uma grave situação de conflito porque os taxistas portugueses os estão a obrigar a deixar os passageiros logo ao atravessar a fronteira.

Para hoje está convocada uma nova concentração de taxistas espanhóis na fronteira com Portugal por Verin-Chaves, para insistir no protesto.

Representantes dos taxistas disseram que também poderiam levar a cabo acções similares noutros postos fronteiriços, entre eles o de Tuy.

Um bloqueio desta fronteira poderia provocar graves problemas ao já congestionado trânsito por causa das reduzidas possibilidades da ponte sobre o Minho para dar saída ao movimento turístico desta época.

A circulação de veículos na fronteira de Valença poderá ser totalmente interrompida se até hoje os taxistas não obtiverem garantias de negociações entre os governos português e espanhol — disse à Anop uma fonte da Antral.

Manuel Fernandes, delegado concelhio da Associação de Valença, precisou que se não forem tomadas quaisquer medidas pelas autoridades portuguesas, as cerca de duas centenas de taxistas ali em protesto irão interromper por tempo indefinido a circulação de veículos pela fronteira de Valença.

A mesma fonte salientou que; aliados ao mesmo movimento já se encontra nos postos fronteiriços de S. Gregório e Monção mais de uma centena de carros de aluguer e «esse número — disse — tende a aumentar».

Por outro lado, os carros que pretendem atravessar a fronteira estão a formar filas mais ou menos compactas de cerca de três quilómetros, apesar dos esforços da Guarda Nacional Republicana destacada para o local.

Entretanto — A Secretaria de Estado dos Transportes e Comunicações anunciou ainda ontem que estão asseguradas desde domingo «as condições de absoluta reciprocidade e igualdade de tratamento» entre taxistas portugueses e espanhóis.

«As autoridades aduaneiras portuguesas estão a exigir desde domingo aos automóveis ligeiros de aluguer espanhóis a apresentação à entrada em Portugal, duma declaração equivalente à folha de itenerário que tem sido exigida aos seus colegas portugueses pelas autoridades espanholas, especialmente na Galiza», refere uma nota do gabinete do secretário de Estado dos Transportes e Comunicações.

A mesma nota sublinha que «os acordos bilaterais em vigor não permitem que os automóveis de aluguer ligeiros de passageiros de cada um dos países entrem no outro vazios, mas permitam que o serviço iniciado num país seja integralmente feito pelo mesmo carro, quer termine no outro país quer inclua o regresso ao país de origem, desde que com os mesmos passageiros».

Assaltada a Igreja de Liceia

A igreja de Liceia, em Montemor-O-Velho, foi assaltada, tendo sido furtados um cálix, uma custóia, uma patena em prata e o dinheiro da caixa de esmolas.

O assalto, perpetrado a semana passada, foi revelado hoje pela Polícia Judiciária de Coimbra, que afirma, em comunicado, que os objectos f tados são, provavelmente do sécullo XVI!

Os assaltan..es — afirma a PJ — entraram no templo depois de arrombarem a porta principal, tendo sido furtado também um gravador.

Criança afogada num poço

— Um rapaz de 7 anos, Damião Figueiredo, morreu ontem afogado num poço em Lisboa — disse uma fonte do Batalhão de Sapadores Bombeiros.

A mesma fonte acrescentou que a criança caiu a um poço com cerca de 12 metros de profundidade e quatro de altura de água, situado na Rua da Junqueira, na zona de Belém.

O acidente ocorreu às 16 e 30 quando o menino brincava no quintal onde se situa o poço, com a profundidade de 12 metros e quatro de água.

Após ter sido colhido no Campo Pequeno

Cavaleiro Varela Crujo há três anos em coma

O cavaleiro tauromáquico Varela Crujo, que em 11 de Agosto de 1983 foi gravemente colhido na Praça de Toiros do Campo Pequeno, completou ontem três anos em coma profundo num quarto do 6.º piso do Hospital de Beja. Da colhida resultaram várias fracturas cranianas que o lançaram desde então em vida vegetativa.

Apesar de ter nascido em Lisboa, Varela Crujo, de 29 anos, iniciou a sua carreira em Beja na herdade de seu pai, criador de reses bravas. Depois de uma curta carreira como forcado, Varela Crujo passou ao toureio equestre, vindo a tomar alternativa de cavaleiro profissional em 10 de Abril de 1977, na Praça de Toiros do Campo Pequeno, iniciando uma promissora carreira. Seis anos depois, na mesma praça, um novilho da ganadaria de Manuel Agostinho Pontes Dias acabou de maneira trágica com a sua carreira nas arenas.

O dia 11 de Agosto já constituía uma data particularmente triste para os aficionados portugueses, pois em 1974 «Couchartep», da ganadaria de Hoyo de La Gitana, colheu mortalmente em Barcelona o matador de toiros José Falcão.

Inspecção Económica apreende vídeos

Na área de Leiria, uma brigada apreendeu 177 videogramas no valor de 722 contos, em dois videoclubes, por os estarem a comercializar em situação ilegal.

Para além da apreensão foram instaurados 2 processos por contra-ordenação.

Em Macedo de Cavaleiros, pelo abate clandestino de 10 leitões foi detido o proprietário de um restaurante.

Julgado em processo sumário foi condenado em 45 dias de prisão remíveis a 200$00 diários, 100 dias de multa à mesma taxa e perda do valor da mercadoria a favor do Estado.

Em Lisboa foi detido o sócio-gerente de uma firma por estar a comercializar produtos impróprios para consumo.

Julgado no Tribunal de Polícia foi condenado em 30 dias de prisão remíveis a 200$00 por dia e 20 dias de multa à mesma taxa.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

Era ainda pequeno, quando lhe falaram naquele país maravilhoso.

País das mil e uma noites onde, a acreditar na palavra dos mais velhos, aconteciam verdadeiras surpreendências, como por exemplo: as pessoas eram amigas umas das outras, trabalhavam, sabiam que havia um futuro e lutavam por ele. Era o país das maiores esperanças... Então pediu a seu pai que o autorizasse a visitar aquela terra mergulhada nas brumas do sonho. Largou, por fim.

Não sabe dizer quanto andou, talvez centenas, talvez milhares de quilómetros. Mais andaria, se não fora para sonho tão bom, tão pobre a vida. Quase estoirado, um dia, quando abriu os olhos e julgava que os abria pela derradeira vez, encontrou à sua frente a magestade da Terra Prometida...

Errou pelos caminhos, tonto, como se pairasse a cavalo numa nuvem ou estivesse encharcado de vinho. Mas depressa voltou a si, tomou pé.

E viu. Viu que as pessoas não eram tão felizes quanto se dizia no conto de fadas. Reparou, por exemplo, naquelas bandeiras negras do cortejo: não eram, de maneira nenhuma, um sinal de alegria.

E viu outra vez nas empresas as pessoas humilhadas, castigadas e obrigadas a esconder os seus verdadeiros sentimentos. E viu novamente a polícia puxando dos bastões e carregando sobre os mais fracos. E viu os barcos parados e os homens mandados embora; e as terras arrancadas a quem as ama e devolvidas aos mercenários; e viu quem trabalhasse sem a paga do seu suor; viu, no poleiro, a voz dos poderosos, bem vestidos, bem falantes e com os dentes todos à mostra, sujos...

«Enganei-me — pensou ele com amargura —, este não é o país de boa semente. Aconteceu algo de monstruoso ou então fui enganado no caminho. Não tenho mais nada a fazer senão continuar à procura dele.

Foi então que o cachalote voltou ao mar e ninguém o viu mais no Tejo.

Um dos últimos da Europa

Portugal tem um automóvel ligeiro por cada 8,5 habitantes

Em Portugal havia, em Dezembro do ano passado, um veículo automóvel por cada 6,6 habitantes e um automóvel ligeiro por cada 8,5 habitantes, de acordo com o relatório de 1985 elaborado por associações empresariais do sector.

No documento revela-se que o número de habitantes por veículo era de 1,4 nos Estados Unidos, 2,3 na Alemanha Federal, Suíça e França, 2,5 em Itália e na Suécia, 3,7, em Espanha, 5,9 na Grécia e 6,6 em Portugal.

O relatório mostra que o parque automóvel continua a envelhecer em Portugal, verificando-se que em 1985 mais de um terço (34,2 por cento) dos automóveis ligeiros tinha mais de 10 anos e um em cada cinco mais de 12 anos, sendo a idade média dos 1,185 milhões de automóveis de passageiros em circulação de 7,4 anos, idêntica à de 1984, mas superior à de 1983 (7,2 anos).

A idade média dos 356 mil veículos comerciais era em 1985 de 5,3 anos, um agravamento em relação aos dois anos precedentes (4,4 anos em 1983), verificando-se que em 1985 metade dos comerciais tinha mais de cinco anos e apenas 12,5 por cento tinha menos de 2 anos (em 1983 23,3 por cento dos comerciais tinha menos de dois anos). O parque mais degradado é contudo o de motociclos, em que mais de metade (57,1 por cento) dos 49 000 que circulavam em 1985 tinha mais de 10 anos.

Em 1985, foram vendidos em Portugal 115 120 veículos automóveis novos, o que representa um acréscimo de 18 por cento em relação ao ano precedente, mas um número ainda distante dos 122 640 vendidos em 1981 e dos 121 833 vendidos em 1982. As vendas de automóveis ligeiros de passageiros e mistos aumentaram 22,6 por cento em 1985, atingindo as 93 786 unidades, mas a venda de comerciais pesados continuou a descer, quedando-se pelos 3273 em 1985, o que representa pouco mais de um terço dos 9222 vendidos em 1981.

Importaçõe e exportações

De acordo com o relatório de 1985 da ACAP/AIMA, a produção de veículos automóveis ligeiros baixou o ano passado para 60 975, depois de, em 1983, se ter aproximado das 66 000 unidades. Apenas a montagem de comerciais ligeiros aumentou (de 20 197 unidades em 1984 para 24 505 em 1985), tendo a produção de comerciais pesados baixado cerca de 30 por cento, para se situar nas 2043 unidades no ano passado.

A exportação de veículos produzidos em Porutgal fixou-se em 1985 em 15 273 unidades, o que representa um decréscimo de 31,5 por cento relativamente ao ano precedente. Em Dezembro do ano passado, havia em Portugal 14 linhas de montagem (seis transnacionais e oito portuguesas) que empregavam 4756 trabalhadores, dos quais 4330 da produção, verificando-se que em relação ao mesmo mês de 1984 o número de postos de trabalho na montagem automóvel baixou em 520 e que uma linha fechou.

Segundo o mesmo decumento em 1985, Portugal importou 6,47 milhões de contos de peças e acessórios automóveis e exportou 5,65 milhões de contos, apresentando assim um saldo negativo de 822.000 contos. No mesmo ano exportou 3,183 milhões de contos de pneus e importou 3,169 milhões, apresentando um saldo positivo de 14.273 contos no comércio externo de pneus, que no ano anterior tinha tido um balanço negativo em 103.580 contos.

A produção mundial de veículos em 1985 foi de 44,96 milhões, cabendo ao Japão o primeiro lugar, com 12,27 milhões de veículos fabricados, e o segundo lugar aos Estados Unidos, com 11,65 milhões. Relativamente a automóveis ligeiros, produziram-se no ano passado 32,72 milhões, sendo o primeiro produtor mundial os Estados Unidos, com 8,18 milhões de unidades, e o segundo o Japão, com 7,65 milhões. Este país é o primeiro exportador mundial de veículos, tanto ligeiros como comerciais, com um total de 6,73 milhões de unidades.

Registos

O relatório da ACAP/AIMA mostra que em 1985 foram registados em Portugal 104,195 automóveis de passageiros, 23.146 veículos comerciais e 1.386 motociclos. O número de transferências de propriedade de ligeiros usados na Conservatória de Automóveis de Lisboa (que representa 85,4 por cento do total nacional) aumentou 17,8 por cento, atingindo 176.554 unidades transferidas de propriedade, das quais três em cada quatro foram transacções feitas por particulares.

Verificou-se também um aumento das transferências de propriedade de comerciais ligeiros e pesados e autocarros usados. O documento das duas associações empresariais salienta que se tem verificado uma baixa real dos preços de venda de automóveis usados, tendência que deverá consolidar-se com a liberalização das importações de automóveis usados, decorrente da adesão à CEE, a partir de Janeiro de 1988.

Relativamente aos tractores, foram registados 5.419 em 1985, sendo o parque nacional composto por cerca de 99.000 tractores, agrícolas e industriais, dos quais quase metade (47,4 por cento) têm entre 5 e 10 anos e 16,6 por cento têm mais de 10 anos. A facturação de veículos automóveis novos em 1985 rondou os 135 milhões de contos, segundo estimativas da ACAP e AIMA, e a facturação global da área comercial do sector automóbel em Portugal terá excedido os 209 milhões de contos, o que representa quase 6 por cento do produto interno bruto, e exportou cerca de 35 milhões de contos. O comércio, montagem e reparação automóvel ultrapassa os 100.000 postos de trabalho, mesmo não incluindo o fabrico de componentes.

Recebemos mais donativos para a Carla Maria

Os leitores do «DL» continuam a manifestar a sua solidariedade com a pequena Carla Maria que desde os 4 anos luta pela sobrevivência e a quem agora resta uma última esperança: submeter-se a tratamento num hospital especializado de Inglaterra, conforme tornámos público no nosso apelo de 19 de Julho.

Assim recebemos e agradecemos em nome de Carla Maria os seguintes donativos, a acrescentar aos já enviados:

Olga Campos Conceição Fernandes 400$00; F. Pinto Ribeiro, 3280$00; Grupo de Sócios do Ginásio Clube Português, 10 000$00; J.F.C., 1000$00; Bininha, 2000$00; Maria Rosa Nunes, 1000$00; Ana, João e Susana Carvalho, de Santarém, 2000$00; de um Ribatejano, revolucionário, 250$00; Anónimo do Mucifal, 250$00; António Ribeiro dos Santos, de Coimbra, 500$00; Manuel dos Santos, de Coimbra, 500$00; Mário Óscar Saraiva Andrade, de Coimbra, 500$00. Mais donativos recebidos directamente pela Carla: Maria Odete Pinho, 1000$00; Um anónimo, 2000$00; Alberto de Oliveira, 200$00; Custódia Maria Cavaco Catita, 500$00; Emília Aurelina Carrajola, 1000$00; Hernando Manuel Faria Silva, 275$00; funcionários do B.C.G. de Lisboa, 3450$00. Total recebido 185 555$00 escudos e 20 dólares canadianos.

VÁ AO CINEMA
MAS, PRIMEIRO,
LEIA O ROTEIRO
DO "SE7E"

Agora ainda mais completo

DISTRIBUIÇÃO

Com o se7e, você é o primeiro a saber

Espanha "passa" a ficar muito mais perto

Castro Marim: o concelho mais atrasado do Algarve espera que ponte mude tudo

Esquecido durante séculos, o concelho de Castro Marim espera agora que uma ponte o vá levar à Europa da civilização. É a ponte internacional sobre o rio Guadiana, obra que representa um investimento global de cerca de 3,5 milhões de contos e cujo arranque se prevê já para o próximo ano.

Fundado em 1277, o conecIho de Castro Marim assumiu durante os quatro séculos de presença árabe na península Ibérica uma enorme importância, somente comparada a Taviera ou Silves.

Contudo, os conflitos pesqueiros luso-espanhóis viriam a ditar a sua sorte, relegando-o para plano secundário, situação em que se manteve desde meados do século XVIII até aos dias de hoje.

Foi uma questão de soberania nacional que teve por principal interveniente o marquês de Pombal que, querendo acabar com os abusos dos pescadores de Montegordo, na maoria espanhóis, resolveu fundar Vila Real de Santo António.

Castro Marim não viu com «bons olhos» essa medida. Primeiro porque isso implicou que lhe fosse «roubada» não só grande parte da área do seu litoral como também implicou a extinção do seu tribunal e alfândega.

Privada destes meios, Castro Marim passou a partir daquela altura e até hoje, a ser «a vila sombra» de Vila Real de Santo António, apesar de o seu território ser cerca de seis vezes maior.

Com uma população residente de menos de dez mil habitantes, nos seus trezentos quilómetros quadrados, uma das taxas mais baixas do país, o concelho de Castro Marim é, com efeito, dos mais desfavorecidos do Algarve.

Entalado nas montanhas do Nordeste algarvio, Castro Marim vive numa economia fechada, baseada na agricultura tradicional e de subsistência.

A baixa produtividade do trabalho, resultado da pobreza da terra, cavou a clivagem que o separa das restantes populações da faixa litoral da região.

Como escape a esta situação mutios dos naturais viram-se forçados a procurar melhores condições de vida no litoral, nomeadamente no concelho vizinho de Vila Real de Santo António.

A par de todas estas limitações naturais verifica-se no concelho uma deficiente rede de infraestruturas, sobretudo a nível de saneamento básico, saúde e ensino, não dispondo de qualquer escola preparatória ou secundária.

Para o presidente da Câmara de Castro Marim, Guilhermino Anacleto, «a construção da ponte irá produzir o 'volte-face' esperado na vida do concelho».

Em sua opinião, ela irá melhorar o nível de vida das populações ao criar mais postos de trabalho e ao implicar toda uma série de novas iniciativas, nomeadamente no sector turístico.

A ponte irá dar corpo a um importante projecto viário internacional — a chamada estrada trans-mediterrânica — que passará a ser um dos principais eixos turísticos da Europa, ao ligar grande parte da bacia do Mediterrâneo com possibilidade ainda de acesso ao Norte de África.

Para que esta infraestrutura não passe de um acto isolado, a Câmara de Castro Marim tomou já algumas medidas, nomeadamente a elaboração de um plano de ordenamento do seu território.

Segundo o presidente da edilidade, aquele plano irá disciplinar o crescimento urbanístico definindo áreas de desenvolvimento dotadas das respectivas estruturas básicas.

A zona turística

Naquela estratégia integram-se também os três quilómetros de costa do concelho, considerados por Guilhermino Anacleto de «preciosos» pois que constituem a sua «zona turística por excelência».

Trata-se da Praia da Altura, onde a Câmara investiu recentemente duzentos mil contos em infraestruturas e que poderá ser largamente beneficiada com o movimento turístico canalizado pela ponte.

O aproveitamento do castelo de Castro Marim — de origem árabe e que chegou apertencer à Ordem dos Templários — é outro dos propósitos da autarquia.

A iluminação exterior do monumento, uma iniciativa do Instituto Português do Património Cultural, encontra-se já concluída, sendo ainda itenção construir no seu interior uma pousada, de forma a «fazer reviver aos turistas os tempos áureos de permanência árabe na província».

Para além destes pólos de desenvolvimento que se prevê sejam directamente beneficiados com a nova ponte, o concelho de Castro Marim encerra ainda, segundo o seu presidente, outras potencialidades «ainda inexploradas ou mal aproveitadas».

Elas residem sobretudo nos sectores agro-silvo-pastoril, cinegético e agrícola e no aproveitamento de certas indústrias artesanais com fins turísticos.

A aquacultura, piscicultura e a exploração do sal, potencialidades oferecidas pela reserva do Sapal, bem como o aproveitamento da barragem do Beliche e futura barragem de Odeleite, são ainda outros campos a explorar.

Para o tornar mais próximo dos restantes concelhos algarvios também o plano de desenvolvimento regional (PDR-Algarve) aponta um conjunto de acções e projectos a desenvolver nos próximos quatro anos.

A construção da barragem de Odeleite é um desses eixos de desenvolvimento permitindo, conjuntamente com a barragem do Beliche, a rega de sete mil hectares para além de garantir o abastecimento de água às populações.

O apoio e melhoramento da caprinicultura e ovinicultura, bem como o fomento da aquacultura, piscicultura e silvo-pastorícia, são ainda outras medidas apontadas naquele plano.

Por outro lado está prevista a implementação de um programa de formação e animação sócio-cultural para jovens dos 14 aos 25 anos, assim como um projecto para a construção de um lar para idosos com a capacidade de cerca de quarenta utentes, nas freguesias de Azinhal e Odeleite.

Das acções a desenvolver no âmbito do PDR no sector do turismo figura o equipamento turístico-desportivo do concelho, nomeadamente a construção e complementarização de piscinas, complexos de ténis, campos de golfe e centros náuticos.

Enfim, é em todo este conjunto de medidas a implementar a curto e médio prazo que irá assentar o futuro desenvolvimento do concelho de Castro Marim.

O actual executivo camarário está optimista quanto aos resultados esperando que depois do decréscimo populacional da década de 1970 se venha a verificar agora uma taxa de crescimento de cerca de vinte por cento, nos próximos cinco anos.

Seca na Ilha de S.Miguel afecta a produção leiteira

A maior parte da Ilha de S. Miguel debate-se com a falta de água e a produção de leite da lavoura micaelense está praticamente reduzida a metade devido à seca que se tem verificado nos últimos dias.

A pouca chuva que tem caído nos últimos dias nos Açores, devido a uma depressão que se desloca lentamente sobre o arquipélago não é considerada «suficiente», e a erva dos pastos secou em quase toda a Ilha de S. Miguel.

A falta de água obrigou já ao corte de abastecimento durante quatro dias, na ilha de S. Miguel, e as zonas mais afectadas são o concelho da Ribeira Grande e as freguesias de Rabo de Peixe, Pico da Pedra e em Calhetas, uma ds localidades mais pobres da ilha, todas localizadas na costa norte.

Nas três freguesias existem zonas que não recebem água há quase uma semana, situação que começa a ser dramática para a população afectada.

Para atenuar a carência de água potável a Câmara Municipal da Ribeira Grande já encomendou a uma empresa privada um estudo para se encontrar nascentes de água alternativas às actuais que estão praticamente secas.

A falta de água generalizada na Ilha de S. Miguel está a provocar não só aescassez de pasto para o gado como obriga muitos micaelenses a fezerem logas caminhadas para conseguirem um balde de água.

Face à seca os serviços municipalizados optaram pela racionalização no abastecimento de água que se prolonga pela Ilha Terceira, principalmente no concelho de Angra do Heroísmo, onde a população recebe água por dias alternados.

A alternativa imediata para as populações da região é a existência de uma única fonte pública, que continua aberta, obrigando os utentes a formarem longas bichas de espera, durante várias horas.

Também no Faial, onde se está a realizar a «Semana do Mar», um certame que tem registado elevada afluência de açorianos, continentias e estrangeiros, começam a existir carências de água, embora mais reduzidas que em S. Miguel e na Terceira.

Mas a seca tem afectado mais S. Miguel, a maior ilha açoriana, onde o concelho de Ponta Delgada, o maior e mais populoso dos Açores, tem sido sujeito a cortes de água durante alguns dias e noites.

Se vier a ser publicado

PS vai pedir a ratificação do "decreto da banca SARL"

O Partido Socialista considera que a proposta governamental de transformar a banca nacionalizada em sociedades anónimas representa «a abertura de um caminho para uma futura privatização total da banca».

Em comunicado, o Gabinete de Imprensa do Partido Socialista anunciou que pedirá a sua ratificação se tal decreto vier a ser publicado e refere que, «tal como foi apresentada, a iniciativa do Governo não se destina a racionalizar o sector público mas apenas a facilitar duas coisas: a tomada de medidas lesivas do interesse dos trabalhadores e abertura do caminho para a futura privatização total da banca».

O PS considera que a iniciativa do Governo de transformar alguns bancos nacionalizados em empresas de capitais abertos à participação de empresas públicas só teria alguma lógica se «a mesma se destinasse a constituir grupos económico-financeiros do sector público com alguma lógica empresarial que criassem centros de racionalização de decisões».

«A medida do Governo é assim uma falsa medida e visa claramente outros fins», diz o comunicado do PS, que sustenta que a medida proposta pelo Governo não tem «qualquer lógica».

O documento do PS considera que «não faz sentido pôr empresas publicas em boas condições, ou o Fundo de Abastecimento a fazer aplicações financeiras para reforçar os capitais dos bancos. Esta é uma responsabilidade do Estado tratando-se de instituições que continuam a ser do sector publico», acrescenta.

Concentração na UBP

Em protesto contra o projecto governamental de transformação da União de Bancos Portugueses em SARL, os membros das organizações representativas dos trabalhadores da banca eleitos pelas listas unitárias promoveram hoje uma concentração em frente à sede daquela instituição, em Lisboa.

Por outro lado, também com o objectivo de contestar o projecto de transformação da Socamar em SARL, os trabalhadores daquela empresa pública deslocaram-se hoje à Secretaria de Estado das Vias de Comunicação, a fim de ali entregarem um memorando sobre a questão.

PCP quer informações sobre à Socamar e UBP

O deputado Carlos Carvalhas, do PCP, requereu ao Governo, através da Assembleia da República, o esclarecimento de uma série de questões relacionadas com a intenção governamental de transformar a empresa pública Socarmar e alguns bancos nacionalizados em sociedades anónimas. No requerimento referente à Socarmar, Carlos Carvalhas sublinha que «neste caso, como afirmam justamente os trabalhadores, nem sequer colhe o estafado argumento até agora utilizado para desmembrar, extinguir ou entregar empresas ao grande capital, de que se trata de uma empresa inviável». Com efeito, recorda o deputado, «esta empresa de 1977 a 1985 passou o seu auto-financiamento anual de 50 para 632 mil contos e no mesmo período os impostos sobre os lucros subiram de 6 para 296 mil contos».

Entre outras coisas o documento interroga o Ministério das Obras públicas sobre «se sim ou não tal transformação em sociedade anónima de responsabilidade limitada se liga às conhecidas negociatas que têm estado por detrás das tentativas de liquidação da EPAC, bem como às 'movimentações' do grupo Scheeder/Cor. Figueiredo - firma Vieira e Silveira?»

No requerimento relativo à banca pergunta-se designadamente se «pensa o Governo ter competência para alterar o estatuto da banca nacionalizada em SARL's face ao artigo 168- número 1 da Constituição da República e ao acordão do Tribunal Constitucional n. 212/86»

Sindicatos contra liquidação da Siderurgia Nacional

«A transformação da Siderurgia Nacional numa pequena indústria para fabricar produtos não rentáveis às siderurgias da CEE é o objectivo imediato dos monopolistas europeus do sector, com a subserviência do Governo português», afirma a Federação dos Sindicatos Metalúrgicos, num comunicado divulgado há dias.

De acordo com o documento, este objectivo levará, dentro de alguns anos, devido ao envelhecimento do material, «à liquidação total da indústria siderurgica em Portugal».

A curto prazo, afirmam os sindicatos, deverão ser despedidos dois mil trabalhadores, metade do pessoal da empresa, o que implicará a precariedade de trabalho para cerca de oito mil trabalhadores de outras empresas, a montante e a juzante da siderurgia. Em consequência da política «imposta pelo protocolo 20 da adesão à CEE, vergonhosamente assinado pelo Governo português, a Siderurgia foi obrigada a tomar medidas concorrenciais, economicamente gravosas, que, conjuntamente com a degradação financeira, a levam ao encerramento parcial ou total».

Casolina sobe em França e Inglaterra

Os preços dos combustíveis na Grã-Bretanha e em França vão ser aumentados em consequência da evolução dos preços do petróleo nos mercados internacionais.

Ás 00h de hoje, terminou para os automobilistas britânicos um período de seis meses de gasolina barata, com o aumento de sete pence (15 escudos) por cada galão (4,5 litros) de gasolina super, anunciou a companhia Shell.

A subida de preços vai variar de acordo com as estaçoes de serviço mas o objectivo da companhia é aumentar os preços até, pelo menos, 164,6 pence o galão, o nível de preços, de Junho último.

A Shell afirmou que a alta de preços é independente das últimas decisões dos países da OPEP sobre uma redução concertada da produção global da organização, as quais provocaram um aumento sensível dos preços do crude.

A companhia petrolífera disse que os preços da gasolina baixaram muito nos últimos meses e que, por isso, tinha perdido dinheiro na maior parte das vendas de produtos petrolíferos.

Em França, os preços dos combustíveis vão aumentar esta semana, devido a subida do preço do crude nos mercados internacionais, disseram fontes das principais companhias petrolíferas francesas.

As companhias Total e Shell decidiram aumentar, a partir de quarta-feira, em 12 cêntimos (2,60 escudos) o preço das gasolinas normal e super.

Entre 30 de Junho e 4 de Agosto, os preços da gasolina super desceram 27 cêntimos por litro, de acordo com números fornecidos pela Direcção-Geral dos Hidrocarbonetos em França.

CIP contra alteração do regime de contratação

A CIP considerou hoje mais urgente a revisão das leis da greve e das férias, feriados e faltas do que a do regime jurídico das relações colectivas de trabalho, que considera positivo.

A Confederação da Indústria Portuguesa considera «estranha» a opção do Governo, ao decidir alterar o regime das relações colectivas, enquanto que, relativamente às leis «bem mais relevantes» da greve e das férias, feriados e faltas, não existem sequer projectos de revisão.

Num comunicado em que toma posição sobre o projecto de decreto-lei do Governo que altera o regime jurídico das relações colectivas de trabalho, a CIP afirma que o actual regime é positivo, na generalidade, não suscitando especiais objecções por parte dos industriais.

Neste contexto, a Confederação entende não ser actualmente oportuna a revisão daquele regime jurídico.

Greve das cimenteiras atrasa obras públicas

A greve das cimenteiras está a «prejudicar irremediavelmente» os prazos de execução das empreitadas e a comprometer o plano de emergência das escolas, afirmou ontem a Associação Nacional de Empreiteiros de Obras Públicas (ANEOP).

Em telex enviado ao Primeiro-Ministro e aos ministros das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, da Indústria e Comércio, da Educação e Cultura e do Trabalho e Segurança Social, a associação manifesta preocupação pela situação criada pela greve das cimenteiras e «pelos prejuizos que dela podem advir».

Além da impossibilidade de cumprimento dos prazos de execução das obras, devido à falta de cimento, a ANEOP afirma que a greve poderá paralisar a produção de muitas empresas do sector de obras públicas, as quais, por isso, terão resultados negativos e «estrangulamentos de difícil ultrapassagem», ao nível da tesouraria.

Entre as obras que poderão ser prejudicadas pela greve, a associação destaca o plano de emergência das escolas, cuja conclusão está prevista para 31 de Agosto.

A ANEOP considera que a quantidade de cimento que está a ser importada é insuficiente para as necessidades e apela para a colaboração do Governo no sentido da regularização, no mais curto prazo possível, da situação do sector de obras públicas.

Os trabalhadores do sector cimenteiro cumpriram ontem o décimo primeiro dia de paralisação contra a proposta patronal de aumentos salariais de 15,8 por cento. Os sindicatos contrapõem aumentos de 20,5 por cento.

Ouro e platina sobem

O ouro atingiu ontem nos mercados mundiais os preços mais altos desde há dois anos e meio, enquanto os analistas prevêem que ele possa atingir em breve os 400 dólares por onça.

A forte subida do ouro, e também da platina, deve-se a receios generalizados de que a África do Sul possa exercer retaliações contra ameaçadas sanções económicas ocidentais, cortando os fornecimentos.

O ouro atingiu em Londres os 394.50 dólares por onça o seu maior preço desde Março de 1984 e quase mais 28 dólares do que o valor fixado sexta-feira. Em Zurique foi cotado a cerca de 398 dólares antes de cair para 392 dólares ao princípio da tarde.

A platina, que há um ano custava apenas 235 dólares por onça, era ontem comercializada, ao meio-dia, em Zurique a 565 dólares, mais 60 dólares do que sexta-feira. Em Londres, atingiu os 562 dólares mais 59,75 dólares do que sexta-feira.

Os negociantes dizem haver uma grande procura mundial dos dois metais, devido a preocupações com a África do Sul, que produz metade dos fornecimentos de ouro do Ocidente e cerca de 80 por cento da platina.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	33$90	39$90
ALEMANHA FED. (marco)	70$00	71$20
ÁUSTRIA (xelim)	9$85	10$005
BÉLGICA (franco)	3$174	3$424
BRASIL (cruzado)	3$90	6$40
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	104$00	107$00
(notas de 5 a 1000)	104$50	107$00
DINAMARCA (coroa)	18$70	19$10
ESPANHA (peseta)	1$049	1$169
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	144$30	147$80
(notas de 5 a 1000)	144$80	148$30
FINLÂNDIA (marka)	29$30	29$90
FRANÇA (franco)	21$55	22$25
HOLANDA (florim)	62$15	63$25
IRLANDA (libra)	195$00	199$00
ITÁLIA (lira)	$093	$108
JAPÃO (iene)	$824	$949
NORUEGA (coroa)	19$60	20$10
REINO UNIDO (libra)	216$00	220$50
SUÉCIA (coroa)	20$80	21$30
SUÍÇA (franco)	87$05	88$55
VENEZUELA (bolívar)	6$30	7$30

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

24 HORAS

Deserção para Cuba

A Secretaria norte-americana da Defesa desmentiu uma notícia divulgada ontem pelo diário cubano « Granma», segundo a qual um oficial do exército dos EUA desertara e pedira asilo político a Havana. Um porta-voz do Pentágono disse que o nome Hugo Romeu Almeida, que o diário cubano identifica como o desertor, não consta de qualquer ficheiro oficial. De acordo com a notícia do «Granma», Almeida tem o posto de capitão e encontrava-se destacado na base norte-americana de Estugarda, na Alemanha Federal. O diário acrescenta que Almeida encontra-se já em Havana, tendo alegado para a formulação do pedido de asilo «discordância em relação à política norte-americana para a América Central, para onde o queriam destacar».

Assassínio de funcionário do Sudão

Um alto funcionárido da Seguranca Interna do Sudão foi assassinado em Malakal, capital da província do Alto Nilo, segundo noticiou o quotidiano «Al-Seyassa». Kol Jawin, director-geral do Departamento de Segurança Interna de Malakal, foi morto a tiro em frente da sua casa por um polícia não identificado que conseguiu fugir. As notícias da imprensa indicam que o assassínio se enquadra numa nova ofensiva do movimento rebelde « Exército Popular de Libertação do Sudão».

Conversações entre Israel e URSS

A situação da minoria judia soviética e as vendas de armamento soviético ao mundo árabe serão temas «prioritários» para Israel nas conversações de dia 18 em Helsinquia, declarou o ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, Yitzhak Shamir. As conversacões sovieto-israelitas realizam-se na capital filandesa durante dois dias e serão as primeiras de carácter oficial entre ambos os Estados desde 1967, ano da guerra dos seis dias.

Estado de alerta na India

As autoridades indianas colocaram segunda-feira todas as unidades militares do país em estado de «alerta vermelho», na sequência do assassínio do ex-comandsante do Exército, Arun Vaidya, atribuído pela polícia a separatistas Siks.Vaidya, chefe das Forças Armadas quando do assalto do exército ao templo de Amritsar, santuário dos Siks, foi assassinado domingo em Pune por desconhecidos.

Mercado Comum latino-americano

O presidente do Brasil, José Sarney, reiterou que só a vontade política permitirá a criação do mercado comum latino-americano. A afirmação do presidente brasileiro foi feita aos jornalistas após uma reunião com o presidente do Uruguai, que chegou segunda-feira a Brasília para uma visita oficial de cinco dias. Porta-vozes oficiais do governo brasileiro disseram que durante a reunião os presidentes passaram em revista os últimos detralhes dos acordos bilaterais que irão assinar.

150 náufragos recolhidos na Terra Nova

Três pesqueiros canadianos recolheram segunda-feira 150 homens, mulheres e crianças do Sri Lanka há cinco dias à deriva em dois botes salva-vidas ao largo da Terra Nova, informaram os serviços de patrulhamento costeiro canadianos. As pessoas foram obrigadas a embarcar nos botes pelos tripulantes de um «misterioso barco que se desfez deles», disseram as autoridades.

Colisão na Nigéria

Setenta e dois mortos e trinta feridos graves é o balanço da colisão de dois autocarros de luxo no Estado de Bendel, no sul da Nigéria, anunciou ontem um porta-voz policial. O acidente, que provocou ainda três feridos ligeiros, deu-se domingo na estrada entre Benin, capital do Estado, e a localidade de Agbor. As vítimas eram na maioria comerciamtes que viajavam poara o leste da Nigéria.

Andrew Young em Angola:

Hostilidade de Washington com prejudica ambas as partes

A hostilidade de Washington contra Luanda «não só é má para Angola como também para os próprios Estados Unidos», afirmou em conferência de Imprensa o ex-embaixador norte-americano nas Nações Unidas, Andrew Young, citado pela agência angolana Angop.

Num encontro com jornalistas, no termo de uma visita de cinco dias a Angola, o actual presidente da Câmara de Atlanta, Georgia, manifestou a esperança de ver no furuto uma cooperação mutuamente vantajosa entre os dois Governos, a exemplo da que existe a nível de empresas dos dois países, especialmente nos petróleos e na Banca.

Na conferência de Imprensa realizada pouco antes da sua partida de Luanda, o ex-embaixador foi interpelado sobre a próxima votação no Senado norte-americano, de um projecto da Administração Reagan para o aumento do auxílio financeiro e militar ao movimento rebelde UNITA, chefiado por Jonas Savimbi.

«Um voto de ajuda a Savimbi é um voto de ajuda à África do Sul e, no clima actual, não acredito que o Congresso apoie a África do Sul», respondeu Young, admitindo porém que o Senado norte-americano aprove este mês as sanções contra Pretória, incluindo o embargo aéreo, «o mais eficaz e de impacte quase imediato».

A propósito da independência da Namíbia, que a Africa do Sul quer condicionar à retirada cubana de Angola, Young disse que «a única ligação que existe é entre a UNITA e a África do Sul».

Durante a sua visita a Angola, a convite das autoridades angolanas, Young deslocou-se à província de Cabinda, Norte do país, onde a emrpesa norte-americana Chevron participa com a Sonangol na exploração do petróleo, eàs privíncias da Huíla, Cunene e Namibe, no Sul, onde observou os efeitos da guerra.

«O que vi aqui e o que aconteceu em Moçambique, no Lesoto, Zimbabwe e Botswana só pode demonstrar o desespero de um Governo que sem conseguir sequer controlar a situação no seu próprio país, pretende controlar toda a região», comentou Young, segundo a Angop.

O presidente da Câmara de Atlanta exortou o povo e os empresários sul-africanos a pressionarem o regime de Pretória a abdicar do poder, possibilitando que «negros e brancos vivam em paz em toda a África Austral».

Durante a sua permanência em Angola, Young foi recebido em audiência pelo presidente José Eduardo dos Santos e conferenciou com os ministros dos Negócios Estrangeiros, Afonso Van-Dunen «M'Binda», e do Interior, Alexandre Rodrigues «Kito».

Ataque denunciado

O Ministério angolano da Defesa acusou entretanto a África do Sul de ter atacado ontem com

EUA apelam para o fim das hostilidades no Líbano

Os Estados Unidos renovaram o seu apelo para o termo das hostilidades entre as milícias rivais libanesas e a retoma da autoridade legal do governo do presidente Amin Gemayel.

A divulgação do apelo surgiu na sequência dos violentos combates que milícias muçulmanas e cristãs desencadearam no passado fim-de-semana na zona Oriental de Beirute e na região do porto de Junieh.

«As acções de desestabilização fomentadas pelas milícias nas zonas Ocidental e Oriental de Beirute causaram a morte de muitos civis libaneses durante demasiado tempo», disse Charles Redman, porta-voz da Secretaria norte-americana de Estado.

Redman acrescentou que os Estados Undidos «apoiam todos os esforços conducentes ao restabelecimento do diálogo político que abrirá o caminho a uma reforma política, com vista à retoma efectiva da autoridade do governo».

Seja qual for a solução negociada para pôr termo ao conflito, «ela exigirá amplos consensos entre todas as comunidades libanesas», salientou o porta-voz.

Num acampamento de refugiados palestinianos, próximo de Sidon, no Líbano, as crianças brincam sobre os escombros provocados pelo último raid israelita, que provocou quatro vítimas.

Ataque israelita

Ontem aviões israelitas atacaram alvos do Leste do Líbano, matando pelo menos três pessoas, informaram fontes de segurança em Beirute.

Uma garota de cinco anos ficou também ferida no «raid» à área de Ain Al-Souda, a cerca de 10 quilómetros da cidade histórica de Baalbek, acrescentaram.

Um porta-voz militar sírio disse na Rádio Damasco que a defesa aérea síria fez com que os aviões israelitas que atingiram alvos residênciais no Leste do Líbano pussessem fim à ofensiva.

O ataque provocou a morte de pelo menos três civis e fez com que muitos outros ficassem feridos, tendo provocado ainda estragos consideráveis em residênciais de Majdakloun e Hadath Baalbek, disse o mesmo porta-voz.

Fontes militares em Telavive anunciaram entretanto que os seus aviões atacaram bases usadas pelo guerrilheiro palestino Abu Musa, dissidente da facção da Fatah.

A guerra Irão-Iraque

Jactos iraquianos lançaram entretanto um ataque contra o terminal petrolífero iraniano da ilha de Sirri, incendiando dois petroleiros — informaram fontes ligadas à navegação.

Foi o primeiro ataque conhecido contra Sirri, cerca de 160 quilómetros a ocidente do estreito de Ormuz, à entrada do golfo Pérsico.

Anteriormente, Teerão tinha anunciado ter lançado um míssil contra uma refinaria de petróleo em Bagdad como retaliação por ataques iraquianos contra zonas civis no Irão nas últimas duas semanas.

contra Luanda

artilharia pesada e unidades de infantaria, tropas governamentais angolanas estacionadas em Cuito Cuanavale, província de Cuando-Cubango.

(tr) documento governamental indica que as FAPLA causaram 40 baixas ao inimigo e fizeram quatro prisioneiros, além de terem destruído um carro blindado AML-90.

Por seu lado, as forças governamentais angolanas sofreram dois mortos em combate, mas as vítimas civis deste confronto em Cuito Cuanavale ascenderam as 23 mortos e 18 feridos, causados pelos bombardeamentos da artilharia pesada sul-africana.

Em Lisboa, um informador das forças rebeldes angolanas da UNITA (União Nacionl para a Independência Total de Angola) disse ontem ter sido lançado um «ataque preventivo», na noite de sábado, contra Cuito Cuanavale, região onde também, está sedeado o quartel-general do movimento liderado por Jonas Savimbi.

Num comunicado distribuído no domingo, pelo Ministério angolano da Defesa, as autoridades de Luanda acusavam ainda o regime de Pretória de efectuar movimentações das suas tropas em Mulondo e Norte da Cahama, na província do Cunene, e de ter desembarcado material e tropas na área de Chiede.

O citado documento associa «os preparativos da nova agressão sul-africana» com a realização da próxima Cimeira dos Países Não-Alinhados, em Harare, Zimbabwe, e com a «intenção de agravar ainda mais a já tensa situação reinante na África Austral».

Violência no Ulster

Governo britânico vai reforçar acordo anglo-irlandês

A violência desencadeada na Irlanda do Norte durante o fim-de-semana, no décimo quinto aniversário da lei de detenção sem julgamento, prolongou-se até ontem.

Dois agentes foram ligeiramente feridos por um grupo de jovens, que lançaram várias bombas incendiárias em diversas zonas de Belfast, disse a Polícia.

O aumento da violência levou os chefes de segurança do Ulster e da Irlanda a reunirem-se para planificar acções conjuntas, antes do julgamento de Peter Robinson, marcado para quinta-feira.

A Polícia receia que Robinson, membro do Partido Unionista Democrático liderado pelo reverendo Ian Paisley, se faça acompanhar por vários simpatizantes.

Robinson, em liberdade sob fiança é acusado de incentivar a violência na Irlanda, tendo sido detido na passada quarta-feira por ter participado no assalto a um posto policial irlandês, delito pelo qual pode ser condenado a ummáximo de dois anos de prisão.

Por outro lado, Alex Massey, membro do «Sinn Fein», ala política do Exército Republicano Irlandês (IRA), foi detido em Belfast por ter encabeçado uma manifestação ilegal de milhares de católicos.

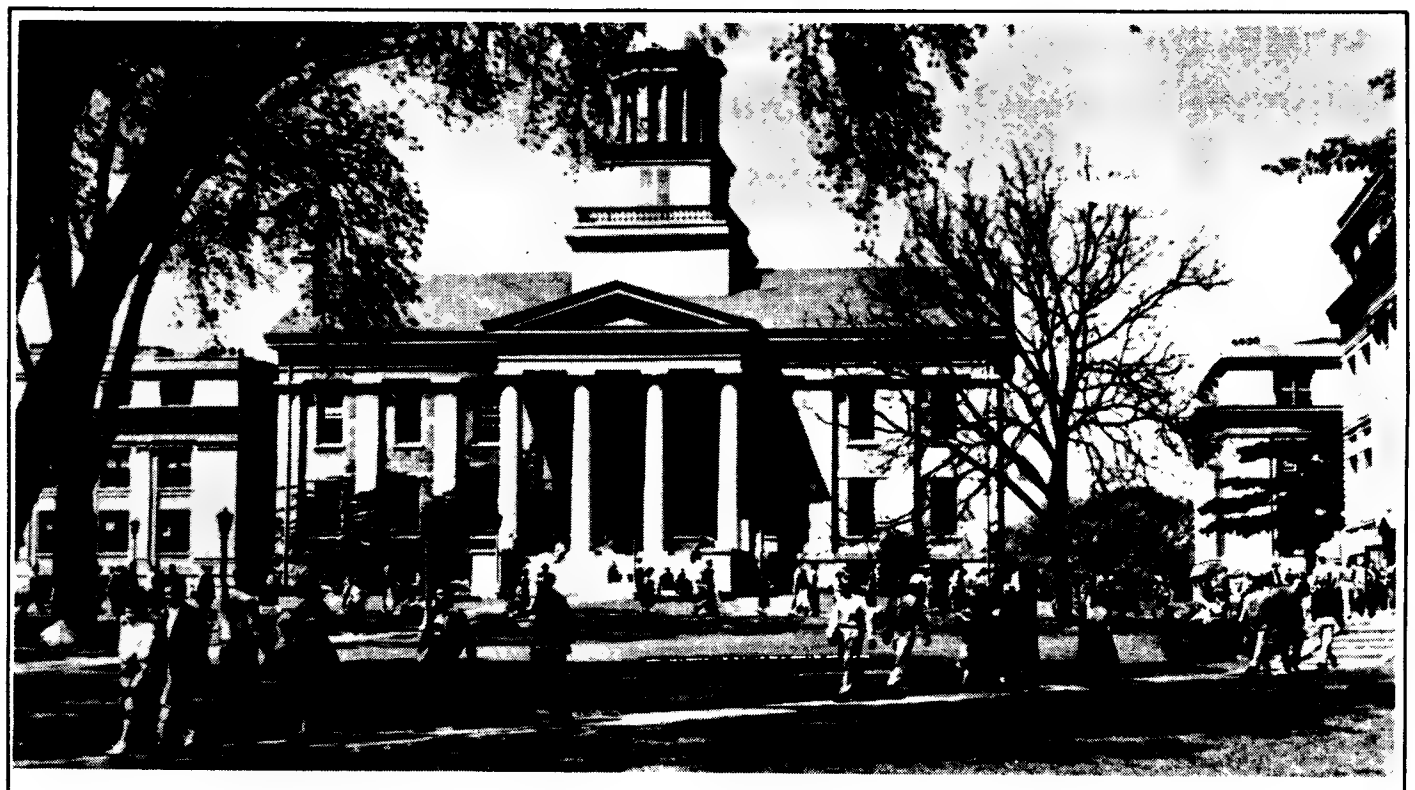
A detenção fez-se ao abrigo a lei antiterrorista do Ulster, disse a Polícia.

Perante a onda de violência, o governo britânico está decidido a tomar uma série de medidas de reforço do acordo anglo-irlandês assinado entre Londres e Dublin no passado mês de Novembro e que concede intervenção, embora sem voto, à Irlanda em assuntos relativos ao Ulster.

As medidas previstas incluem a utilização de bandeiras e emblemas pelas comunidades católicas na Irlanda do Norte, assim como o uso do gaélico, idioma autóctone irlandês, em produtos comercializáveis.

Acordo israelo-egípcio

Os Estados Unidos congratularam-se com o acordo alcançado no domingo, entre o Egipto e Israel sobre os mecanismos de arbitragem para pôr termo à disputa do enclave de Taba, que durou mais de quatro anos. O acordo estabelece os mecanismos de arbitragem internacional a definir e delimita com exactidão quais as linhas de demarcação da região do Sinai reclamadas pelos dois países.



Corrupção em Washington

Juan A.Rueda

Exclusivo Efe/«DL»

«O poder corrompe, mas o poder absoluto corrompe completamente».
Esta frase, dita por Talleyrand e apesar do tempo há que foi escrita, continua a ser uma importante verdade no «ranking» mundial da corrupção política. E isso apesar do astuto político francês, que serviu, atraiçoou e contribuiu para corromper quatro sucessivos regimes do seu País, não ter conhecido a Washington dos nossos dias.

Os observadores do que se passa na capital americana, pelo menos os mais antigos, estão de acordo em afirmar que desde a entrada dos EUA na 2.ª Guerra Mundial começou uma nova etapa na vida do País. O «antes» e o «depois» da corrupção generalizada, ou seja, o início dos Estados Unidos como superpotência.

Tais observadores parecem unanimemente escandalizados, por exemplo, com o comportamento de David Stockman, o protótipo do homem que começa do zero e consegue, em pouco tempo, atingir o escalão superior do poder federal. O acto em si não é criticável, a não ser por essa ascensão ser utilizada, mais tarde e já retirado do serviço, em seu próprio benefício, isto é, o uso do poder e dos conhecimentos adquiridos em funções públicas serem usados em proveito próprio.

Como se sabe, Stockman, a quem se qualificou de verdadeiro artifice da «reaganomic» ou «economia estilo Reagan», após ter abandonado o Governo federal publicou um livro no qual essa política é condenada, afirmando que ela está a conduzir o país à ruína e ignorando, olimpicamente, o seu papel em tudo isso.

Êxito de vendas

O livro tem estado à frente de todos os recordes de vendas e, além disso, Stokman obteve um dos principais lugares executivos na Salomon Brothers, uma das mais importantes empresas financeiras de Wall Street. Ali se encontra com Thomas Enders, o qual esteve 30 anos na carreira diplomática, coroados pelo lugar de embaixador na capital espanhola e que decidiu dedicar-se à actividade privada, onde sem dúvida que os contactos que estabeleceu ao longo de 3 décadas, à custa do contribuinte, lhe hão-de ser muito úteis.

Este comportamento destes ex-funcionários da Administração norte-americana poderiam ter sido chocantes há meio século, mas actualmente são perfeitamente aceitáveis.

Com efeito, a nível da corrupção, a situação começou a deteriorar-se por volta dos anos 40, mas desenvolveu-se bastante com a chegada de Richard Nixon à Casa Branca em 1968. E, juntamente com ele, de toda a sua «guarda pretoriana/californiana», que tinha do serviço público a ideia de que só era necessário lealdade ao chefe que os encobria e apenas enquanto isso durasse. Foi o que aconteceu com o escândalo Watergate, pois quando tudo se conheceu muitos dos «fiéis» apressaram-se a difamar o seu antigo «amo».

Esta coincidência é ilustrada pelo estudo dos salários dos altos funcionários e das épocas em que os aumentos tiveram lugar. Anteriormente, a velha tradição republicana pretendia que a função pública fosse aceite com espírito de sacrifício e não por proporcionar elevados lucros, pelo que os salários eram substancialmente inferiores aos do sector privado. Assim é que um alto funcionário público ganhava, em 1964, 25.000 dólares por ano, ou seja, apenas mais 2.500 dólares que em 1949.

A chegada de Nixon ao Poder

Em 1965 o salário era de 35.000 dólares. Em 1969, depois de Nixon ter tomado posse como presidente, o salário passou para 60.000 dólares. Em 1985 o mesmo funcionário ganhava 86.200 dólares por ano. De qualquer forma, ao passarem para o sector privado, uma «estrela» como Stockman multiplica facilmente por 10 os seus proventos.

Os «avida dollars» californianos voltaram a aparecer em 1980 através de Ronald Reagan, depois do interregno de 1974 a 1979 que apenas serviu para que se esquecesse o Watergate.

De então para cá, mais de 160 altos funcionários da Administração Reagan, das mais diversas categorias e especialidades, foram processados ou obrigados a apresentar a sua demissão, ao descobrir-se as suas actividades dificilmente compatíveis não só com o seu estatuto de funcionários públicos mas mesmo com o Código Penal. Diz-se normalmnte que estes funcionários eram os menos espertos, os que se deixaram apanhar tal como aconteceu com Nixon.

Outro sintoma revelador da situação generalizada de corrupção são os chamados «lobbys», ou grupos privados de pressão, que de 1974 a 1985 aumentaram de 608 para 3992. O seu grau de influência perante as diversas estruturas de poder é determinado consoante o valor das suas contribuições para as campanhas eleitorais para o Senado e para a Câmara dos Representantes.

Com efeito essas contribuições — apenas aquelas que são obrigatoriamente declaradas — aumentaram de 12,5 milhões de dólares em 1974 para 105,3 milhões de dólares em 1984. Nem vale a pena referir que o número de representantes em cada uma das Câmaras continua a ser o mesmo.

O frenesim de gastos a que o Governo de Reagan tem procedido é o principal responsável deste aumento. O orçamento federal para o próximo ano ultrapassa o bilião de dólares, sendo mais de um quarto dedicado às despesas militars.

Como se vê, um milhão de milhões de boas razões.

JUAN A. RUEDA
(Serviço Especial da Agência EFE, em exclusivo para Portugal)

Olhão monta Festival do Marisco

Ameijoa, gamba e lagostim quase ao preço da lota

Júlio Rodrigues

«Quem aqui vier encontrará, seguramente, o marisco mais barato do país» — afirmou o vice-presidente da Câmara Municipal de Olhão ao «Diário de Lisboa». Saúl de Jesus, a ocupar a presidência da edilidade, uma vez que João Francisco Bonança se encontra de férias, acrescentou que «o marisco que será servido aos vsitantes durante o nosso festival pouco mais caro será que o preço pedido na lota».

O Quarto Festival do Marisco está há vários semanas na forja.

Montado, montado, começou a sê-lo há pouco mais de um mês.

A divulgação dele feita e o facto de decorrer em Agosto atrairão à «vila da Restauração» alguns milhares de pessoas. Um àparte para actualizarmos a sua designação administrativa: Olhão é cidade há mais de um ano. Aliás, as comemorações do seu primeiro aniversário como cidade tiveram aqui, em Julho último, o presidente Mário Soares. Um membro da sua casa civil deverá representá-lo durante o Festival do Marisco.

Este ano organizado pela primeira vez pela Câmara Municipal, o Festival do Marisco deverá acolher mais de dez mil pessoas ao longo dos seus quatro dias, no jardim «O Pescador Olhanense», bem perto do mar, entre 14 e 17 do corrente. Nem só de marisco, todavia, viverá o certame, por quanto nas barracas com bazares aí instaladas será vendido artesanato, bem como bolos regionais, artigos em flor e conservas de peixe. Como festival, a iniciativa irá mais longe ao mostrar as potencialidades da região e vincadamente da cidade olhanense.

Por 200 escudos cerveja e ameijoa

Por 200 escudos, cada um de nós — qualquer forasteiro — terá direito a uma cerveja e um pires de ameijoa branca ou ova de polvo asada. É de 200 escudos o preço de ingresso de cada um. E se de facto, a afluência ao festival atingir os dez mil visitantes previstos, as despesas com a sua organização estarão cobertas.

O presidente em exercício, Saúl de Jesus assinalou esse facto ao «Diário de Lisboa»: as depesas já feitas e os compromissos assumidos ultrapassam os 2 mil contos: entre outros exemplos, Saúl de Jesus adiantou-nos dois: a instalação de palcos e a decoração do jardim «O Pescador Olhanense» em consonância com esta iniciativa.

É de tal modo cuidadosa a organização deste Festival de Marisco que ao longo de todo o Algarve, em particular nesta «rua grande» em obras que é a estrada nacional n.º 125, há cartazes com três cores diferentes: verde, azul e encarnado. Ora isto dá direito a uma explicação mais pormenorizada e a remontarmos aos primórdios do próprio festival.

De resto, a Câmara Municipal «agarrou» a sua organização por ela estar em vias de extinção.

Mais promoção menos exploração

«Este festival será, fundamentalmente, uma iniciativa voltada para a promoção do marisco que é por excelência e por natureza uma riqueza desta região», frisou-nos noutro passo das suas declarações o vice-presidente da Câmara de Olhão.

Saúl de Jesus salientou o facto da Câmara Municipal ter sido convidada a montar o Quarto Festival de Marisco, uma vez que os anteriores, do ponto de vista da Região de Turismo do Algarve, não terão alcançado os «resultados desejados».

Foi essa a única razão porque a edilidade se responsabilizou pela sua organização. Nela tem a colaboração — naturalmente indispensável — da Região de Turismo do Algarve e do Sporting Clube Olhanense e Clube Desportivo Marítimo Olhanense que o ano passado tiveram a seu cargo a realização do mesmo festival.

As três cores dos cartazes afixados ao longo da estrada algarvia ficam aqui explicadas: o azul representa o Marítimo, o vermelho o glorioso Olhanense e o verde a Câmara Municipal.

Este festival será mais para promoção do próprio marisco que da sua exploração. Daí que o vice-presidente, Saúl de Jesus, haja realçado o facto do seu preço ser quase o mesmo da lota e garantido que «será o mais barato do país».

Além de ameijoa, berbigão, gambas, lagostins e outras espécies de moluscos e bivaldes terá animação ao longo dos seus quatro dias. Também neste aspecto as potencialidades artísticas e folclóricas da região serão privilegiadas, a ponto de Sérgio Godinho e de um grupo de guitarristas de Coimbra constituirem as duas excepções à regra. Sérgio Godinho e a sua banda actuarão no dia 15 do corrente, pouco depois das 21 horas. O grupo rock «Fancy One» e o agrupamento local «Dívida Externa» completarão nessa noite o cartaz. No dia seguinte, depois do rancho folclórico de Moncarapacho, deste concelho, ter mostrado como se canta e dança em Olhão, será a vez de intervir o grupo da «Serenata de Coimbra», das 22 às 23 horas.

Esta iniciativa da Câmara Municipal de Olhão, que decorrerá no chamado «coração da Ria Formosa», o jardim «O Pescador Olhanense», como realçou ao «DL» o vice-presidente Saúl de Jesus, abre no dia 14 do corrente às 20 horas com a Fanfarra dos Bombeiros Municipais de Olhão, que actuarão antes da Banda Filarmónica Artistas de Minerva, de Loulé e do Grupo Etnográfico de Quelfes.

Fechará esta iniciativa o grupo «Borda d'Água», de música tradicional portuguesa, às 22 horas de domingo, dia 17.

«Um convívio salutar junto à Ria Formosa», eis a proposta (mais que isso: o desafio) que lhe faz a Câmara Municipal de Olhão. Todo aquele que aqui vier, entre 14 e 17 deste mês, além de poder assistir a toda a animação atrás referida por 200 escudos/noite, poderá ainda apreciar diversas espécies de marisco e comprar artefactos, doçaria regional, conservas de peixe e flores do Algarve.

DL DESPORTO

Futebol lá fora

O Petro de Luanda continua a liderar destacadamente o campeonato angolano de futebol da primeira divisão, após ter vencido em Benguela o Primeiro de Maio local, por 2-0.

Resultados:

Primeiro de Maio-Petro de Luanda, 0-1; Inter de Luanda-Petro do Huambo, 2-2; Mambroa-Primeiro de Agosto, 2-2; Ferroviário-Sagrada Esperança, 2-2; FC Cabinda-TAAG, 1-2; Leões de Luanda-Chela, 0-0 e Inter da Lunda Sul-Desportivo de Benguela, 0-2.

Classificação: 1.º, Petro de Luanda, 32 pontos; 2.º, Inter de Luanda, 25; 3.º, Sagrada Esperança, 20; 4.º, Ferroviário e Petro do Huambo, 19; 6.º, **FC Cabinda, 18; 7.º, Chela, Desportivo de Benguela, Primeiro de Agosto, 17; 10.º, Primeiro de Maio, 16; 11.º, TAAG, 15; 12.º, Mambroa, 13; 13.º, Leões de Luanda, 11 e 14.º, Inter da Lunda Sul, 5.**

RFA: Bayern empata

O Eintracht de Frankfurt alcançou o resultado mais volumoso, e assumiu assim o comando, do campeonato alemão federal de futebol, que agora deu o pontapé de saída.

Nesta primeira jornada, o Bayern de Munique cedeu um empate em «casa» diante do Borussia de Dortmund.

Resultados da primeira jornada:

Bayer Leverkusen-Schalke 04, 4-2; Bayern Munique-Borussia Dortmund, 2-2; Eintracht Frankfurt-Fortuna Dusseldorf, 5-0; Bochum-Colónia, 3-1; Werder Bremen-Nuremberga, 5-3; Blau-Weiss 90 Berlim-Kaiserslautern, 1-4; FC Homburg-Bayer Uerdingen, 0-2; Waldhof Mannheim-Estugarda, 3-2.

Suíça: começo com goleadas

Resultados dos jogos da primeira jornada do campeonato suíço de futebol: Servette-Lucerna, 2-1; Young Boys-Locarno, 2-0; Aarau-Neuchatel Xamax, 0-5; Bellinzone-St. Gall, 2-0; Chaux-de-Fonds-Wettingen, 0-4; Sion-Bale, 2-1; Vevey-Lausanne, 1-4 e Zurique-Grasshoppers, 0-1.

Campeonato francês:- 2.ª jornada

O Paris Saint-Germain, actual campeão, venceu fora o Auxerre por 2-1, e lidera a classificação do campeonato francês de futebol da primeira divisão da época 1986/87, que ontem teve a sua segunda jornada.

Resultados: Nice-Rennes, 1-0; Toulouse-Mónaco, 2-1; Laval-Lens, 1-1; Auxerre-Paris Saint-Germain, 1-2; Bret--Marselha, 0-0; Saint-Etienne--Nancy, 0-0; Metz-Sochaux, 5-1; Racing de Paris-Le Havre, 2-1; Lille-Bordéus, 0-0 e Toulon-Nantes, 1-1.

Classificação: 1.º Paris Saint-Germain, 4 pontos; 2.º Marselha, Nice, Toulouse, Brest, Nantes e Bordéus, 3; 8.ºs Metz, S. Etienne, Toulon, Lens, Racing, Nancy, Rennes, 2; 15.ºs Auxerre, LAVAL, Lille, Sochaux, 1; e 19.ºs Le Havre, Mónaco, 0.

Campeonato francês é "eldorado" para as vedetas internacionais

O Paris Saint-Germain e o Bordéus (sem pensar em Chalana) partem para um novo campeonato de futebol, já com o título de principais favoritos por forças dos fortes reforços que ambos fizeram esta época.

O Saint-Germains, actual campeão, assegurou para as suas fileiras, o concurso de alguns dos melhores avançados e jogadores internacionais, de forma a garantir a renovação do título, o primeiro dos seus 14 anos de história.

O PSG conseguiu, na última época, o recorde da invencibilidade, não perdendo durante 26 partidas consecutivas, o que lhe permitiu ainda levar o título de campeão para Paris pela primeira vez em 50 anos.

Para além de manter o internacional Rocheteau, o PSG contratou o internacional Ayache, figura no último mundial do México, o avançado senagalês Bocande, líder dos goleadores da época passada com 21 golos e o internacional Xuereb.

Em contrapartida, o PSG perdeu concurso de Luis Fernande, que foi ingressar no plantel do rival Racig Clube de Paris, promovido esta época aos primodivisionários.

O Bordéus e o Marselha foram, juntamente com o PSG, os clubes que melhor se apetrecharam para a nova época.

Apesar de ter perido para o Marselha a sua vedeta Alain Giresse, o Bordéus que possui o passe de Fernando halana e conquistou os títulos em 1984 e 85 contratou nada menos que os internacionais Vrcruysen, Ferreri e Touré.

O Bordéus conta ainda com o talento dos irmãos jugoslavos Zoran (defesa) e Zlatko (avançados) Vujovic.

O Marselha, para além de conseguir adquirir o técnico Michel Hidalgo e Alain Giresse, ambos campeões euroserviço da selecção, contratou o defesa alemão Karl-einz Foerster, o avançado Patrik Cubaynes e o antigo internaonal Domergue.

Tmbém ávido pela consagração encontra-se o Racing de Paris, que chegou da segunda divisão para conseguir os passes do internacional alemão-federal Pierre Litbarski, o melhor jogador uruguaio, Enzo Fracescoli, e Luís Fernande.

Mas o Racing Clube de Paris adquiriu ainda o ex-Bordéus Tusseau e o guarda-redes pcal Olmeta, considerado o sucessor de Joel Bats na selecção nacional francesa.

O campeonato francês, que vaiontar ainda com nomes como Júlio César (Brasil), Olarticoechea, Jorge Burruchaga, José Luís Brown, todos capeões do mundo pela Argentina, começa a tornar-se no novo «el dorado» do futebol mundial.

Sporting: sucessão directiva

Conforme estava previsto e oportunamente anunciámos, realizou-se ontem, em Alvalade, uma reunião entre a direcção liderada por João Rocha — que seguidamente partiria para a Holanda com a missão de contactar os futebolistas McDonald ou Houtmann — e o eventual candidato à sua sucessão (António Figueiredo).

Na foto, Figueiredo é recebido por Mário Garcia membro da comissão delegada do Conselho leonino que tem por missão demover João Rocha quanto à sua renúncia ou, caso se mantenham os propósitos do actual presidente de cessar funções e não aceitar ser reconduzido, procurar um candidato que reúna o perfil de continuador.

Benfica "examina" outro jugoslavo

Segundo anuncia o «Record» na sua edição de hoje, o Benfica espera a chegada de outro futebolista jugoslavo destinado a prestar provas perante «mestre» Mortimore. Este facto, parece indiciar que Zivkovic não será contratado, o que nos surpreendeu considerando a primorosa exibição feita frente ao Southampton. Questão de verba? Quanto a nós essa será a única causa que poderá justificar que Zivkovi não vista de vermelho (com águia) na próxima temporada.

Reve Mueller: distinção

O guarda-redes Rene Mueller, «capitão» da selecção da República Democrática Alemã, foi eleito futebolista do ano na RDA.

O tradicional inquérito feito a 50 redacções desportivas do país atribuiu a distinção a Mueller, de 27 anos, 25 vezes internacional e titular do Lokomotiv de Leipzig.

Foi a sétima vez que a votação de melhor futebolista do ano na RDA atribuiu o título a um guarda-redes.

Greg Lemond: homenagem

Cerca de dez mil pessoas dispensaram na cidade norte-americana de Reno uma carinhosa recepção ao ciclista Greg Lemond, vencedor da última Volta à França em bicicleta.

Na qualidade de herói local, Greg Lemond teve de assinar centenas de autógrafos, enquanto num antigo automóvel da marca Dusenberg 1929, juntamente com a sua esposa Kathy e seu filho Geoffrey, de dois anos e meio, fazia um percurso de honra ao longo das ruas da parte baixa da cidade de Reno, no estado de Nevada, onde habitualmente reside.

Lemond (25 anos), foi o primeiro ciclista norte-americano a vencer o «Tour» e afirmou-se surpreendido com a calorosa recepção que lhe foi prestada pelos seus concidadãos de Reno, cidade conhecida pelos seus casinos e grande centro de jogo nos Estados Unidos.

Samaranch visita Cuba

O presidente do Comité Olímpico Internacional, Juan Antonio Samaranch, assistirá em Havana à inauguração dos Jogos Ibero-Americanos de Atletismo.

O anúncio da visita de Samaranch a Havana foi feito apenas um dia depois de o presidente cubano, Fidel Castro, ter comunicado oficialmente o boicote do seu país aos Jogos Olímpicos de 1988, se a Coreia do Sul não aceitar organizar as competições conjuntamente com a Coreia do Norte.

Scherens: campeão que desaparece

O ex-campeão do mundo de ciclismo Jef «Poeske» Scherens, figura lendária do ciclismo belga, morreu ontem, aos 77 anos.

Scherens, um dos mais célebres «sprinters» do ciclismo mundial, venceu sete vezes o campeonato mundial de velocidade entre 1933 e 1948.

Juca desmente propósito de demissão

O treinador Júlio Cernadas Pereira (Juca) desmentiu qualquer intenção de se demitir do cargo de treinador da selecção portuguesa de futebol. «Essas notícias são inteiramente falsas e representam as deficientes interpretações dadas por algumas pessoas a determinados assuntos», esclareceu Juca.

O desmentido do conhecido treinador foi feito no final de uma reunião do Gabinete Técnico da Federação Portuguesa de Futebol, apontada como o momento escolhido pelo treinador da selecção para apresentar o pedido de demissão do seu cargo.

A demissão de Juca era indicada como o facto mais provável, atendendo às fortes pressões e críticas feitas, principalmente por colegas de profissão, face à escolha de Rui Seabra para seleccionador nacional. **«Antes de se pronunciarem e criticarem, as pessoas deviam auscultar as razões da minha decisão e, sobretudo, do que se está a passar»** afirmou Juca.

Sobre as acusações que lhe têm sido feitas face à sua decisão de trabalhar sob as ordens de Rui Seabra, indicado como um «out-sider» do futebol, Júlio Cernadas Pereira disse que **«as minhas respostas surgirão no momento oportuno».**

Segundo Juca, a reunião do Gabinete Técnico da FPF «foi normal e habitual pelo que se tratou apenas da programação dos próximos jogos e treinos da selecção nacional».

Na referida reunião estiveram presentes, para além de Juca, o seleccionador Rui Seabra, dirigente federativo Amândio de Carvalho e António Malva.

Braga contrata emigrante

O Sporting de Braga contratou por um ano o futebolista Manuel Abreu, que na última época actuou no Nancy, de França. Manuel Abreu (27 anos) é centro-campista e fez mais de 50 jogos pelo Nancy, tendo representado anteriormente o Paris St. Germain, também de França, país para onde emigrou há alguns anos.

Belenenses em Espanha...

A turma de futebol de «Os Belenenses» partiu esta manhã para Sevilha, onde jogará, amanhã, com o Bétis, no início de uma digressão que se prolongará até ao dia 21, actuando também em Santa Cruz de Tenerife e Jerez de la Frontera.

A comitiva do Belenenses para esta digressão a Espanha é constituída pelos seguintes elementos:

Joaquim da Conceição, director; Henri Depireux, treinador; dr. Periquito, médico; Jorge Clara, massagista; António Ferro, roupeiro; e os seguintes jogadores: Jorge Martins, Justino, Carlos Ribeiro, Galo, José António, Sobrinho, Murça, Jaime, Silvério, Alberto, Jorge Silva, Paulo Monteiro, Djão, Mapuata, Hilário, Venâncio e Mladenov.

... e FC Porto em Itália

Amanhã será a vez dos «dragões» deslocarem a sua equipa a Itália que defrontarão naquele país, o Ravena (5.ª feira), Veneza (domingo) e Udinese (dia 19). Quanto ao elenco só será conhecido após o encontro a realizar esta noite em Santo Tirso.

Mais uma fornada de treinadores

Cerca de 85 por cento dos participantes no primeiro curso distrital de treinadores foram aprovados, anunciou a Associação de Futebol de Faro.

O curso teve como director Eduardo Tenazinha, presidente da AFF, e dos 52 candidatos 44 receberam a nota de «aprovado».

A iniciativa da AFF e DGD consistiu num total de sete dias de trabalho, com preleções e testes finais orientados por treinadoes de futebol, caso de Manuel de Oliveira e Dinis Vital, e outros técnicos desportivos.

Os novos treinadores de futebol receberam informações sobre técnica e táctica, qualidades físicas, medicina desportiva, psicologia desportiva e ciências do desporto.

Imortal perde recurso

O Conselho de Disciplina da Associação de Futebol de Faro deliberou considerar improcedente a justificação apresentada pelo Imortal Desportivo Clube sobre a sua não comparência ao jogo com o Sporting Clube Olhanense.

O acórdão do Conselho Disciplinar atribui falta de comparência não justificada ao Imortal (Albufeira) no dia 22 de Junho de 1986, ao encontro com o Olhanense, a contar para a segunda fase do campeonato distrital de juniores.

O Imortal é punido com derrota, multa de 5000 escudos e desclassificação da prova.

O Imortal alegara em sua defesa não ter recebido o comunicado oficial com a marcação do encontro para as 9,30, julgando por isso que o mesmo se realizaria às 11 horas como até então tinha acontecido com os encontros da segunda fase do campeonato.

Vitória de Setúbal: mais aquisições

O presidente da direcção do Vitória de Setúbal, Fernando de Oliveira, disse que o clube ainda não tem o plantel completo para a próxima época.

Segundo Fernando de Oliveira, durante a próxima semana estará à experiência em Setúbal um jovem futebolista norueguês, de 17 anos, que actua a meio campo, continuando o Vitória em negociações com o húngaro Kis Lazlo, que joga em França, em Montpellier.

Por outro dado o clube sadino assinou um contrato de duas épocas com o centro-campista Armindo, ex-Santiago do Cacém.

Arroios: captação

Com vista à nova temporada futebolística, vai o Clube Desportivo de Arroios realizar sessões de treinos destinados a todas as categorias (de iniciados a seniores) devendo os interessados dirigir-se ao campo de jogos daquele clube, sito na Avenida do Brasil, munidos de sapatilhas e calções.

Torneio de juniores em Portimão

O Portimonense vai levar a efeito, nos próximos dias 29 e 30 do corrente, um torneio internacional de futebol júnior com a participação do Racing de Toulon (França) e duas equipas da Torralta sendo uma de juvenis.

O torneio integra-se nas comemorações do 72.º aniversário do clube de Portimão (fundado em 14/08/14) e os jogos realizam-se no Estádio do Portimonense.

No dia 30 à tarde realiza-se o jogo para o terceiro lugar, entre as equipas vencidas na primeira jornada e à noite disputa-se a final.

EUA

Futebol profissional regressa aos estádios

Dirigentes de sete estados do Nordeste dos Estados Unidos e do distrito de Columbia decidiram constituir uma Liga Profissional de Futebol, que pode iniciar as suas actividades em Abril de 1987, informou um porta-voz da federação norte-americana da modalidade.

Wallace Watson assegurou ser quase certo que o futebol profissional regressará aos estádios da costa Leste dos Estados Unidos em Abril de 1987.

O campeonato, que terminaria em Agosto do próximo ano, seria disputado por equipas dos Estados de Massachusets, Delaware, Nova Jérsia, Nova Iorque, Pensilvânia, Virgínia, Connecticut e de Washington.

Se estes planos se concretizarem, este será o primeiro campeonato nos Estados Unidos desde que a Liga Norte-Americana de Futebol (NASL) decidiu em 1984 suspender indefinidamente as suas actividades, uma vez que não contava com o número de clubes profissionais suficientes para organizar um torneio.

O regulamento do que se passará a denominar «United States Eastern Soccer League (USESL)» será aprovado em próxima reunião, prevendo-se que os clubes devam depositar entre 60.000 e 225.000 dólares de fiança e ficar obrigados a cumprir um mínimo de três épocas.

Além disso, cada clube deverá contar com um estádio com a capacidade mínima para 3.500 espectadores e não poderá ter mais de quatro jogadores estrangeiros na sua equipa.

Cram e Wade vedetas na "Comunidade"

Os britânicos Steve Cram e Kirsty Wade entraram para a história nos jogos da Comunidade Britanica ao conseguirem duplas vitórias nos 800 e 1500 metros no último dia das competições.

Cram, campeão do mundo, ganhou os 1500 metros no modesto tempo de 3.50,87 minutos, o tempo mais fraco numa das competições mais importantes desde os jogos olímpicos de 1932 em Los Angeles.

Tornando-se o primeiro inglês a dobrar nos «jogos da Comunidade» igualando a proeza do neo-zelandês Peter Snell.

Wade, que envergou a camisola do País de Gales, foi a primeira mulher a ganhar ambas as corridas, embora os 1500 metros apenas passassem a integrar o programa em 1970.

Automobilismo: outro acidente

Uma mulher morreu e outras nove pessoas ficaram feridas na sequência de um despiste de um carro de corrida durante uma prova automobilistica disputada num circuito em Sidney.

O acidente ocorreu no final da primeira parte da corrida, que contava para o campeonato australiano de pilotos, e foi provocado por um acidente entre os carros dos pilotos Peter Hopwood e Graham Watson.

O carro de Hopwood, que rolava a mais de 180 quilómetros por hora saiu do circuito de Amoroo Park num voo de mais de 10 metros e foi aterrar sobre a multidão que assistia a prova.

O carro foi cair sobre Lois Merilyn McIntosh, 37 anos, que teve morte imediata, enquanto nove outras pessoas ficaram feridas. «Foi uma sorte tremenda não ter morrido mais gente, pois o carro sobrevoou mais de 100 pessoas» disse aos jornalistas um agente policial.

Atletismo: "GP" de Budapeste

Edwin Moses: 115º triunfo consecutivo

O norte-americano Edwin Moses alcançou a sua 115.º vitória consecutiva nos 400 metros barreiras, durante o grande prémio de atletismo de Budapeste, realizado ontem.

O resultado mais destacado do torneio, que decorreu no Nepstadion da capital húngara, foi o recorde europeu do triplo salto alcançado pelo búlgaro Christo Markov, com 17,80 metros.

Resultados das provas:

Homens:

100 metros: Dessai Williams, Canadá, 10,21 segundos; **200 metros:** Kirk Baptiste, EUA, 20,25; **800 metros:** William Wuyke, Venezuela, 1.44,74 **1000 metros:** Hauke Fuhlbrugge, RDA, 2.17,49; **110 barreiras:** Milan Stewart, EUA, 13,40; **400 barrreiras:** Edwin Moses, EUA, 47,76; **3000 metros:** Henry Marsh, EUA, 8.23,86 **altura:** Jim Howard, EUA, 2,33; **comprimento:** Larry Myricks, EUA, 8,27; **triplo salto:** Christo Markov, Bulgária, 17,80; **martelo:** Yuri Sedykh, URSS, 85,68.

Mulheres:

100 metros: Yordanka Donkova, Bulgária, 12,38; **200 metros:** Eva Kasprzyk, Polónia, 22,34; **400 metros:** Genoveva Blaszak, Polónia, 51,06; **800 metros:** Gaby Bussmann, RFA, 1.58,42 **1500 metros:** Ivana Walterova, Checoslováquia, 4.01,84 **5000 metros:** Mary Knisely, EUA, 15.34,76; **100 barreiras:** Yordanka Donkova, Bulgária, 12,38; **disco:** Tzvetanka Khristova, Bulgária, 72,52; **altura:** Szvelana Iszajeva, Bulgária, 1,96; **comprimento:** Carol Lewis, EUA; **dardo:** Fátima Whitebread, Grã-Bretanha, 64,56.

Todos vão ganhar tudo?

Neves de Sousa

Está à porta a subida do pano no futebol de alta competição: depois daquela histeria quase colectiva que tomou de assalto o País, rodeando de todos os carinhos e sonhos a marcha dos «infantes» até ao México, veio uma fase de pés na terra, para logo retornar a loucura, que isto de vergar os mestres britânicos não era proeza que se deixasse sem comemoração épica. Só que, o banho gelado estava a bater à porta: e, hoje, Saltillo cada vez a ficar mais no esquecimento (e qualquer dia a nem sequer valer **meia conversa**, que será o modo mais condigno da razão ficar equitativamente dividida por prevaricadores e anjos) já todos os clubes apenas pensam no melhor apetrechamento das suas forças para a luta a nível nacional e, em cinco esporádicos casos, também até à trivial caminhada uefeira.

O curioso é que (não sei se os amigos deram por isso) quase uniformemente as declarações dos responsáveis afinam pelo mesmo diapasão: **«este ano é que vai ser. Tudo à ponta de espada: com a reestruturação que fizemos no 'plantel', não haverá títulos para mais ninguém!»**

Seria óptimo que, na maioria, os técnicos e dirigentes responsáveis pelos blocos de futebolistas que vão saltar a fogueira recuassem um lapso de tempo e verificassem como fica a história: há exactamente um ano, até os chefes dos clubes que bem se notava iriam tombar em queda livre iludiam com palavras ocas os emigrantes ou os mecenas lá da sua área ou, no mínimo, procuravam que a boa gente das aldeias, vilas ou cidades acreditasse que o «onze» representativo dos seus anseios só precisava de **mais um esforço** para trepar na escala pontual até alturas nunca vistas. Então, muitos sacrifícios foram solicitados, quase obrigados, por essas terras fora: e o resultado, se consultarmos o tal implacável arquivo que regista o que se escreve ou diz, é de tal modo diferente do ansiado que seria crucial existir uma lei que proibisse os demasiados optimismos que (normalmente) levam os homens ao leme até rochedos onde ficam bloqueados.

No fim de contas, com a mão na consciência, muitos heróis da palavra fácil sabem que estão ludibriando o semelhante: mas, de tanto repetirem a mentira que decoraram, já não podem fugir ao próprio destino a que ficam acorrentados. O riso triste do conclave que assiste, meteoricamente, à queda de ídolos barrentos, será a última companhia dos que alinham no poker sem terem mais que duques: e nenhum com o naipe dos mandatários na mesa.

Hóquei em patins:

Selecção angolana estagia em Lisboa

A selecção nacional angolana de hóquei em patins que se encontra a estagiar em Portugal, preparando-se para o próximo Campeonato do Mundo.

Ténis

Ivan Lendl lidera "circuito"

O checoslovaco Ivan Lendl encontra-se na primeira posição da classificação do circuito de grandes prémios de ténis, com 3755 pontos, o dobro do segundo classificado, o sueco Joakim Nystroem.

A última vitória do jogador checoslovaco frente a Boris Becker, na final do torneio de Straton Mountain, foi a confirmação do primeiro lugar nesta classificação.

O alemão, federal Boris Becker ocupa o terceiro lugar com 1672 pontos seguido do francês Yanick Noah com 1469 pontos.

Há ainda a salientar a surpreendente classificação do jogador checoslovaco Karel Novacek, que passou da posição 110 para a número 36, graças à sua vitória no torneio de Washington, no passado dia 3 de Agosto, que lhe serviu inclusivamente para ser considerado o melhor jogador do mês de Julho no Grande Prémio.

Classificação individual: 1.º Ivan Lendl (Che), 3755 pontos; 2.º Joaquim Nystroem (Sue), 1833; 3.º Boris Becker (RFA), 1672; 4.º Yanick Noah (Fra), 1469; 5.º Andres Gomez (Equ), 1409; 6.º Mats Wilander (Sue), 1235; 7.º Emílio Sanchez (Esp), 1053; 8.º Jimmy Connors (EUA), 1026; 9.º Mikael Pernfors (Sue), 1011 e 10.º Estegan Edberg (Sue), 995.

Microscópio

Ciclismo: Volta a Serpa

A segunda edição da volta ao concelho de Serpa em bicicleta realiza-se nos próximos dias 23 e 24 de Agosto.

A prova, destinada a ciclistas amadores, é constituída por três etapas em linha e um contra-relógio individual, na distância total de cerca de 100 quilómetros.

Para além de atletas locais, foram convidados pela organização a participar na volta, ciclistas de Ourique, Aljustrel, Ferreira do Alentejo, Cuba, Mértola, Moura e Reguengos de Monsaraz

«G.P.» Santa Maria (Serpa)

O segundo grande prémio de Santa Maria, em ciclismo, realiza-se no próximo dia 15, na cidade de Beja.

A prova, aberta a ciclistas federados e populares, consta de uma etapa em linha, na distância de 80 quilómetros, com partida e chegada à capital do Baixo Alentejo.

Este segundo grande prémio é organizado pela delegação local do Inatel, da Direcção-Geral dos Desportos e pela Câmara Municipal de Beja.

Circuito do Pereiro reunirá os «ases do pedal»

Organizado pela Associação Desportiva e Cultural do Pereiro (Mação), vai realizar-se no próximo dia 30 do corrente o V Circuito do Pereiro, em ciclismo, estando presentes os melhores ciclistas portugueses.

A prova será disputada em duas etapas (Tomar-Pereiro e Pereiro-Pereiro) na distância total de 165 quilómetros.

Quanto a prémios individuais, informa a organização, o 1.º classificado receberá 40 000$00, o 2.º 30 000$00 e o 3.º 20 000$00 sendo «contemplados» com verbas obviamente inferiores os que se situarem nas 10 primeiras posições.

Máximos

Búlgaro salta mais além

O búlgaro Christo Markov estabeleceu novo recorde europeu do triplo salto, fixando-o em 17,80 metros, no decorrer do grande prémio internacional de atletismo de Budapeste.

Christo Markov, de 21 anos, ultrapassou em dois centímetros a anterior melhor marca eutopeia, conseguida pelo soviético Nikolai Mussiyeno no dia 7 de Junho em Leninegrado, e ficou a 17 centímetros do recorde mundial na posse do norte-americano Willie Banks.

Kristiansen: novo recorde dos 5000 metros

A atleta norueguesa Ingrid Kristiansen bateu, em Estocolmo, o recorde mundial dos 5000 metros com o tempo de 14.37,33 minutos.

O anterior recorde mundial pertencia à inglesa Zola Budd com 14.48,07 minutos desde o ano passado na pista de Crystal Palace.

Kristiansen detém igualmente o recorde mundial dos 10 000 metros e a melhor marca mundial da maratona.

Xadrez: campeonato mundial

A sexta partida foi suspensa

O pretendente ao título mundial de xadrez, AATOLI Karpov, tem ligeira vantagem sobre o campeão Garri Kasparov na sexta partida do «match» que hoje reatam em Londres.

A partida foi ontem suspensa, após 41 movimentos, e o resultado deste «match» de desforra para o título é uma igualdade a 2,5 pontos.

Os especialistas que acompanham em Londres o confronto entre os dois grandes mestres soviéticos atribuem ligeira vantagem a Karpov, mas admiitem que o actual campeão, Kasparov, a jogar com as bancadas, possa conseguir o empate.

Para o grande mestre holandês Jan Timann «dizer que as pretas têm possibilidade de ganhar é exagerado, mas não há dúvida de que Karpov tem uma melhor posição e pode aproveitá-la».

Kasparov deixou selado o movimento 42 da partida, que é retomada às 18 horas de hoje.

O campeão mundial tomou a iniciativa nesta sexta partida, mas após os primeiros lances não conseguiu desenvolver uma estratégia capaz de vencer as pretas. Kasparov necessitou de pensar mais de uma hora para fazer o seu vigésimo movimento, não conseguindo mesmo assim melhorar a sua posição.

No momento do adiamento, as posições eram as seguintes: Brancas: rei G2, torre C2, bispo B3, peões A4, F2, H2 e H3. Pretas: rei E5, torre C7, bispo C5, peões B6, F5, G5 e H4.

Torneio de Torrelavega

O mestre internacional paraguaio Zenon Franco venceu o VI Torneio Aberto de Xadrez cidade de Torrelavega, ao empatar na última jornada com o espanhol Mario Gomez.

Zenon terminou a prova com 7,5 pontos, seguido do espanhol Alfonso Romero com 7 e do brasileiro Sunienye Neto com 6,5.

Participaram neste torneio vários xadrezistas portugueses, que na nona jornada obtiveram os seguintes resultados:

Carlos Club (Espanha) - António Fernandes (Portugal) 1-0; Luís Galego (Portugal) - Alejandro Cruz (Espanha) 1-0; António Fróis (Portugal) - Carlos Sansegundo (Espanha) 1-0; Alberto Nobre (Portugal) - Francisco Moyano (Espanha) 1-0; Luis Rolan (Espanha) - Isabel Santos (Portugal) 0,5-0,5; Jacinto Arias (Espanha) - António Ramos (Portugal) 1-0.

Nenhum dos concorrentes portugueses ficou entre os dez primeiros na classificação final do torneio.

Violência em Liége

Numerosos transeuntes da cidade de Liége ficaram feridos com diferentes graus de gravidade após terem sido agredidos sexta-feira à noite por adeptos holandeses do clube Feeynord, de Roterdão, que se deslocou à Bélgica para realizar um jogo amistoso.

Os acidentes tiveram lugar em diferentes pontos da cidade de Liége, após o encontro entre o Feeynord e o clube local Charleroi, que terminou com a vitória dos holandeses por um contundente 6-0.

Segundo fontes policiais vários adeptos holaneses foram detidos, mas todos eles, à excepção de um, foram posteriormente libertados, após identificação.

Já no interior do estádio adeptos belgas e holandeses se tinham envolvido em confrontações, que só terminaram com a intervenção da Polícia.

Os incidentes mais sérios começaram nos restaurantes da estação de caminho-de-ferro de Liége, onde se produziram várias altercações. Posteriormente a violência alastrou até ao centro da cidade, que foi cenário de agressões indiscriminadas.

Desordens em Plymouth

De regresso de Amesterdão adeptos do Manchester vigiados pela Polícia. A violência prossegue e certamente que a UEFA virá tomar novas medidas contra clubes ingleses.

Algumas centenas de fanáticos ingleses do futebol envolveram-se sexta-feira à noite em violentos recontros com a polícia nas ruas da cidade portuária de Plymouth, no sudoeste do país.

Os desordeiros bloquearam ruas e combateram (com pedras) forças policiais numa batalha nocturna após um encontro particular de futebol em que o Plymouth Argyle venceu o Chelsea por 1-0.

Distúrbios em Amesterdão

Adeptos da equipa inglesa do Manchester United provocaram domingo uma autêntica batalha campal nas ruas de Amesterdão após o encontro particular de futebol com a turma local do Ajax, anunciou a Polícia.

Vidros partidos e alguns cafés parcialmente destruídos foram os estragos provocados pelos adeptos do Manchester United.

Bastões e cães foram alguns elementos utilizados pela Polícia para colocar termo aos actos de destruição dos adeptos ingleses.

Os acontecimentos agora registados nas ruas de Amesterdão surgem dois dias depois dos confrontos entre grupos rivais de equipas ingleses num «ferry-boat» onde seguiam, para assistirem aos jogos particulares do Manchester United, Liverpool e Everton com equipas holandesas.

Bernard na Ferrari por um milhão de contos

O inglês John Barnard, de 39 anos, criador do McLaren MP4, vencedor de dois títulos mundiais consecutivos de Fórmula Um, vai ser o projectista do novo Ferrari para a próxima época.

Segundo fontes da escuderia italiana, as negociações foram já concluídas sábado em Budapeste, onde domingo se realizou o primeiro grande prémio da Hungria.

Barnard desenhará a máquina que, equipada com um motor turbo de seis cilindros muito mais estreito do que o actual, deverá permitir à Ferrari ultrapassar a má época actual no mundial de construtores.

Barnard receberá um milhão de dólares (cerca de 150 mil contos) quando da assinatura do contrato e outro milhão e meio por ano, até ao total de sete milhões de dólares (cerca de um milhão de contos).

Entretanto, o piloto oficial da Ferrari, o italiano Michele Alboreto, renovou por dois anos o seu contrato, não estando ainda decidido quem será o segundo piloto da escuderia, mas tudo indica que será Alain Prost actualmente na McLaren.

Yokochi, Teresa Figueiras e Paulo Frischnecht: três dos onze «golfinhos» lusos que participarão nos «mundiais» de natação.

Natação

Onze portugueses nos "mundiais" de Madrid

Onze portugueses vão competir entre 13 e 23 do corrente com a élite da natação mundial, presente na quase totalidade nos campeonatos do Mundo que amanhã se iniciam em Madrid.
Com remotas possibilidades de obterem um lugar no pódio dado o valor dos adversários, os nadadores portugueses poderão no entanto tirar proveito da competição com os grandes nomes e melhorarem alguns recordes nacionais.

Das quatro disciplinas que compõem os campeonatos — pólo aquático, natação sincronizada, saltos e natação — Portugal apenas participa nas duas últimas.

A natação portuguesa estará representada na capital espanhola por Alexandre Yokochi, João Santos, Rui Borges, Pedro Soares, Vasco Sousa, Séargio Esteves, Sandra Neves, Ana Barros, Paula Lamego, Alexandra Nogueira, sendo completada pela saltadora Joana Figueiredo, o primeiro elemento da equipa a entrar em acção.

Entre os mais de 2.000 especialistas presentes, encontra-se a «fina flor» da natação mundial.

Os Estados Unidos, um dos países com maior número de participantes é o grande favorito no sector masculino, como em anteriores ocasiões.

Apesar da ausência de recordistas mundiais como Rick Carey ou Steve Lundqvist, possuidores das melhores marcas dos 100 costas e bruços, respectivamente, a selecção norte-americana, presente na capital espanhola é uma equipa compacta e homogénea.

Na equipa soviética, destacam-se Vladimir Salnikov e Igor Pollanski, recordistas mundiais dos 800 metros livres, e 200 metros costas em quem os soviéticos depositam grandes esperanças.

Outra das grandes figuras presentes em Madrid, é o alemão federal Michael Gross, o «albatroz», cuja participação nos campeonatos esteve em dúvida até à última hora, por alegada baixa de forma devido a uma inoportuna lesão.

Porém, não poderão também ser esquecidos o canadiano Alex Baumann, recordista mundial dos 200 e 400 metros estilos, ou o seu compatriota Victor Davis, detentor da melhor marca, dos 200 metros bruços, aos quais será muito difícil superar.

Outros adversários de respeito são o alemão oriental Dirkl Richeter e o italiano Minervini, não contando com as novas «estrelas» que certamente brilharão com luz própria no termo dos campeonatos.

•

No sector feminino, como já ficou demonstrado em múltiplas ocasiões, há um país claramente dominador: a República Democrática da Alemanha.

As nadadoras alemãs orientais deverão dar poucas hipóteses às suas adversárias, pois continuam a ser a equipa mais forte integrando nas suas fileiras um número invulgar de recordistas mundiais.

Apesar de não contarem com o inestimável contributo de nadadoras como Ina Kleber, Ute Geweniger e Petra Schneider, recordistas mundiais dos 100 m costas e 200 e 400 metros estilos, respectivamente, as alemãs orientais mantêm fundadas esperanças na revalidação do título.

Para isso apostam em Kristin Otto, Heike Friedrich, Silke Hoerner, Sylvia Gerasch, entre muitos outros valores, alguns deles ainda pouco conhecidos.

O maior obstáculo ao domínio da Alemanha Oriental no sector feminino vem dos Estados Unidos, que apresentam Michele Giglione, poderosa nas duas distâncias de estilos, Mary T. Meagher, recordista mundial dos 100 e 200 metros mariposa, e Betsy Mitchell, detentora da melhor marca mundial dos 200 metros costas.

A romena Tamara Costache, que possui o melhor tempo mundial nos 50 metros livres, ou a nova recordista europeia dos 800 metros livres, a britânica Sarahj Hardcastle, são outras nadadoras com hipóteses de contrariar o favoritismo das alemães orientais.

Recordes mundiais e portugueses

A cinco dias do início da «prova rainha» dos quintos campeoantos do mundo de natação, é a seguinte a lista de recordes mundiais e portugueses:

Masculinos

	Mundial		Portugal	
50m livres	22,40	Tom Jager (EUA)		
100 m livres	48,74	Matt Biondi (EUA)	52,85	Rui Abreu
200 m livres	1.47,44	Michael Gross (RFA)	1.55,06	P. Frischknecht
400 m livres	3.47,80	Michael Gross (RFA)	4.07,80	Baltar Leite
1500 m liv.	14.54,76	V. Salnikov (URSS)	16.13,94	Baltar Leite
100 m costas	55,19	Rick Carey (EUA)	1.00,34	Rui Abreu
200 m costas	1.58,14	I. Polianski (URSS)	2.11,05	Rui Abreu
100 m bruços	1.01,65	S. Lundquist (EUA)	1.06,15	A. Yokochi
200 m bruços	2.13,34	Victor Davis (Can)	2.18,92	A. Yokochi
100 m marip.	52,84	Pablo Morales (EUA)	57,87	João Santos
200 m marip.	1.56,24	Michael Gross (RFA)	2.04,72	João Santos
200 m estil.	2.01,42	Alex Baumann (Can)	2.12,40	Rui Borges
400 m estil.	4.17,44	Alex Baaumann (Can)	4.36,94	Rui Borges
4X100 m liv.	3.17,08	Estados Unidos	3.38,37	Sel. Nacional
4X200 m liv.	7.15,69	Estados Unidos	7.52,98	Sel. nacional
4X100 m est.	3.38,28	Estados Unidos	4.00,66	Sel. nacional

Femininos

50 m livres	25,31	Tamara Costache (Rom)		
100 m livres	54.79	Barbara Krause (RDA)	1.02,06	M. Raimundo
200 m livres	1.57,55	Heike Friedrich (RDA)	2.09,97	A. Silva
400 m livres	4.02,28	Tracey Wickham (Aus)	4.23,86	A. Silva
800 m livres	8.24,62	Tracey Wickham (Aus)	9.00,58	A. Silva
100 m costas	1.00,59	Ina Kleber (RDA)	1.07,88	T. Figueiras
200 m costas	2.08,60	Betsy Mitchel (EUA)	2.25,42	T. Figueiras
d100 m bruços	1.08,29	Sylvia Gerasch (RDA)	1.16,69	Paula Lamego
200 m bruços	2.28,20	Sylvia Gerasch (RDA)	2.41,71	C. Peralta
100 m marip.	57,93	Mary Meagher (EUA)	1.06,10	Sandra Neves
200 m marip.	2.05,96	Mary Meacher (EUA)	2.23,09	Sandra Neves
200 m estil.	2.11,73	Ute Geweniger (RDA)	2.26,50	T. Figueiras
400 m estil.	4.36,10	Petra Schneider (RDA)	5.05,07	M. Reboredo
4X100 m liv.	3.42,41	RDA	4.1079	Sel. nacional
4X200 m liv.	8.02,27	RDA	8.58,41	Sel. nacional
4X100 m est.	4.03,69	RDA	4.36,80	Sel. nacional

"Golfinhos" vão ao controlo

A Federação Internacional de Natação anunciou que os participantes no próximo campeonato mundial se terão que submeter a controlo «antidoping».

O controlo será extensivo aos atletas que, a partir de amanhã, em Madrid, disputarão os torneios de natação, pólo aquático e natação sincronizada.

A relação de nadadores a submeter a controlo será estabelecida por sorteio antes das provas de todas as disciplinas no campeonato, à excepção do pólo aquático, onde o sorteio se realizará depois dos jogos.

A lista dos produtos que a Federação Internacional de Natação considera proíbidas coincide com a do Comité Olímpico Internacional, e inclui os esteróides anabolizantes.

CRITICA

Teatro na Arena

Carlos Porto

TOURO, de Abel Neves. **Versão cénica e Encenação:** João Mota. **Música:** Carlos Mendes. **Figurinos:** Carlos Paulo. **Mestre de toureio de salão:** Álvaro Catoja. **Interpretação:** Isabel Medina, Cecília Sousa, Maria Marília, Amélia Videira, Almeno Gonçalves, Carmen Marques, José Pedro Gomes, Marques Arede, Jorge Loureiro, Carlos Paulo, Abel Neves, João Mota, António Melo, Alfredo Brissos, Paulo Ferreira. **Músico (o trompete):** Luís Manuel Figueiredo Ramos. **Grupo** Comuna. **Estreia: 25-7-1986 (26-7-1986).**

Encontrar no mesmo espectãaculo algo que se detesta através de uma forma que se aprecia — eis o que pode acontecer a quem for ver a nova criação da Comuna, no caso de não gostar de touradas e gostar de teatro. Isto sem que se deixe de ter presente a necessidade de se formular um juízo sério sobre o espectáculo esquecendo a motivação de que partiu.

Talvez isto exija uma explicação pessoal que me obrigará a uma intromissão, ainda por cima contestatária, num domínio que não é o meu mas sim do meu colega das quintas-feiras, aliś admirável cronista de touros que gosta de teatro.

Pela minha parte detesto touradas desde os meus 6 ou 7 anos quando vi uma, numa praça de touros de Penafiel, que felizmente já não existe, há muitos anos. O ter visto o desespero de um touro nos seus esforços para fugir da arena acabando por partir as pernas ao saltar a barreira, foi coisa que nunca esquece e me vacinou em relação a touradas. Poder-se-á considerar se se quiser, que foi uma fixação da infância. Não ignoro os argumentos dos que defendem, aliś legitimamente, a prática da tourada, quando dizem que os que não a aceitam não deixam de apreciar um bom frango ou um bom bife. Argumento capcioso porque não se trata de ter piedade pelos animais, embora: 1.º por mim, posso garantir que não costumo pôr-me a admirar a perícia do matador do frango ou do boi que vou comer (embora aprecie um bom frango à cafreal ou um bife tenro: é que comer é uma necessidade vital, não a tourada); 2.º repito, não se trata apenas nem principalmente de ter piedade pelos touros, embora o seu sofrimento não seja agradável, mas sim de ter piedade pelas pessoas que são capazes de se divertir com esse sofrimento e sobretudo exigem que os toureiros se exponham à morte pra melhor os apreciar.

E se e quando não se expõem o suficiente, acabam por ser apupados (o facto de se tratar de um risco voluntário é irrelevante). Espectáculo sanguinário, e portanto bárbaro, admito que possa ser um belo espectáculo. Também uma floresta a arder pode ser um belo espectáculo — há quem aplauda os incendiários?

Parece-me mesmo assim a tourada à portuguesa menos inaceitável por ser, em parte, a fingir; por haver nela uma distanciação que felizmente recusa a tragédia, ou tende a recusá-la: dir-se-ia que a tourada à portuguesaassume um carácter brechtiano, ao contrário da tourada à espanhola que exige, através do touricídio, como se diz no programa e a palavra é bem significativa, a presença da morte.

Isto vem a propósito do novo espectáculo da Comuna que, no entanto, só em parte leva a tourada a sério. Aliś, é possível descobrir três linhas neste «Touro» teatral: a linha dramática que tem a ver com a presença do toureiro (Manuel), com os seus jogos de amor e morte; a linha paräodica, em que o espectáculo goza com a tourada como arte, surgindo o touro como a forma burlesca de um animal mitolãogico, os jogos da arte são travestizados como formas de diversão (caso por exemplo da pega de caras que, aliś, me parece ser o aspecto mais interessante da corrida à portuguesa); a terceira linha, propõe um outro imaginário através da vocação onírica do Moço da arena cujo gesto repetido de limpar esta, em forma de espiral, é talvez o que existe de mais bonito no espectãaculo.

«Touro» é um texto de Abel Neves, autor do texto de «Amadis» e colaborador como dramaturgista e actor de outros espectãaculos do grupo. Com esta última oficina, Abel Neves acabará por descobrir que a poesia é, em teatro, uma respiração, não uma mãascara de oxigãenio, e portanto a saber podar os seus textos de excrescências pseudopoéticas que ainda os prejudicam. O facto, no entanto, de um grupo representar textos de um autor nacional vivo é uma raridade que não pode deixar de ser saudada. Sempre defendi que ãe no palco que os dramaturgos se transformam em autores teatrais e por isso um trabalho como este, mesmo no que tem de falhado mas sobretudo no que revela das potencialidades de um novo escritor dramático, não pode deixar de ser considerado positivo.

É portanto na linha do conflito do toureiro que o espectáculo se complica e debilita, com uma histãoria a três: o irmão do toureiro a roubar-lhe a noiva. E logo a cena dá como resultado um gesto tradicional, uma, talvez involuntária, visão crítica das touradas: é que há um jogo com navalha, embora esta não chegue a ser utilizada, acabando tudo em bem, com o toureiro a matar o touro, como deve ser, calculo. A matar fingindo, já que é assim no teatro, por isso é este uma forma de civilização tal é dito no texto.

Como com os espectáculos anteriores, João Mota ainda desta vez propôs um novo jogo com o espaço da Comuna, aqui funcionando naturalmente em arena, com os espectadores sentados no alto, como se estivessem de facto numa praça de touros. Ao mesmo tempo que criou lugares para os actores-espectadores da

tourada. A excelente iluminação, a música forte de Carlos Mendes, os fatos muito bons de Carlos Paulo, em especial os vestidos duplos das Mulheres, o trabalho com os objectos de cena e sobretudo o touro que é transformado numa espécie de ave (ou avião?), todos estes elementos ajudam a fazer de «Touro» um espectáculo cenicamente eficaz, tal como a Comuna nos habituou. Aliás, como escreveu há anos Augusto Boal, goste-se ou não dos espectáculos este grupo, não se pode deixar de reconhecer que há sempre neles qualquer coisa de vivo, qualquer coisa que merece ser apreciada (cito de cor).

Este especáculo permitiu a Almeno Gonçalves (Manuel) revelar-se à altura de um trabalho de maior responsabilidade, já que o seu Toureiro é uma das fontes de energia do espectáculo, aliś, bem acompanhado por Carmen Marques, na Noiva. Ao contrário de José Pedro Gomes que me pareceu aqui de uma debilidade que não lhe é habitual. Em dois papéis (Moço da arena e Talhante) Carlos Paulo, uma vez mais, evidencia o seu talento de grande comediante.

As outras personagens são sobretudo de coro, em especial as Mulheres, como Amélia Videira, Isabel Medina, Maria Marília, Cecília Sousa; o mesmo se podendo dizer de Marques Arede, Jorge Loureiro e do próprio Abel Neves, etc.

Vai ser curioso saber como o público pró ou antitourada vai reagir ao espectáculo. O fundamental é ter em consideração que se trata de um espectáculo de teatro, e não qualquer outra coisa.

1886 • 1986
CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

AVISO

Para os devidos efeitos se torna público que estara aberto **Concurso por Sorteio**, em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50-77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 8 a 22 de Agosto de 1986), para atribuição por venda, de 1 fogo – T3, sito no Edificio 14C – 4.º Piso - Letra O - Cidade Nova – Santo António dos Cavaleiros, pelo preço de 2 873 718$00.

De 1 fogo T3, sito no Edificio 17 3.º Piso - Letra D Cidade Nova - Santo António dos Cavaleiros, pelo preço de 3 283 769$00 e de 1 fogo - T4, sito no Edificio 17B - 1.º Piso – Letra E - Cidade Nova - Santo António dos Cavaleiros pelo preço de 3 626 987$00.

1 O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.

2 Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites minimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salario minimo mensal

N.º de pessoas do agregado familiar	Rendimento minimo mensal (per-capita)	Rendimento máximo mensal (per-capita)
1	33 750$00	90 000$00
2	22 500$00	56 250$00
3	18 000$00	39 375$00
4	16 200$00	33 750$00
5	13 500$00	28 125$00
6	12 375$00	27 000$00
7	11 250$00	24 750$00

3. O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Camara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente

Loures, 31 de Julho de 1986

O Presidente da Câmara
Severiano Pedro Falcão

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

Lisboa e Algarve mais próximos

Mais dois comboios directos Diários!

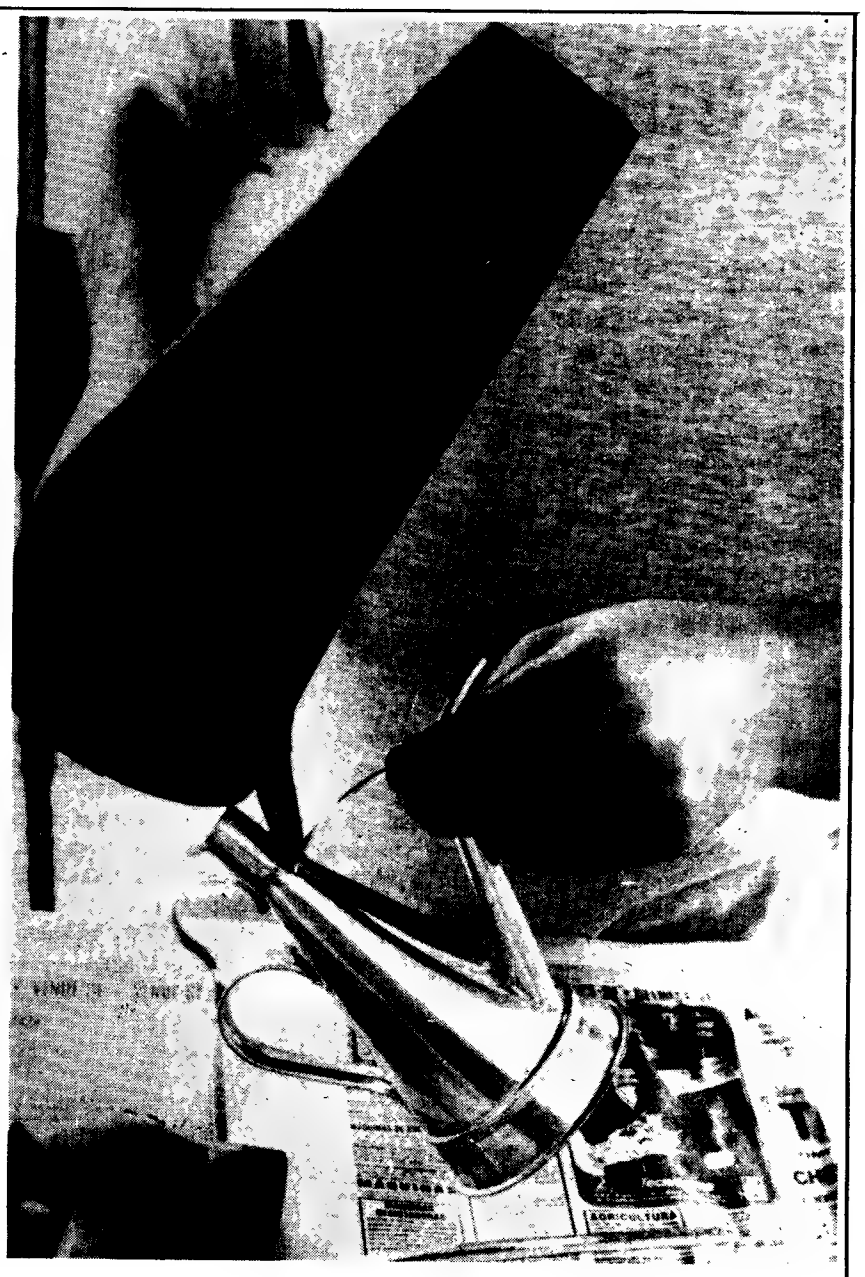
A CP oferece-lhe agora mais e melhores serviços diários entre Lisboa e o Algarve.
Trata-se de 2 comboios directos com reserva de lugar, ao mesmo preço dos comboios normais, e mais rápidos do que estes 40 minutos.

Consulte as Secções de Informações ou o seu Agente de Viagens

Dê um mergulho no Algarve
Ou venha almoçar a Lisboa
De comboio, claro.

Comboio, a opção dinâmica

A olaria,uma actividade que tende a desaparecer



Trabalhos de latoaria, feitos em folha-de-flandres e chapa zincada.

Numa exposição em moldes inéditos

Artesanato em vias de extinção na FIL

Elsa Andrade

A latoaria, o fabrico de gamelas, de socos, de fusos ou de croças, a olaria e a cestaria são actividades artesanais que ainda se praticam no Norte do País, mas que tendem a desaparecer. E são também as sete actividades representadas na exposição «Artesanato em Vias de Extinção» patente até ao fim do mês na FIL.

Dar a conhecer não só o produto final de cada uma destas sete formas de artesanato, mas mostrar ao habitante da cidade como é que são feitos e que materiais são utilizados no seu fabrico foi a intenção de Duran Cartacho e Helena Lemos, os organizadores da mostra.

«A maioria das exposições ditas de artesanato cometem o erro de tirar o artesão do seu habitat, trazendo-o como que para um jardim zoológico onde é exibido ao público sem produzir nada», afirma Duran Cartacho para justificar os moldes inéditos em que montou a sua exposição.

Na FIL o visitante toma contacto com todo o processo de fabricação dos objectos: para cada uma das actividades artesanais estão patentes os ferramentas utilizadas para a sua realização e, também, o produto final. A acompanhar a exposição, quatro munitores de vídeo passam filmes gravados pela equipa no próprio local, ilustrando todo o processo de fabricação. O objecto exposto é aquele que se vê fazer no filme.

Férramentas

É deste modo que o lisboeta pode tomar contacto com o banco de soqueiro, escavado pelo uso, bem como com os respectivos enxó, martelo, formão, goiva, alicate e sovela, vendo-os expostos, ao mesmo tempo que acompanha no vídeo o trabalho do artesão, enquanto os utiliza. Ou com o torno de arco, utilizado no fabrico das groças, um antigo agasalho para a chuva e frio, feitos de um jogo de juncos secos. No vídeo, grupos de homens colhem os juncos à beira de um rio, que depois são arrecadados até ao Inverno, altura em que o abrandar das fainas agrícolas parmitirá a cofecção das croças.

Também a roda baixa de oleiro está patente: é das mais arcaicas, constituída por uma parte que assenta no chão e pela roda propriamente dita, que o oleiro movimenta com a mão. O seu uso é restrito e encontra-se ameaçada a sua subsistência. E enquanto se olha para os objectos expostos, que poucos nos dizem, o vídeo dá uma ajuda, exemplificando como o sr. Manuel Teixeira, artesão, faz uso delas.

As gamelas, feitas de madeira, e outrora usadas para lavar a loiça, beber vinho ou, mais correntemente, para «apajar» o pão (dar-lhe forma), especialmente no fabrico da broa de milho, podem também ser observadas, bem como o material que os artesãos utilizam no seu fabrico. É uma oportunidade rara para as admirar, pois o seu fabrico é cada vez menor e o mais provável é que desapareçam das nossas feiras, como aconteceu ao gemelão, que era usado na lavagem dos pés.

Também a cestaria- representada na exposição por um belo exemplar- que nos habituámos já a ver como um objecto de decoração, teve o seu tempo como companheira imprescindível nas fainas rurais e caseiras. Hoje, substituída nas vindimas por baldes de plástico, tende a desaparecer. Na sala da FIL, entre outos objectos, lá está o banco de cesteiro e o ferro de lavrar. No écran do munitor de vídeo, a madeira que será rachada em tiras é escolhida e estas são molhadas para ficarem mais flexíveis. Depois, com mãos hábeis, o artífice começa a tecer o fundo do cesto...

E deste modo, com a ajuda dos utensílios, dos filmes e ainda de fotografias a preto e branco e a cores e de textos explicativos, os lisboetas tomam contacto com uma realidade diferente, que muitas vezes nem imaginam, quando numa feira compram um objecto de artesanato.

Não morrer aqui

A ideia de fazer esta exposição surgiu quase por acaso. Duran Cartacho, professor-assistente no departamento de vídeo e cinema da ESBAP, e Helena Lemos, licenciada em História, dedicam-se há seis anos à investigação de cerâmica portuguesa. Ao percorrerem o Norte do País a recolher material, tomaram contacto com diversas actividades de artesanato e resolveram filmar em vídeo e fotografar todas as que se encontram em perigo de extinção.

A exposição veio dar forma ao projecto de divulgação do material que recolheram, tornando possível mostrá-lo ao ao público das cidades. «Preparámos uma exposição para um público citadino, e por isso escolhemos elementos que as pessoas desconhecessem: o método de fabrico, desde o início da elaboração até ao produto final», explica Helena Lemos. Terminado o prazo da mostra na FIL, o desejo de Ducan Cartacho é que a exposição não fique por aqui: «ela está à disposição de quem a quiser mostrar. É a nossa primeira exposição, ainda somos virgens nisto. Mas fizemos o melhor possível. Era bom que não morresse aqui».

Cursos de folclore para emigrantes

Os serviços de E[illegible]ão do Governo Regional dos Açores vão promover, de 14 a 23 do corrente mês, um curso de animadores culturais de [illegible]lore, destinado a emigrantes.

Esta iniciativa tem vindo a despertar interesse pelo folclore açoriano nas comunidades onde ele ainda não existe e [illegible]na-se a fazer com que os grupos representem com mais rigor.

O curso relaciona-se com temas como a origem do folclore, e a sua importância na preservação de elementos tradicionais.

Serão ainda tratados aspectos que têm a ver com o trajo e a música.

Os 22 participantes do primeiro curso de animadores culturais, vindos dos Estados Unidos, Canadá e Brasil terão ainda oportunidade de assistir às manifestações integradas no Terceiro Festival Internacional de Folclore que decorre durante a próxima semana nas diversas ilhas dos Açores.

Filme angolano premiado na Checoslováquia

O filme «Memória de um Dia», do realizador angolano Orlando Fortunato, [illegible]ou o Prémio Primeira [illegible] no vigésimo-quinto Festival de Karlovy Vary, Checoslo[illegible]a.

O prémio foi atribuído pela Federação Internacional da Imprensa Cinematográfica, tendo em consideração «a eficácia com que Orlando Fortunato soube ligar a poesia do povo com a luta contra o colonialismo».

Através de gravuras e fotografias antigas, depoimentos e reconstituições, «Memória de um Dia» evoca a exploração e a violência do regime colonial português.

O grande prémio do Festival de Cinema de Karlovy Vary, o Globo de Cristal, foi atribuído a «Uma Rua para Morrer», do australiano Bill Bennet, o segundo prémio, Rosa de Lidice, a «Surpresa na Noite», do checoslovaco Juraj Herz, e o prémio especial do júri a «Tunner, o Negro»,.do suíço Xavier Koller.

O prémio para o melhor actor foi atribuído ao soviético Leonid Filatov e o prémio para a melhor actriz a Jane Fonda, Anne Bancroft e Meg Tilly.

DL CINEMA — CRÍTICA

"Sangue por Sangue"

de Joel Coen

Jorge Leitão Ramos

Bons actores, ágil e imaginoso argumento, realização cerce: «Sangue por Sangue«, **um «filme negro» para o Verão lisboeta.**

O destino, o irónico e fatal destino, é o nódulo central do «filme negro». O destino e o dinheiro, claro. E o sangue, e o amor? O sangue é secundário e o amor pode nem existir. Mas o destino, o desesperante desenrolar inelutável das coisas é o rei e senhor deste tipo de cinema.

É preciso não acreditar em nada para acreditar que «**Sangue por Sangue**« é um belo filme. Bem urdido, vorazmente filmado (grandes planos, ângulos insólitos, movimentos de câmara de predador), velozmente montado (se dois planos fazem as vezes de um, façam-se dois e de muito perto), este filme é o inverso do cinema mortiço mas é embriagador na urgência de morte, na necessidade de aniquilamento. Sem dúvida, uma fita extremamente segura, brilhante, mas será um belo filme?

Joel Coen (não se esqueçam do nome) coloca o espectador no lugar de Deus, isto é, daquele que sabe. Mas um Deus mudo e impotente: detém a verdade mas nada pode fazer senão olhar aquela gente debatendo-se em mentiras e enganos, trucidando-se por erro moral ou omissão racionalizante. Não há nada a fazer, a nossa angústia é a de saber demais, a verdade que detemos não altera o curso das coisas.

Se eles soubessem seriam salvos? Vá lá sabê-lo!... No princípio é a noite e depois eles movem-se às apalpadelas, experimentando sentimetos simples (ciúme, ódio, cupidez, medo), agindo por conjecturas erróneas, longe da luz que nem à bala ilumina a verdade. Custa muito matar um homem, custa mais entender o que se passa, se eles soubessem não seriam eles mas nós, isto é, Deus — se é que Deus e a verdade, etc., etc., existem... É preciso não acreditar em nada para acreditar que «**Sangue por Sangue**« é um belo filme.

Mas é essa passagem pelo vazio, essa travessia pelo esponjoso deserto das dúvidas absolutas, pelo negro, que todo o «cinema negro» nos propõe. A prova do amargo vórtice, já sem fôlego, quando a morte rena e o absurdo viaja. Há muito tempo que um filme se não vinha inscrever, com este sopro, nessa tradição: «**Sangue por Sangue**« volta a mergulhar-nos no lugar do «néon» e do sangue. Gota a gota, como um charco ou um rasto inelutável.

FICHA:

Título original: Blood Simple.
Realização: Joel Coen (EUA--1984).
Argumento: Joel Coen e Ethan Coen.
Fotografia: Barry Sonnenfeld.
Produção: Ethan Coen.
Interpretação: John Getz *(Ray)*, Frances McDormand *(Abby)*, Dan Heaya *(Marty)*, M. Emmet Walsh *(o detective)*, etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes.
Cinemas: Quarteto - sala 1 e Xenon.
Classificação: Para maiores de 16 anos.

*Frances McDormand em «**Sangue por Sangue**», o filme «negro» desce à cidade*

Agosto: mês da música na Ilha de S.Jorge

A ilha de S. Jorge, situada no grupo central do arquipélago dos Açores, será palco, durante este mês de Agosto, de uma série de actividades musicais.

A iniciativa, intitulada «Projecto Compositor Leandro Silva» (natural de S. Jorge) visa despertar os jergenses para a música clássica e «contribuir para o aperfeiçoamento técnico--musical das filarmónicas em actividade na ilha».

O projecto inclui um concerto na Vila da Calheta em homenagem ao maestro Francisco Lacerda (também natural desta ilha), no qual participarão o pianista Gustaaf Van Men e a soprano Luísa Alcobia Leal.

Na ocasião serão interpretadas integralmente, pela primeira vez, as «Trinta e oito canções para divertir os filhos de um artista» do referido músico.

Do mesmo modo, na outra vila da ilha, as Velas, terá lugar um concerto para piano e violino no qual participarão o pianista Gustaaf Van Men e o violinista Luís Soares.

O pianista Van Men dará nove concertos no meio rural, quatro em freguesias do concelho da Calheta e cinco em freguesias do concelho das Velas.

Conforme a agência NP apurou «não enveredará por trechos difíceis, nem os concertos serão de carácter formal».

«Pelo contrário, serão executadas peças de fácil compreenção, que o pianista introduzirá uma a uma, utilizando linguagem simples.»

Aos participantes em cada concerto será distribuída uma pequena brochura contendo notas biográficas dos compositores escolhidos, bem como breves alusões à sua importância no âmbito da história da música.

O «Projecto Compositor Leandro Silva», que teve o seu início no dia 2 e prolongar-se-á até ao dia 30, conta ainda com um ensaio com o maestro Gustaaf Van Men em cada uma das filarmónicas da ilha de S. Jorge, durante o qual serão executadas preferencialmente peças do compositor Leandro Silva.

Os ensaios serão utilizados para a correcção de falhas de execução mais evidentes, ao mesmo tempo que o maestro colherá elementos para uma futura reunião com todos os regentes da ilha.

A todos os responsáveis técnicos das filarmónicas será entregue um manual de regência.

O resultado do trabalho desenvolvido com as filarmónicas e regentes será apreciado durante um concurso de filarmónicas que terá lugar no fim do mês, no campo de jogos da Ribeira Seca.

Cada filarmónica deverá interpretar uma peça obrigatória, tendo sido escolhida a Jolity Marcha, de Leandro Silva.

À filarmónica vencedora será atribuído o «Prémio Compositor Leandro Silva».

Ainda no âmbito desta iniciatica, será proferida na Vila das Velas uma conferência sobre descentralização cultural, a cargo do director dos Assuntos Culturais do Governo dos Açores, Manuel Lamas, na qual se enquadrará a presente acção cultural nos princípios-base que a justificam ao nível político.

O «Projecto Compositor Leandro Silva» foi assumido pela Direcção dos Assuntos Culturais e pelas câmaras municipais da Calheta e das Velas, no âmbito dos seus programas de actividades culturais.

FOLHETIM CULTURAL

Os actores de «Exercícios de Estilo», em cena no café-teatro da Comuna

Teatro

• «Como a gota de água que o calor evapora antes de tocar no chão, assim é este espectáculo. Ou, se quiserem, como aqueles fios levíssimos de açúcar que se compram nas feiras, enrolados num pau. Desfaz-se rápido na boca. Menos que um sabor, fica a sensação deste tempo rápido. Repetido. Realista.» É assim que os actores João Lagarto, Teresa Garcia Fernandes e Bibi Perestelo descrevem o espectáculo de café-concerto que, de terça a sábado, a partir da meia-noite, apresentam na Comuna. O espectáculo intitula-se «**Exercícios de Estilo**» e é baseado em textos do surrealista francês Raymond Queneau.

• Também na Comuna, mas na sala nova e pelas 21.30 horas, o grupo daquela casa leva à cena a peça «**Touro**», da autoria de Abel Neves. A encenação e espaço cénico é de João Mota, a música original de Carlos Mendes, os figurinos de Carlos Paulo, a preparação dos actores em toureio de salão esteve a cargo de Álvaro Catoja e a execução da música ao vivo em trompete é de Luís Ramos.

• Integrado no «2.º Acto de Montanha» promovido pelo Grupo de Intervenção Cultural da Covilhã, a decorrer nas Penhas da Saúde, realiza-se esta tarde, pelas 18 horas, um espectáculo de teatro infantil com o grupo «**Horaviva**», **de Setúbal.**

Música

• No Hot Clube de Portugal realizam-se esta noite mais duas sessões musicais com o trio **João Pedro Madaleno** (guitarra), **David Gaus** (contrabaixo) e **Luigi Waites** (bateria), pelas 22.30 e 0.30 horas. São quase, quase as últimas, pois o baterista americano está de partida.

• A **Orquestra de Shegundo Galarza** actua esta noite a partir das 22 horas no «Baile de Agosto», nos Claustros do Convento de S. Gonçalo, no âmbito da Semana Cultural de Amarante, dedicada aos emigrantes.

Exposições

• Na Pousada do Castelo de Palmela continua patente até ao fim do mês a exposição de pintura, escultura, desenho e gravura de **Gil Teixeira Lopes.**

• Por ocasião do 10.º aniversário da Petrogal é inaugurada esta tarde, pelas 18 horas, no Salão Nobre do Teatro Municipal do Funchal a exposição «**Arte Moderna Portuguesa — Colecção Petrogal**», com obras de Eduardo Viana, Milly Possoz, Jorge Barradas, Bernardo Botelho, João Hogan e Domingos Rebelo, entre outros. A mostra, patente ao público até 30 do corrente, pode ser visitada todos os dias das 10 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto às segundas-feiras.

• «Mulheres» é o título da exposição de **Carlos Madeira** patente na Galeria Convés, na Praia de Quiaios, na Figueira da Foz. O artista nasceu em Coimbra em 1940 e é licenciado em Artes Plásticas — Pintura, pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Expôs colectiva e individualmente no Porto, Lisboa, Funchal, Tomar, Abrantes, Santarém e Coimbra.

No pavilhão rectangular do recinto municipal de feiras e exposições, ao Cojo, em Aveiro, esté patente uma exposição de cerâmica industrial. Trata-se de uma iniciativa da Câmara Municipal de Aveiro que, em simultâneo com a FARAV/86 — Feira Municipal de Artesanato da Região de Aveiro e com a mostra da Antiga Cerâmica de Aveiro, está patente até ao próximo dia 24.

«Representação do Animal na Arte Portuguesa Contemporânea» é o título de uma exposição que está patente até ao fim do mês no Convento de S. Domingos, em Abrantes. A mostra é composta por obras de sessenta artistas nacionais, nas áreas de pintura, escultura, cerâmica e gravura. A exposição é uma iniciativa da Sociedade Nacional de Belas-Artes e tem o apoio da Câmara Municipal de Abrantes.

Obras de António Sena, Graça P. Coutinho, Paulo Osseão, Noronha da Costa, António Mendes, Bual e Catarina Castelo Branco, entre outros, continuam patentes no Hotel de Montechoro, integradas numa exposição colectiva organizada pela Galeria R 75 de Lisboa.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Alfa 2

A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II
(maiores 16 anos)
15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. a men. 13 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Apolo 70

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Ávila

— T. 539930

FESTIVAL 007 — 007 VIVE E DEIXA MORRER
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

A ÚLTIMA VIRGEM AMERICANA
(maiores 16 anos)
15.30 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio

— T. 372358

SEXO CONTRA-RELÓGIO
(int. m. 18 anos)
15.30, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorse. Grande Prémio da melhor realização / Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444

Cinebloco

— T. 556824

PLENTY UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
ESTRADA DE FOGO
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cinebolso

PRISIONEIROS DO SEXO
(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

HOLOCAUSTO CANIBAL
(int. m. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

ENCERRADO PARA FÉRIAS

Cine 222

— T. 579460

ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(não acons. menores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Arnaldo

ALVO ÁGUIA
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

COCON – «A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS»
(maiores 6 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

MÚSICA NO CORAÇÃO
(maiores 6 anos)
14.30, 17.45 e 21.00 h
QUADROPHENIA
(int. 18 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
(m. 16 anos)
14.00, 16.30. 19.00 e 21.30 h

Eden

DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

POLICE ACADEMY III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

UM LUGAR NO CORAÇAO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

Sala 1

TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

O HOMEM DE DUAS CARAS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

HOUSTON TEXAS
(n. acons. men. 18 anos)
19.00 e 21.45 h

Gemini

— T. 734009

BADBOYS
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

ABSOLUTE BEGINNÉES
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23 h

Império

— T. 555134

SARILHO NO FAR-WEST
(n. acons. a men. 13 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

LOUCA POR SI, PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.45 h

Londres

LOUCA POR SI, PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

OS DEZ MANDAMENTOS
(m. 13 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas

— T. 574362

O ROMANCE DE MARTHY
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

O GUERREIRO SAGRADO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

LOUCURAS SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

RAMBO II — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 21.30 e 24.00 h

Politeama

T. 326305

PROFISSÃO MULHER
(m. 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A MULHER EM CHAMAS
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

A CASA ENCANTADA
(n. acons. a m. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
NOIVOS SANGRENTOS
(m. 16 anos)
23.45 h

Sala 3

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS TRÊS DIAS DE CONDOR
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 4

DELITO DE AMOR
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
POR FAVOR NÃO MEXAM NAS VELHINHAS
(maiores 16 anos)
23.30 h

Roma

T. 889192

GELADO DE LIMÃO V
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

007 - AGENTE IRRESISTÍVEL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3

A GAROTA DO VESTIDO COR-DE-ROSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

GENTE GIRA N.º-2
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

BREAKDANCE – RITMO NA RUA
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon

T. 368480

SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES (INDIANOS)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «Jovens Guerrilheiros», às 15.30 h (maiores 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio – «Plenty — Uma História de Mulher», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Remo — Desarmado e Perigoso», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)

Babilónia, «Heróis e Amantes», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Estúdio Dois Eme — «Cães de guerra», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — «Viver e Morrer em Los Angeles», às 17.00 e 21.15 (m. 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Viver e Morrer em Los Angeles», às 15.30 e 21.30, (maiores 16 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «África Minha», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «A Flauta Mágica», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (n. acons. m. 13 anos)

CASCAIS – Miramar/Sala 1 — «Louca por si Professor», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Música no Coração», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS – Atlântida Cine — «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Oxford — «Academia de POlícia III», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «Micky e Maude», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Academia — «O Rei de Alfabeht City», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio Almada — «Era uma vez na América», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano – Sala 1 – «Rocky IV», às 15.45 e 21.30 h (maiores de 12 anos).

Sala 2 – «Os Gloriosos Malucos da Academia do Volante», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

MOSCAVIDE — Stop — «Os Salteadores da Selva Perdida», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

BARREIRO – Cinestúdio Barreirense – «Juventude inquieta» às 15.00 e 21.15 h (m. 16 anos)

LINDA-A-VELHA – Cinetropical — «Rocky IV», às 16.00 e 21.30 h (n. acons. m. 12 anos)

ODIVELAS – Cineodivel — «Jovens Guerrilheiros», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Cineoceano – «A Última Reportagem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALTO DE SÃO JOÃO: Zional, R. Morais Soares, 56-C; **BAIXA: Oliveira**, R. da Prata, 240 (T. 878415); **CALVÁRIO: Monge**, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL: Rainha Santa**, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CAMPOLIDE - ÁGUAS LIVRES: Rualto Ld.ª**, R. Alto do Carvalhão, 5 (T. 651721); **ESTADOS UNIDOS - À CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39: Celta**, R. Moura Girão, 3-B (T. 890621); **LUMIAR: Nicolau**, C. de Carriche, lote 4, loja, Esq. (T. 7588727); **MADRE DE DeUS: Romana**, R. Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **RATO: Albano**, R. da Escola Politécnica, 59 (T. 326750); **REGO: Prates** & Mota, R. da Beneficência, 91-93 (T. 773728); **SALDANHA: Avenidas**, Av. da República, 27-A (T. 533688); **VALE [illegible]ANTO ANTÓNIO: Santo António**, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862333); **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — ALFAMA - SÃO TOMÉ: Ziler, R. de São Tomé, 54-56 (T 862835); **AVENIDA D. RODRIGO DA CUNHA: Aeroporto**, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (T. 882384); **BENFICA - 2.ª CIRCULAR: Benfiluz**, E. de Benfica, 444-A (T. 7141206); **BOA-HORA - AJUDA: Boa-Hora**, R. dos Quartéis, 25-27 (T. 637777); **CAISS DO SODRÉ: Central**, R. de São Paulo, 108 (T. 320389); **ESTRELA: Marques Freire**, R. de Santo António à Estrela, 96 (T. 665196); **JARDIM CONSTANTINO: Portugal**, R. Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); **OLIVAIS SUL: Lemos**, R. Cidade da Beira, lote 19 (T. 331692); **PRAÇA DE LONDRES: Algarve**, Av. de Roma, 7-B (T. 801478); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Pichelеira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA - HOTEL SHERATON: Oliveira Viegas**, R. Viriato, 29-29-A (T. 548966); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; COVA DA PIEDADE: Louro, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até ás 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296664). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 ~~(T. 2073443)~~. Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional. 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro, P. General Humberto Delgado, 16, Fogueteiro (T. 2243729). Até às 22 horas; ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo Marques**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até ás 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Rosado Pinto**, P. do Bocage, 98 (T. 22484). Permanente; **Nova**, R. General Gomes Freire (T. 22052). Permanente; **Alice**, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Araújo, 2-B (T. 2101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Artur Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 4938424). Permanente; **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 4938149). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, Av. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ: Vasconcelos**, R. Particular Henrique Pousão (T. 4372649). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira,5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, R. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

Coimbra — CENTRAL, R. da Sofia, 19-21 (T. 22089); **LOPES RODRIGUES**, R. Fernandes Tomaz, 4, ao Arco de Almedina (T. 22634); **CRUZ & COSTA**, R. A. Vasconcelos, 71-71-A, antiga R. Oriental Montarroio (T. 22715).

TEATROS

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Em férias até 13 de Setembro

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30: domingos às 17.00

«**TOURO**«, de Abel Neves. Encenação de João Mota. Intérpretes: Anbtónio Melo, Alfredo Brissos, Amélia Videira, Carmen Marques e Carlos Paulo.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00

«**AVAREZA, LUXURIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA**», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Casa dos Tabuenses

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

Domingos, às 16.30

«**A RUA DOS FANTASMAS**«, de Javier Villafañe. Pelo Grupo Maizum.

Centro de Arte Moderna

R. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 08 83

Dia 9 às 21.30; dia 10, às 15.00; de terça a 6.ª, às 18.30

«**O INDESEJADO**«, de Jorge de Sena. Encenação de Orlando Neves. Cenários e figurinos de Nuno Carinhas.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingos, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**«, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingo, às 16.00

«**LISBOA TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Oliveira. Intérpretes: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Natalina José, Henrique Viana, Helena Isabel e Alexandra Solnado.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quarta a sábado, às 21.45; domingos, às 18.30

«**OS NEGROS**«, de Jean Genet. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Cucha Carvalheiro, José Nogueira Ramos, Lucinda Loureiro, Miguel Guilherme, etc.

De quinta a sábado, ás 18.30; domingos, ás 21.45

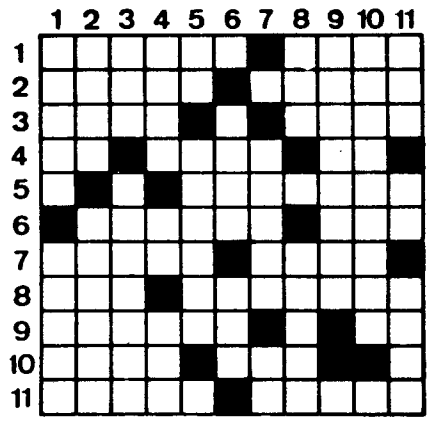
«VIAGEM PARA A FELICIDADE«, de F. X. Kroetz. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Lucinda Loureiro.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 799

HORIZONTAIS:

1 Pronome possessivo (pl). Negra.
2 Assanha. Acções.
3 Cabeça (pop). Roça em que trabalhavam escravos (Bras).
4 Pertences. Nome de homem. Em a.
5 Ateimara.
6 Apelido. Rente.
7 Enovelam o fio de uma meada. Filtrem.
8 Magnete natural. Oveiras (pop).
9 Torno a coser. Solitário.
10 Camareiras. Ribeira de Portugal.
11 Restos mortais. Feiticeiras.



VERTICAIS:

1 O mesmo que cozinheiro. Proferirão.
2 Fúteis. Adicionais.
3 Nome de astro. Pingentes (fig. e pl).
4 Senhoras. Nota musical. Sufixo que designa abundância.
5 Autores. Tempo do verbo atar.
6 Aquele que. Pronome pessoal.
7 Invólucro de palha em que se metem os objectos frágeis para que se não partam durante o transporte. Grande ribeira da Ásia Russa.
8 Manto real. Rezara.
9 Cantarei (com trinos).
10 Murmuraremos de alguém.
11 Guarneço de asas. Carta de jogar. Tempo do verbo ser.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 798

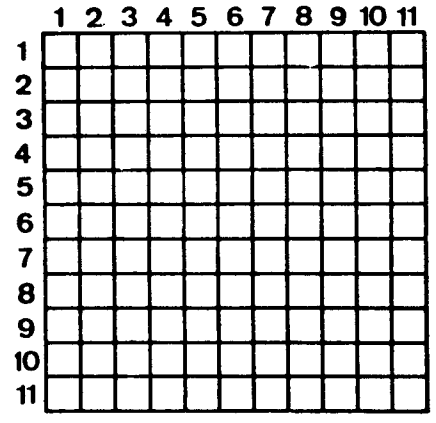
HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 QUEM. Redes.	1 Qui. CONHECE.
2 Úrico. Meteu.	2 Urano. Agral.
3 Iar. Saul.	3 Eirada. Ris.
4 Naus. As. Só.	4 MC. Tâmara.
5 Cod. Ec. Or.	5 O. SEU.
6 Atuo. Nei.	6 CORAÇÃO.
7 Na. Refilo.	7 Em. Er. Sb.
8 Hg. Meari. Li.	8 DESCONFIA.
9 Erra. Ad.	9 Eta. Rei. DOS.
10 Cairias. Omo.	10 SEUS. Ili. Mo.
11 Elsa. Obesos.	11 Ulos. OLHOS.

PROVÉRBIO: Quem conhece o seu coração, desconfia dos seus olhos.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 635

HORIZONTAIS:

1 Nome de mês. Régulos.
2 Manjar feito de leite. Agarrara.
3 Raspamn. Passar rente.
4 Pouco ouro no meio de material mineiro de nenhum valor. Estima. Bromo (s.q).
5 Anel. Impassível.
6 Comparava. Confira (abrev).
7 Ondas curtas. Érbio (s.q). Nosso Senhor. O sono das crianças.
8 Rádio (s.q). Garotas.
9 Mãe de Rómulo e Remo. Rio da Europa Central, afluente do Danúbio.
10 Óptimos (pleb). Ouro (ss.q).
11 Artigo definido. Estimai. Primeiro dos dois nomes que formam o nome do principado da Arábia no litoral do golfo Pérsico.



VERTICAIS:

1 Áspero. Maior. Rio de Itália.
2 Cidade de Portugal. Queridos.
3 Reembolsará. Érbio (s.q).
4 Magnete natural. Respirara com dificuldade.
5 Divisa. Época. Preposição.
6 Maior. Lagoa do Estado da Baía.
7 Nome de mulher. Ilha do Estado da Baía. Zomba.
8 Sufixo que designa abundância. Tédio.
9 Duas vozes. Prefixo de privação.
10 Da Arábia. Rio da Baviera.
11 Ripas. Cidade da China.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 634

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Arre! Amadas.	1 Apara. Manca.
2 País. Vala.	2 Rapado. Ofa.
3 Apo. Siri.	3 Rio. Irite.
4 Rã. Tardaram.	4 És. Talão. Co.
5 Adiara. Velo.	5 Saramago.
6 Orlas. Amas.	6 Atiras. Rala.
7 Iam. Asas.	7 Rd. Aalen.
8 Toara. Nio.	8 Aviavas. Erg.
9 Noe. Galegas.	9 Dá. Remangar.
10 Cf. Cólera.	10 Al. Alásia.
11 Aaro. Angras.	11 Salmos. Osos.

Radio

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.32**: Árias de óperas; **17.00**: Integrais; **17.20**: Sinfonia, n.º 41, em dó maior. KV 551, «Júpiter», de Mozart; **18.00**: Cantata, BWV 209, de Bach; **18.40**: Música de câmara; **20.00**: «Amores de Poeta», op. 48, de Schumann; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Transmissão directa, das Ruínas do Carmo, em Lisboa, de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **16.00**: A feira mágica; **19.15**: Musical; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora; **02.00**: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em fM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração' **21.00**: Jazz; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENACENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Transmissão directa, do Santuário de Fátima, das cerimónias referentes à Peregrinação Nacional de Emigrantes.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Alentejo en notícia; **19.30**: Diversos; **20.00**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP/1

15.00— Desenhos Animados
«As Misteriosas Cidades de Ouro»

15.30 — O Povo e a Música
Rancho de Vila Verde — Braga

15.55 — Risco Inadiável
(2.º episódio)

16.20 — A Tragédia da Rua das Flores
(7.º episódio)

17.15 — Histórias com Pés e Cabeça
(7.º episódio): «A Cabeça no Ar»

17.35 — Onte Viu?
«Ferro Forjado»

18.05 — Sumário

18.10 6 Tempo dos Mais Novos
«O Jovem Ramsay» e «Era Uma Vez»

18.45 — País, País

19.20 — Trânsito

19.45 — Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.50 — O Livro Grande de Petete
«A Barreira do Som»

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.35 — Corpo a Corpo

(111.º episódio): Osmar tenta animar Teresa que continua muito deprimida, achando que a sua vida e a de Heloísa correm perigo. Osmar pede-lhe que o deixe conhecer a filha, mas ela responde-lhe que isso só será possível se Heloísa vier mais amadurecida dos Estados Unidos. Ângela começa a notar que Rafael lhe presta pouca antenção. Lúcia mantém a sua severidade em relação a todos os ocupantes da casa de Alfredo. Heloísa chega finalmente e abraça a mãe comovida.

21.20 — Panorama
«Faróis das Costas Portuguesas»

22.20 — Um César Americano
(7.º episódio)

22.45 — Últimas Notícias

RTP 2

16.30 — Indicativo do «Europa TV»
O Tempo

16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos
1 «Tic-Tac» e «Willy Fog»

17.00 — Count Down

17.45 — O Tempo

17.55 — Eurorepórter

18.00 — Eureka
Semanário sobre ciência, tecnologia e indústria na Europa

18.20 — O Tempo
«O Mundo Amanhã»

18.30 — Os Punks em Londres
Documentário:

Filme realizado por Wolfgang Büld em 1977 quando o movimento punk — originadoentre os jo-

Boomtown Rats: um dois grupos da cena punk britânica, hoje em foco na RTP-2, num documentário intitulado «Os Punks em Londres»

Esta tarde a segunda parte do documentário dedicado a Brigitte Bardot

vens das classes baixas — conhecia a sua explosão.

Büld foca a câmara na cena londrina, onde pontificam os Boomtown Rats, os Jam, os X-Ray Specs, os Clash e muitos outros...

19.05 — Brigitte Bardot (II Parte)

Pela primeira vez a famosa actriz francesa abre a porta da sua intimidade à televisão. De destacar alguns documentos inéditos, como as imagens amadoras recolhidas pelo pai durante a sua infância, bem como extratos d filmes realizados durante o pico do seu estrelado.

(A 3.ª parte deste documentário será transmitida no dia 19).

20.00 — Notícias

20.05 — Videopolis

20.40 — Falar de Macau

21.00 — Cinema Italiano
«O Brigão»:

A história trágica do jovem Michele Rende (adaptada de um romance de Giuseppe Berto), que se tornou foragido depois de ser injustamente acusado de um assassínio, é o tema escolhido para iniciar o ciclo do cinema Italiano, na RTP / 2, a partir de hoje. Decorre a 2.ª Guerra Mundial e Michele é um agitador político, instando os camponeses a ocuparem as terras. Perseguido pela polícia, perde a vontade de viver quando lhe matam a noiva, e enfrenta os carabineiros que o perseguem.

Renato Castellani, depois de uma infância vivida na Argentina, regressou a Itália onde, depois dos estudos de arquitectura e como outros realizadores do novo cinema italiano, colaborou na revista «Cinema». Argumentista com Alessandro Blasetti, estreou-se na realização com «Un Colpo di Pistola» (1941). Estudioso dos problemas da forma e do estilo, Castellani revela-se no pós-guerra inspirado pela grande corrente de calor humano que transformava o cinema italiano. A tomada de consciência social prevalece sobre o esteticismo elegante dos seus primeiros filmes e «Sotto Il Sole Di Roma», «E Primavera» e «Due Soldi Di Speraza» marcam o seu contributo para com o neo-realismo. Mas Castellani, afastando-se dos dramas que dilaceravam os cineastas italianos seus comtemporâneos, revela-se um optimista que observa friamente e com uma ironia fácil e desprendida. A preocupação pela elegância formal tira sinceridade aos seus melodramas, e a sua carreira original termina nos anos 60, fazendo apenas figura de excepção alguns espaçados (e meritórios) trabalhos para a televisão.

Título original: Il Brigante. Realizador: Renato Castellani (1961). Intérpretes: Adelmo di Fraia, Francesco Seminario, Serena Verganoração: 140 minutos. Género: Dramático — Preto e Branco.

23.30 — Últimas Notícias

23.40 — Vereda Tropical
(96.º e 97.º episódios)

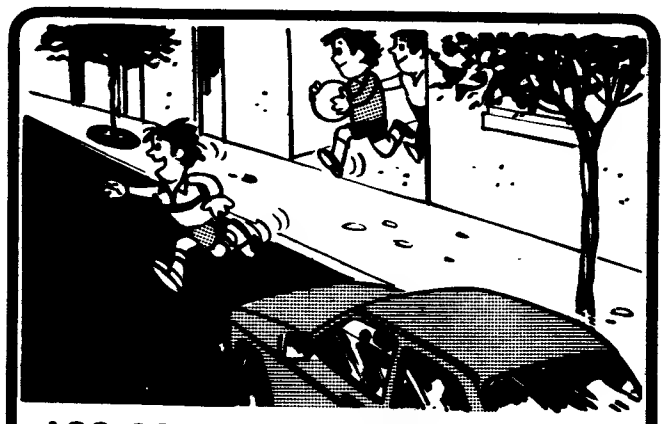
Amanhã

RTP/1

11.00 — Sumário
11.07 — Memória dum Povo
11.30 — Espaço 11 / 13
12.30 — Vereda Tropical
13.15 — Jornal da Tarde
15.00 — Desenhos Animados
15.25 — O Homem Montanhês
16.05 — Duarte e C.ª
17.05 — O Dia a Dia
17.35 — Ontem Viu?
18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos Mais Novos
18.40 — País, País
18.55 — Atletismo
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Corpo a Corpo
21.30 — Noite de Cinema — «Um Homem de Quem Eu Gosto»

RTP 2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.10 — Atletismo
22.30 — Últimas Notícias
22.40 — Vereda Tropical



AOS CONDUTORES

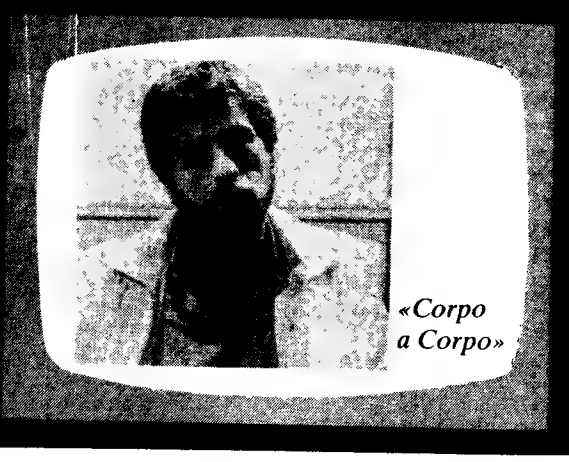
"Ao ver uma criança a correr, para o meio da rua, trave, porque geralmente atrás dela, vêm sempre outras."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1
Panorama

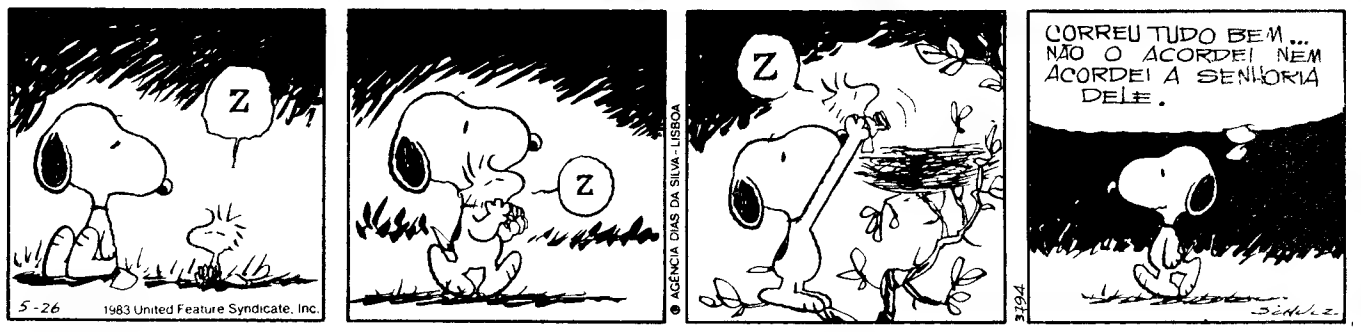
RTP 2
Cinema Italiano — «O Brigão»



«Corpo a Corpo»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Ldo.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso
Propriedade, Composição e Impressão: Rádio e Imprensa Portuguesa, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUÍS DE CAMÕES, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 / 2. Publicidade: 36 87 45
Serviço de noite (depois das 21): Portaria: 32 11 54 Redacção: 36 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 383 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82
Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Piteira Santos



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
07.13	**3,60 m**	00.41	**1,20 m**
19.34	**3,60 m**	13.03	**1,24 m**
Dia 13			
08.10	**3,40 m**	01.37	**1,40 m**
20.41	**3,40 m**	14.09	**1,60 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	13º
VIANA DO CASTELO	11º
VILA REAL	11º
PORTO	11º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	17º
CASTELO BRANCO	–
PORTALEGRE	19º
LISBOA	16º
ÉVORA	11º
BEJA	11º
FARO	16º
SAGRES	16º
PONTA DELGADA	21º
FUNCHAL	20º

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando em rajadas de sudeste durante a tarde no litoral oeste a sul do Cabo Mondego. Nevoeiros durante a madrugada e a manhã no litoral oeste.

Ensino de literatura portuguesa no Brasil

Afrânio Coutinho volta a atacar

O deputado brasileiro Afrânio Coutinho, que tem criticado o ensino da literatura portuguesa nas escolas brasileiras, afirmou que o Brasil «não deve ter subserviência e sentimentalismo em relação a Portugal».

Em entrevista ao jornal «O Estado de S. Paulo», Afrânio Coutinho critica os portugueses por terem «corrigido» os autores brasileiros Machado de Assis, Coelho Neto, Alísio de Azevedo, entre outros.

A sua oposição à atitude portuguesa deve-se a que «Portugal não se interessou pela colonização do Brasil, porque já estava decadente».

Refere, por exemplo, ter-se «criado a lenda de que Machado se tornou escritor lusófilo no fim da sua vida, influenciado pela mulher Carolina, de origem portuguesa», concluindo que Machado de Assis «foi emendado».

Sublinhou, por outro lado, que até meados do século XVI, «Portugal não tinha interesse pelo Brasil e nada fazia pela terra», acrescentando que «só a partir de marquês de Pombal é que a Língua portuguesa foi oficializada também no Brasil».

Mantendo reservas na posse de agrários

Barreto não cumpre acordo do Supremo no Alentejo

O ministro da Agricultura Álvaro Barreto continua a opor-se à decisão do Supremo Tribunal Administrativo (STM) que mandava devolver às UCP's «15 de Outubro», de Estremoz, e «Albufeira do Monte Branco», de Elvas, as herdades do «Freixial» «Alcobaça», «Pereiro» e «Alcaide», entregues às agrárias Maria Guiomar e Maria da Conceição Cortes, juntamente com gado e maquinarias.

Em comunicado, o Secretariado das UCP's e Cooperativas Agrícolas do Distrito de Évora recorda que o prazo de entrega expirou em 6 do corrente, recusando-se o ministro Álvaro Barreto a cumprir o acórdão do STA como acontece com os restantes 356 favoráveis a outras UCP's da zona de Intervenção da Reforma Agrária.

Depois de referir esta «escandalosa ilegalidade» e de reclamar o cumprimento do acórdão do STA, o Secretariado recorda que Álvaro Barreto «já deu provas de que não olha a meios para atingir o seu objectivo inconstitucional de reconstituição integral do latifúndio nos campos do Alentejo e Ribatejo».

Cavaco reuniu-se com ministro alemão da Economia

O Primeiro-Ministro português reuniu-se em Constança, RFA, com o ministro alemão-federal da Economia, Martin Bangemann, para preparar uma reunião a realizar em Lisboa na próxima Primavera.

A reunião entre Cavaco Silva e Martin Bangemann — que é também Presidente do Partido Liberal da Alemanha Federal — prolongou-se por várias horas, de acordo com um porta-voz da Fundação Friedrich Naumann, que promoveu o encontro entre os dois líderes partidários.

Cavaco Silva tem prevista para hoje uma deslocação a Singen, perto de Constança, onde visitará uma fábrica de laminado de alumínio na qual trabalham 900 portugueses.

O regresso do Primeiro-Ministro a Lisboa está previsto para hoje.

/D/E/C/A/R/A/S/

VITOR MENDES, o «dieStro» português, será substituído pelo espanhol José Miguel Arroyo «Joselito» na corrida que hoje se realiza em Málaga. Vítor Mendes encontra-se a recuperar de uma cornada que sofreu domingo, na corrida realizada na cidade francesa de Beziers. Mendes, no entanto, deve reaparecer no dia 14 na Praça de Touros de El Espinar, em Segóvia, alternando com Ortega Cano e «Joselito» na lide de touros de Francisco Galache.

MIKHAIL GORBACHEV afirmou que ficou constipado durante a viagem que efectuou, em Julho último, ao extremo oriente da União Soviética, mas assegurou que está a recuperar. «Constipei-me, mas estou quase recuperado» - disse o líder do Kremlin aos jornalistas antes de receber, em Moscovo, uma delegação do Partido Comunista japonês.

ISABEL II, que na semana passada se submeteu a um exame de rotina ao coração, subiu ontem os 152 degraus de um farol escocês. Isabel II, de 60 anos, que se tornou o primeiro monarca a subir ao farol, com 34 metros de altura, não deu mostras de cansaço quando alcançou o topo, afirmou o faroleiro. A rainha deu duas voltas à varanda do farol e acenou para as pessoas que haviam ficado em baixo, incluíndo os recém-casados duques de York, André e Sarah.

WILLIE NELSON, que com os seus 53 anos é ainda considerado um dos reis da «Country Music», acaba de editar um novo álbum intitulado «The Promiseland». Com produção sua, o disco conta ainda com a participação de nomes conhecidos da «Country» como Bee Beans, Mickey Raphael e david L. Jones. «The Promiseland», gravado no Texas, é constituído por 11 temas entre os quais «Living in the Promiseland», «No Place But Texas», «Do You Ever Think of Me» e um arranjo de Willie Nelson sobre o «Minuete in G» de Bach.

HUSSEIN, rei da Jordânia, chegou ontem aos Emirados Árabes Unidos para uma visita oficial de três dias, durante a qual deverá abordar a questão da paz para o Médio Oriente e a conturbada economia jordana. A agência noticiosa dos Emirados Árabes Unidos (WAM) afirmou que o monarca foi recebido no aeroporto pelo presidente Xeque Zaid Bin Sultan Al-Nahayan, com quem encetará conversações ainda hoje. Diplomatas afirmaram que Hussein deverá informar o presidente dos Emirados Árabes Unidos sobre os seus recentes encontros com o vice-presidente norte-americano, George Bush, e com o presidente egipcío, Hosni Mubarak.

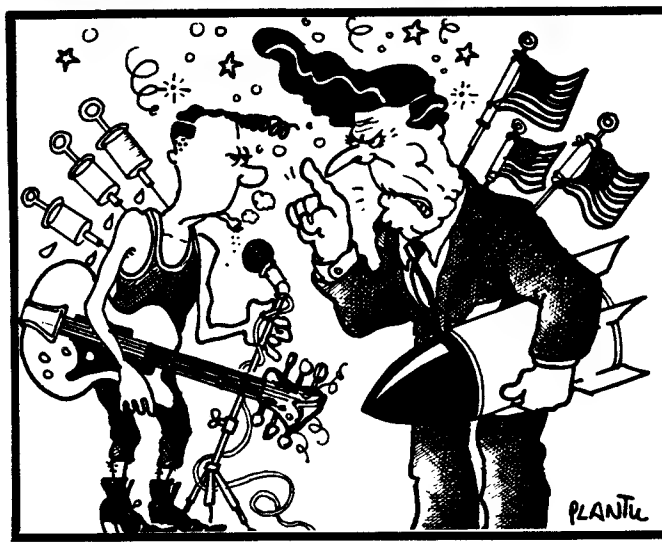
MOBUTU SESO SEKO, presidente da República do Zaire, chega hoje a Faro para «gozo de férias» - anunciou o Ministério português dos Negócios Estrangeiros. Mobutu, marechal do exército zairense, é o segundo presidente da República daquele país, que ascendeu à independência em 1960. O Chefe de Estado do Zaire fez a sua última visita a Portugal em 1984, tendo na altura comprado vários imóveis no País, numa transacção que envolveu uma quantia de aproximadamente quinhentos mil contos.

Televisão de Macau "sobrevive" sem estatutos nem regras de gestão

A situação altamente deficitária da empresa «Televisão de Macau» (TDM) foi ontem criticada pelo secretário-adjunto do Governo daquele território, Nuno Delerue, durante a cerimónia de posse da nova Comissão Instaladora da TDM. «Quatro anos é um período de tempo demasiado longo para que o poder político mantenha a empresa sem estatutos e sem regras claras de gestão», referiu Nuno Delerue, para acrescentar que uma tal situação «tem acarretado à TDM um mundo de problemas desde a inexistência de um quadro de pessoal devidamente aprovado por lei até à ausência de normas transparentes na elaboração do seu orçamento».

O secretário-adjunto do Governo de Macau apontou como objectivos para a nova Comissão Instaladora a aprovação de estatutos para a TDM e a fixação de regras para a apresentação dos orçamentos de exploração e investimentos. Nuno Delerue referiu ainda que a nova Comissão Instaladora da TDM deverá dotar rapidamente a empresa com alguns profissionais de qualidade, proceder à compra de algum equipamento indispensável, dar solução ao problema das instalações e resolver a candente questão da qualidade de recepção de emissão de televisão.

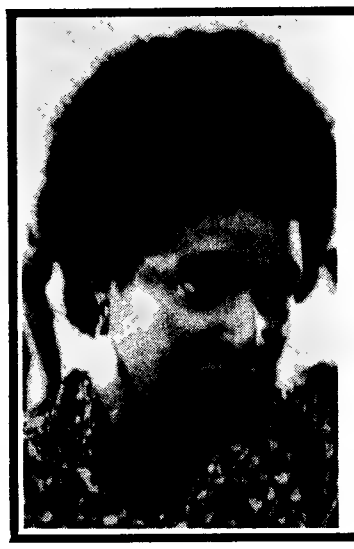
A Comissão Instaladora, à qual foi concedido o prazo de um ano para concretizar os objectivos propostos, integra, além do seu presidente António Ribeiro, ex-director de informação da Rádio Comercial, em Lisboa, os vogais Maraia de Beleo Martins Coelho e Miranda de Andrade. A cerimónia foi presidida pelo governador de Macau, prof. Pinto Machado.



Reagan lança cruzada antidroga

Antecipando-se aos democratas, o presidente dos EUA apresenta um programa visando reduzir o consumo de estupefacientes, que não pára de crescer

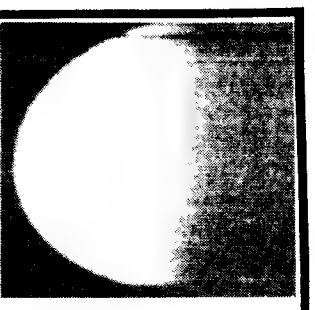
Pág. 8



Visitando Winnie Mandela no ghetto

Anne Benjamim acaba de publicar em livro a narrativa das suas visitas a Winnie Mandela, no coração do país afrikaner

Págs. 6 e 7



Notícias do planeta vermelho

Pág. 5

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Saheb Sarbeb, amanhã e depois

Jean-Jacques Avenel, o «baixo» de Lacy

Jazz entre dois festivais

O quarteto de Saheb Sarbib subirá amanhã e depois ao palco do Anfiteatro ao Ar Livre da Gulbenkian no que será o segundo concerto do Jazz em Agosto deste ano. Sarbib é um nova-iorquino nascido em Portugal de mãe portuguesa e pai egípcio. Mas lá eles não sabem — os americanos do jazz têm-no como uma personalidade misteriosa, um passado um tanto exótico. Assim não é a sua música: jazz de clube nocturno em que a vanguarda se veste com as roupas da tradição: **jazz específico,** da Nova Iorque «fora de horas».

Págs. 2 e 3

O quadragésimo Festival de Avignon apresentou mais de duzentos espectáculos por dia

Um egoísmo friorento

O quadragésimo festival de Avignon terminou na quarta-feira, 6. Mais de cento e vinte mil espectadores para cerca de 30 espectáculos. Os grupos presentes em Avignon são os que fazem o teatro francês de hoje. Passam uns ao lado dos outros sem se cumprimentarem.

Os espectadores das regiões culturalmente desfavorecidas — já não se pode falar de desertificação quando se enumeram, um pouco por toda a parte, «grupos implantados» — vão a Avignon tomar a sua ração anual de espectáculos e, na mesma ocasião, sentir as tendências do movimento teatral e coreográfico. O festival orgulha-se, e com razão, de não apresentar senão criações, naturalmente relançadas durante a época, na maioria dos casos em Paris, novamente pólo de atracção desde que se iniciou a descentralização administrativa que faz temer políticas artísticas excessivamente eleitoralistas.

Este ano, muita gente se maravilhou com o «regresso dos autores», com o lugar que lhes foi «devolvido», com o movimento de massas em torno de Nathalie Sarraute, com as polémicas acerca de Valère Novarina... Saiu-se dos caminhos conhecidos e procurou-se, nos séculos passados, poetas desconhecidos...

Se o próximo ano promete para Avignon a versão integral do *Sapato de Cetim* por Antonio Vitez, desta feita foram apresentados clássicos sem respeito excessivo pelo tamanho dos textos. 1986/87 não será, assim, a época das «representações-rio» — o que significa que não haverá grandes queixas a este respeito.

A França também não vai, este ano, cantar o «requiem» de sempre por um teatro que estaria permanentemente doente. Tal seria absurdo, perante um festival que apresentou mais de duzentos espectáculos por dia, acolheu espectadores às dezenas de milhar — uma multidão que atirou com actores habituados ao conforto dos grandes palcos para as salas miseráveis do *off*.

A importância qualitativa não está forçosamente à altura da quantidade — é verdade, sempre o foi. Mas sobretudo, as instituições isolaram aqueles que as dirigem. E como eles pertencem à mesma geração, como chegaram juntos ao terreno e como cada um deles à sua maneira levou à cena a mesma utopia de um mundo novo — mais justo, mais brilhante, mais louco — suporta-se mal vê-los regressados a si próprios, aparentemente sem curiosidade, senão para o que é útil às suas produções. A preocupação com a eficácia empurrou-os para o impasse.

Uma cadeira, um autor, um texto... Aqui, Jean-Paul Dubois em «Dias tranquilos em Champagne»

Cada qual brande o «seu» autor, aquele a quem se encomendou trabalho, e isso evita-lhe ter de conhecer outros, ter, na maior parte dos casos, de co-produzir o espectáculo de um confrade. Quando ouvem falar de *abertura*, o que compreendem da palavra é *eclectismo*.

Quase não estamos a exagerar. Evidentemente, eles não se tornaram de um momento para o outro perigosamente egoístas. Responsáveis diante dos poderes públicos e dos contribuintes, eles levam a sério as suas responsabilidades. Reúnem em seu redor equipas competentes, esforçam-se por estabelecer programas que estimulam o prazer da reflexão e, ao mesmo tempo, dão testemunho da sua identidade. São gente inquieta, à procura de soluções, não podem ser acusados de superficialidade. Aliás, eles estão embarcados num sistema que os esgota, que os obriga a acumular as encenações — se não eles deixariam de sentir que existem —, que os obriga a renovarem-se sem parar, caso contrário serão acusados de terem deixado de nos espantar.

Chefes de empresa e artistas, correm, no seu trabalho, riscos que os encerram, os tornam vulneráveis, os limitam a moverem-se em territórios protegidos. Co-produzem-se uns aos outros, mas dando a impressão de não conseguirem ter, uns com os outros, senão relações de homens de negócios. As ligações ideológicas e artísticas estão desfeitas. O movimento teatral dispersou-se em iniciativas pontuais mais ou menos conseguidas, às quais o público adere, ou não, conforme o seu êxito, ou conforme a moda. Os espectáculos destes homens de teatro donos da sua arte reflectem a sua perturbação: a forma é perfeita, o pensamento é flutuante. Se, com cada vez mais frequência, o texto é inaudível, não se trata, sem qualquer dúvida, de acaso.

As reacções vão por vezes até à recusa do discurso: o espectáculo pelo espectáculo, simples jogo de imagens e de palavras, em referência à banda desenhada. Ou, pelo contrário, vão por vezes até à recusa do espectacular: uma cadeira, um comediante, um texto literário de que se tenta fazer ouvir o que ele subentende.

O teatro procura uma base que lhe seja própria e cola-se ao tempo presente inspirando-se em expressões recentes — o cinema ou em plena mutação — a dança. Entretanto, os coreógrafos espreitam para a teatralidade das relações entre os personagens, os cineastas reencontram as delícias dos diálogos, das cenas construídas. A abertura virá talvez de gente formada pelo cinema, ou pela dança... Em todo o caso, e mesmo se sentimos, no imediato, uma impressão de tropeços no vazio, nada está acabado.

Colette Godard

Rui Neves não desdenharia trabalhar com Villas-Boas num dos próximos «Jazz em Agosto»: alguns dos músicos patrocinados pela Gulbenkian já foram convidados do «Cascais-Jazz»

Do Cascais-Jazz ao Jazz em Agosto que mudou na música e no público?

ESTES seriam elementos de interesse para uma sociologia da música e de certa maneira para uma sociologia do espectáculo se de facto cá por Portugal tivéssemos quem as praticasse. Não temos. Salvo algumas ligações entre a disciplina musicológica e as ciências sociais, como por exemplo as de um Jorge Lima Barreto ou de um Manuel Cadafaz de Matos, estamos em terreno de quase completa ausência de formulações interpretativas.

É deste modo que os factos se sucedem sem que nunca os pensemos devidamente. Porque terá o *Cascais-Jazz* sido tão fundamental nos anos imediatamente anteriores e posteriores à revolução do 25 de Abril? Porque é que subitamente o seu público desertou e os elencos de músicos foram perdendo força? Porque é que, enquanto isto acontecia, outros espectáculos de jazz foram possíveis e com assistência? Como é que uma instituição como a Fundação Calouste Gulbenkian se interessou por este género musical, vindo a organizar o *Jazz em Agosto* que este mês está em segunda edição? E o que faz lá irem pessoas que desistiram de frequentar as realizações de Luís Villas-Boas?

As perguntas poderiam desenrolar-se interminavelmente, as respostas é que não se tentam. Fizeram-se já algumas explicações, mas são claramente insuficientes e equívocas. Hoje, depois do *Jazz Num Dia de Verão* do Palmela de Cascais em Julho, que teve como público assistente sobretudo turistas hospedados nas redondezas e como músicos por exemplo a incongruência dos irmãos Moreira, adolescentes e aprendizes empurrados absurdamente para um festival que se pretenderia internacional; hoje, em que decorre durante todo o mês o *Jazz em Agosto* da Gulbenkian e em moldes bem ambiciosos; hoje, dizia, urge começar a reflectir sobre tudo isto, uma história que teve o seu início em 71 e ainda poderá causar surpresas.

Entre o público e o palco o frio destas noites de Agosto

Como no desfiar de um Rosário

Em 71, no primeiro Festival de Jazz de Cascais estiveram Miles Davis, Ornette Coleman, Dizzy Gillespie, Thelonious Monk: o delírio. Quem guardou o «Século Ilustrado» de 27 de Novembro de então e leu um texto aí publicado de Maria Antónia Palla não deixará de reparar na variada enunciação de declarações feitas por gente da cultura, que parecia pois ter estado em grande número no Pavilhão dos Desportos de Cascais nesse ano. Ernesto de Sousa, o pintor, dizia assim por exemplo: *«Ver tantas pessoas reunidas em torno de um sentimento colectivo é raro. É preciso estender isto a outras formas de «festa» que não só jazz. Porque o festival não é só espectáculo. Tem um carácter festivo, o que é excepcional. Ora, o excepcional é a festa.«* A autora do artigo, mais para diante, afirma: *«Aconteceu jazz. Aconteceu fraternidade.«* Ou *«Jazz não é só música. E uma forma de estar na vida.«*

Percebemos, neste olhar retrospectivo, qual o espírito da época, algo que se foi refletir nos acontecimentos de 74. torna-se evidente, portanto, que grande número daquela gente não estava ali motivada pelo jazz, embora houvesse curiosidade. Teriam que ser extraordinários os resultados do trabalho dos anos anteriores por parte dos divulgadores: é óbvio que o entusiasmo não saía daí. O móbil foi o evento, assistir a um concerto como se fosse a comemoração do antigo ritual de estar junto, para mais numa sociedade que desconfiava dos aglomerados de gente. Pouco antes tinha acontecido o histórico Vilar de Mouros, cerimónia libertadora de uma juventude que vivia os resquícios das revoluções vivenciais de lá de fora: o *Cascais-Jazz* como que foi o prosseguimento, ou o reatamento, dessa atitude. Estavam lá nada menos que oito mil pessoas, quantidade implausível para uma arrancada de festival.

Mais incrível ainda, foi em 72: dez mil pessoas. Entre um ano e o outro já haviam surgido os modismos, como se pode depreender desta passagem de Fernanda Barão no «Seculo Ilustrado» de 18 de Novembro: refere-se a redactora ao *«espectador motivado pelo snobismo de entender uma música controversa, incompreendida, como o jazz. O espectador de casaca (sem casaca) que se dá ares de entendido, e até é possível que saiba coisas sobre jazz, embora o não entenda ao nível epidérmico, que gosta de dizer aos amigos que ouve jazz em casa e que até foi ao festival. A sua presença, e mais do que a presença o ar de quem está «à vontade», no seu meio (só ar, não esqueçamos), são um factor incomodativo»*. Se formos a ver bem esta é uma figura decorrente da própria lógica do 'boom' do colectivo no ano anterior, é uma figura que quer manifestar publicamente que vai na onda, que está 'in', dentro. Já se tem afirmado que o *Cascais-Jazz* interveio decisivametne numa caracterização psicossociológica que predispôs o 25 de Abril: é verdade. Gostar de jazz com a razão da pertença à comunidade.

No ano da revolução, sete meses depois de Abril, Manuel Gonçalves da Silva escreve já esta introdução, na revista «Flama»: *Pareceu um festival sem alegria, este, que por tradição emprestava à Vila de Cascais um ar de festa. Como se, subitamente, as pessoas se alheassem do jazz. Ou, como se, imprevistamente, as pessoas esquecessem a origem e o sentido dessa expressão da cultura negro-americana. O certo é que acorreu menos público* (Três a quatro mil pessoas, para ser exacto). *Na sala, as pessoas permaneciam insensíveis às sugestões da música*. Lá mais para a frente continua assim: *«E nunca a expressão em música da revolta e dos lamentos da classe mais oprimida nos Estados Unidos da América, a que genericamente se chamou jazz, pareceu ter tãopouco a ver com o público do festival»*. Passaram a ser estes a condição e o tom do *Cascais-Jazz*. O País agitava-se, estava-se em atribulada criatividade imperavam os valores do aqui e agora, impedindo assim quaisquer sublimações.

antes o jazz havia sido uma e era esse estatuto que se abandonava. Os três mil que insistiram no seu gosto já tiveram enquandrando-os outro tom de apreensão musical: o jazz ouvido sociologisticamente como música de explorados.

Apenas. Gato Barbieri, Charles Tolliver, McCoy Tyner foram na altura assim conotados. O primeiro, tendo sido interrogado sobre política, respondeu aos jornalistas que as circunstâncias políticas que se vivem num lugar ou noutro do mundo em nada levam a fazer alterações na música, o que, evidentemente, não pôde então ser compreendido.

No ano seguinte já «A Luta» (número de 25 de Novembro de 1975) escreve como segue: *«O festival foi (...) das últimas manifestações culturais «unitárias» do antifascismo português (...)«* Sim, a partir daí tudo iria ser diferente. No programa de 76 os organizadores Luís Vilas-Boas e Duarte Mendonça queixam-se azedamente dos patrocínios que são retirados, dos poucos apoios comerciais possíveis, da incógnita que passa a ser montar um festival deste género. É o entusiasmo que desaparece, o princípio do fim da primeira época áurea dos espectáculos de jazz em Portugal. E também o esgotamento de um determinado entendimento da função didáctica do jazz, sem que, porém, não se perceba que isso estava já a acontecer. O jazz devolvia-se à sua realidade sem se entender nada ou quase do que se punha em causa.

Vilas-Boas insistia na sua atitude de trazer ao nosso país os músicos ainda vivos que haviam sido fundamentais na história do jazz, numa *«tentativa de recuperar o tempo perdido«*, mas mais tarde já confunde essa ideia com um 'vêem?' — *«(...) poderão ouvir as mais diferentes tendências do jazz, desde as 'work songs' de Odetta ao vanguardismo de Clifford Thornton«* (do programa do festival de 77). Talvez por esta regra ter sido assumida excluindo a outra muito tarde é que se não pôde rever capazmente o papel pedagógico da divulgação do jazz. Em 78 a Direcção-Geral da Acção Cultural retira o seu apoio ao *Cascais-Jazz* e a Secretaria de Estado da Cultura ignora-o pura e simplesmente: introduz-se a grande crise. Não há dinheiro para pagar aos músicos — em 80 a organização aceita (por essa razão mais que por outra) que *«está completado o ciclo de apresentações em Portugal dos grandes nomes do jazz»*. Mas nada de revitalizador se poderá já fazer. Um ano depois José Duarte opina assim (no «JL» de 10 de Novembro): *«Cascais, apesar de ser no Estoril* (o festival mudara para o pavilhão dos Salesianos porque o de Cascais era demasiado grande — e caro — para os amadores de jazz) *cada vez está mais parecido com nada e, simultaneamente, com tudo. Teve originalidade e milhares nos anos 70, mas hoje é apenas uma sucessão de uns quantos concertos (...)»*.

Entretanto, paralelamente à habitual edição de Novembro do festival, começa uma outra no Parque Palmela de Cascais, no Verão. Os defeitos, ver-se-á desde logo, são os mesmos. Foi em 83. Em 85 o Festival Internacional de Cascais une-se com o de Palmela e surge o I Festival Internacional de Lisboa, mas para nada de novo se registar. Este ano, em Julho, no Jazz Num Dia de Verão, Luís Vilas-Boas acabou por confirmar aquilo que ainda há pouco não admitia: que o *Cascais-Jazz* é hoje uma sessão de filmagem e gravação da RTP, com duzentos assistentes presentes para que se ouçam as palmas. Triste

Continua na pág. 3

Será ainda um pouco cedo para vaticinar qual o significado profundo do festival da Gulbenkian, mas sem dúvida que ele influirá no modo como se ouve jazz em Portugal

Continuação da pag. 2

situação para um homem com um sonho de quarenta anos de jazz ao vivo, e uma amarga condição para este estilo de música se entretanto não tivessem acontecido outras coisas. O **Cascais--Jazz**, mesmo que se volte a repetir no próximo ano, já não é nada, já acabou, ou melhor: foi acabando, a pouco e pouco, em lenta agonia. Felizmente, não é o jazz que morre em Portugal, antes se torna agora possível um salto em frente. Porque se Vilas-Boas foi sem dúvida uma vítima de muitas circunstâncias teve também culpas no que foi sucedendo.

É uma era do jazz neste país que assim acaba.

Latências várias e antecipação

Entre os divulgadores portugueses do jazz só há mais um outro produtor de concertos: Rui Neves. Contrastando com as desilusões destes últimos anos que nos trouxe o *Cascais-Jazz*, Rui Neves foi regularmente trazendo a Portugal alguns grandes nomes do jazz contemporâneo, conseguindo, na maior parte das vezes, aquilo que Vilas-Boas, de há muito, já não conseguia: interessar um público mais vasto. Sobretudo o que ele veio demonstrar foi que ainda era possível apostar no jazz performante entre nós e garantir a sua sobrevivência ao nível dos interesses.

A Gulbenkian percebeu que ele constituía a alternativa natural na sua decisão de apoiar o jazz, decisão essa que teve tudo de inesperado. Uma fundação cultural com as suas características não estava *a priori* vocacionada para investimentos deste tipo, que geralmente se dirigiam para as formas eruditas e clássicas da música, ou, dizendo doutra maneira, as já estabelecidas. Foi uma agradável e surpreendente novidade, e, na situação a que as coisas chegaram, talvez a única que mais decisivamente poderia revitalizar a fundo o estado do concerto jazz e da audição jazz em Portugal. Assim, depois de, em 84, se organizar um pré-festival com músicos portugueses, lançou-se o primeiro *Jazz em Agosto*, propondo-se apresentar as expressões actuais do jazz. Terje Rypdal equacionou-se com Sun Ra, Dave Holland com José Eduardo/grupo Onix e Pinho Vargas. Os dados, completamente diferentes dos do *Cascais-Jazz*: não existia a preocupação de documentar a história e as suas grandezas, sim a de mostrar as múltiplas tendências que tem o jazz contemporâneo, mesmo se alguns dos nomes não são bem conhecidos — toda uma concepção de didactismo a fazer-se substituir.

Será talvez ainda um pouco cedo para vaticinar qual o significado profundo que começa a ter este festival, mas sem dúvida alguma que ele influirá nos modos de ouvir o jazz. No ano passado, apesar de lá por fora já não ser surpresa alguma, cá em Portugal a Sun Ra Arkestra continuou a sê-lo, necessariamente, depois da sua descoberta recente em Vilar de Mouros: música mais teatro, numa prática norteada por valores ideológico-místicos, síntese da história do jazz desde a tradição à vanguarda. Terje Rypdal querendo dizer da ultrapassagem presente das fronteiras definidoras de géneros: jazz mas também rock, com uma aproximação similar à música dita «séria». Os catalães (e um português) Onix como fórmula estilizada, «de câmara», do jazz, e, numa forma mais depurada e qualitativa o agrupamento de Dave Holland. António Pinho Vargas em trânsito entre o jazz trabalhado e a música erudita.

Lacy e Potts dois saxofonistas ombreados na qualidade

Irene Aebi: uma voz, um violino, um violoncelo em complemento de efeito

Este ano o projecto inicial mais se corporiza, com o programa escolhido: Steve Lacy (que já tocou dias 5 e 6), Saheb Sarbib, Paul Motian com Bill Frisell, Moiré Music de Trevor Watts com Lol Coxhill. No último *Jazz Num Dia de Verão* tivemos em contraste indefinidor um Tenor Tonic de Alan Skidmore e um Lonnie Smith: um interessante grupo da segunda avançada do jazz contemporâneo versus um organista da tradição mais inalterada do 'cocktail' jazz, mestre no uso e abuso de recursos «kitsch». No *jazz em Agosto*, não estão a acontecer estes dilemas, antes se aposta na diversidade das propostas musicais dentro da linha da contemporaneidade: tem muito mais sentido.

É o que desde logo percebemos se caracterizarmos as músicas que este mês se podem ouvir no Anfiteatro ao Ar Livre da Gulbenkian. Lacy foi, um pouco à semelhança de Sun Ra, a síntese da história jazzística com as suas expressões prospectivas, mas simultaneamente uma súmula de tipos musicais diversos da actualidade, e isto sem nunca se revelar híbrida ou forçar resultados. O contrabaixista Saheb Sarbib, que tocará amanhã e depois, é elucidativo exemplo de uma música urbana americana, dura e enérgica, livre mas rigorosa, performativa embora tecnicamente elaborada — houve quem indicasse alguma distanciação entre o sexteto de Steve Lacy e o público nos concertos da passada semana, o que é entender mal este tipo de música: para esses Sarbib será diferente, porque o que toca tem muito o espírito dos clubes nocturnos, dos bares e dos 'lofts', com raízes fortes em meia dúzia de inovadores essenciais: Charles Mingus, Roland Kirk, Thelonious Monk e John Coltrane, estilos vigorosos todos eles e por isso tão férteis.

Nos dias 20 e 21 é a vez do trio de Paul Motian, um nome que também continua incessantemente na vaga da frente da inovação: desde há trinta anos, exactamente como Lacy. O seu som é intencionalmente cheio, o que o faz conceber o papel do saxofone nos seus grupos de um modo especial, assim como o levou a convidar Bill Frisell a tocar consigo, um homem de ideias que, com a sua guitarra sintetizada, cria universos sonoros de grande densidade. Motian segue o arquétipo 'free' da década de 60, mas não lhe sacrifica a forma. É esta sobretudo que o motiva a explorar cada vez mais hipóteses percussivas, já que não se fica apenas por uma preocupação rítmica: a música de Motian é lírica e estranhamente melódica, cortando com velhos preconceitos vanguardistas de 'seguir ao lado'. Em 27 e 28 tocará a orquestra de Trevor Watts Moiré Music, reunida há apenas dois anos, quando Watts, de uma geração saída do rock progressivo e do 'free' jazz, parecia estar a tomar rumos bem diferentes, mais inclinados para a música erudita. O projecto Moiré Music, de facto, está profundamente impregnado pela música étnica africana, cujas típicas estruturas repetitivas o saxofonista reelabora e cola com o repetitivismo contemporâneo de um Terry Ryley ou um Steve Reich. Trata-se pois de material jazzístico fresco, no qual o sopranista Lol Coxhill tem função preponderante. Ele é um esteta radical, por isso já tocou com bandas punk ou de improvisação total e pode muito bem tocar melódica e organizadamente.

É a possibilidade definitiva de o amador português de jazz descobrir mais músicas actuais para lá das que algumas vezes o *Cascais-Jazz* mostrou, agora de uma maneira perseverante. Esta intenção global fez Rui Neves dizer-me que não desdenharia a ideia de numa das próximas edições do *Jazz em Agosto* da Gulbenkian ter o próprio Luís Vilas-Boas trabalhando consigo. E porquê? Vejamos: os instrumentistas que vêm acompanhar Sarbib já estiveram os três em concertos do *Cascais-Jazz*: Bobby Battle com Arthur Blythe, Kirk Lightsey com Dexter Gordon, e Joe Ford com McCoy Tyner. Até os novíssimos Moiré Music vão trazer uma repetição: Paul Rodgers, que tocou com Alan Skidmore. Foram sinais de uma latência que se realiza agora. Explica-se por si?

Rui Eduardo Paes

Dobrynine é o principal conselheiro de Gorbachev, numa posição aproximável da que foi a de Kissinger. Todo o MID passou para sob o controlo do partido. Surge um «novo pensamento político», mas não há crítica aberta da política externa de Brejnev.

O novo rosto da diplomacia soviética

OS diplomatas, quer os soviéticos quer os estrangeiros, já não reconhecem o «MID» — O Ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS — que mudou mais, até agora, nesta era Gorbachev, do que qualquer outro braço do poder, em Moscovo.

Em oito meses, as mudanças na cúpula da diplomacia soviética foram tantas quantas houve nos dez anos anteriores: seis novos vice-ministros (dois terços dos existentes), dois novos primeiros vice-ministros (a totalidade), uma cascata de mudanças nos mais diversos serviços e à cabeça das principais embaixadas.

Se acrescentarmos a estas algumas mudanças que tinham sido já feitas por Andropov, é de uma renovação total que se trata.

O único vice-ministro dos Negócios Estrangeiros ainda em funções desde o período de Brejnev é o octogenário Leonidas Ilitchev, o ex-ideólogo que parece conservar — mas por quanto tempo mais? — a responsabilidade das negociações com a China.

O mesmo é dizer que o pai da instituição, Andrei Gromyko, também já não deverá reconhecer o seu filho. E não é por acaso que aquele que desejava entrar na história, ao cabo de 29 anos de reinado, como o Metternich da diplomacia soviética, não foi convidado para a grande reunião de todo o aparelho internacional do governo e do partido que marcou, no fim de Maio, o novo arranque.

A mudança foi sobretudo institucional, com o regresso do MID no seu conjunto para sob o controlo do partido e daquilo que deve ser o órgão supremo de decisão em todas as matérias: o *Politburo* e o secretário-geral. Com o andar dos anos, e sobretudo a partir dos últimos anos de Brejnev, Gromyko tinha adquirido o hábito de decidir soberanamente sozinho, não consultando os seus pares senão por uma questão formal. Tudo isso acabou, diz-se agora nos meios diplomáticos soviéticos. E o papel de Dobrynine, novo secretário do partido e chefe do seu departamento internacional, consiste precisamente em velar por que tal mudança dê frutos.

Os mais recentes visitantes oficiais ocidentais confirmam, regressados de Moscovo, esta interpretação. Segundo um deles, o novo ministro, Chevardnadze, não é o personagem sem relevo que se descreve por vezes, mas, como membro do *Politburo* que é, dedica-se a executar essencialmente as directivas do seu verdadeiro patrão, Gorbachev. Quanto a Dobrynine, é o conselheiro principal do secretário-geral, a quem transmite a sua longa experiência e o conhecimento aprofundado dos dossiers. Espécie de conceptualizador «tipo Kissinger» (ele próprio teria sido muito influenciado pelo exemplo do *querido Henry* que frequentou durante anos, em Washington), Dobrynine centraliza os estudos e propõe opções sobre as decisões que Gorbachev e o *Politburo* têm de tomar. Ele próprio, no entanto, não é membro desta instância suprema.

É uma situação que poderia, a prazo, alimentar alguns conflitos; tanto mais que Dobrynine parece ter igualmente influência nas nomeações para o aparelho diplomático e para o serviço *ad hoc* do partido, dirigido por Tchervonenko, antigo embaixador em Paris. Se Dubinine, um homem que fala mal o inglês, foi escolhido para lhe suceder na embaixada de Washington, é apenas, diz-se com insistência, porque o novo Kissinger soviético quer guardar para si as relações com os EUA. Ele quereria evitar um «novo Dobrynine» em Washington...

Em contrapartida, os *americanistas* entraram em força no novo aparelho diplomático de Moscovo, tanto para o Ministério como para o Departamento Internacional do partido. Aqui, Dobrynine chamou o primeiro-adjunto outro dos seus colaboradores de Washington, Kornienko. Considera-se natural que os recrutamentos se tenham feito a partir das pessoas com quem Dobrynine trabalhou nas suas anteriores funções. E assim se confirma, ao mesmo tempo, que as relações com *a outra* superpotência permanecem centrais para a nova diplomacia soviética, como eram para a antiga.

Na capa do último número de «The Economist»: uma variante da imagem de Gorbachev

Dobrynine e o novo «pensamento político»

Aliás, as novas ideias trazidas pela equipa agora implantada interessam sobretudo às relações com o mundo desenvolvido. O texto de base desta matéria é o artigo que Dobrynine publicou em Junho, pouco depois de iniciadas as suas funções, na revista *Kommunist*, órgão teórico do partido. Para o conselheiro de Gorbachev chegou o momento de elaborar «um novo pensamento político», sobre o qual ele não esconde que implica «audácia», e que poderá dar lugar a «vivas discussões e dolorosas divergências». Em que consiste este novo pensamento político? Duas teses principais destacam-se das suas explicações:

A primeira é um enfoque «múltiplo» e global da diplomacia. Há quem se espante por isto constituir novidade, já que os soviéticos são conhecidos pela sua estratégia «total» em matéria de relações internacionais. Temos de acreditar que havia insuficiência, já que Dobrynine insiste em que sejam englobados na análise «todos os domínios fundamentais da política mundial: militar, político, económico e humanitário». Este último domínio é o mais novo, e Gorbachev já surpreendera os hóspedes franceses, quando da visita de Mitterrand a Moscovo, insistindo neste aspecto com particular veemência.

Dobrynine martela no mesmo prego precisando que o domínio humanitário pede o estabelecimento de normas «correctas, autenticamente civilizadas», de cooperação internacional.

É verdade que ele enumera, entre os elementos constitutivos deste capítulo, temas «fáceis» de tratar pela propaganda soviética, tais como o *apartheid*, a «difusão das ideias a favor da paz» e as trocas culturais. Mas Dobrynine aborda também o problema dos direitos do homem. Este, diz ele, dá origem a «especulações» e a «campanhas anti-soviéticas caluniosas», a que é preciso responder, não apenas pela polémica, mas também através de um tratamento «construtivo» da questão. Isto significa, designadamente, «ter em conta as tradições nacionais e as condições concretas em cada país», dando provas de «elevado profissionalismo» e de uma «alargada visão do mundo».

Estas fórmulas não anunciam uma liberalização — a sorte dos dissidentes nos últimos meses confirmam-no — mas talvez façam prever um tom menos dogmático nas trocas com o estrangeiro àcerca desta matéria, bem como um melhor acolhimento (já verificado por alguns dos interlocutores de Gorbachev) para os pedidos relativos à reunificação de famílias.

O segundo tema é o do papel do factor militar nas relações internacionais. Gorbachev já tinha inovado neste capítulo, ao declarar, a 6 de Março, no seu discurso de encerramento do Congresso do partido, que a segurança «é cada vez mais, nos nossos dias, uma tarefa política, que não pode ser realizada senão por meios políticos». Por outras palavras, acrescentava ele, já é tempo de «colocar as relações entre os Estados numa base mais sólida do que a dos armamentos». Dobrynine também insiste nessa tecla, afirmando que «o carácter dos armamentos actuais não deixa a nenhum Estado a esperança de se defender apenas com meios técnicos e militares, através da edificação de uma Defesa, por mais poderosa que ela seja». As duas noções de segurança nacional e internacional, junta ele ainda, tornaram-se «inseparáveis».

Quando a «sobrevivência» ganha à «relação de forças»

Tratar-se-á, sem dúvida, de *nuances*, mas estas fórmulas cortam com as que estavam em uso no tempo de Brejnev, e segundo as quais a segurança da URSS repousava em primeiro lugar sobre a relação de forças militares, e apenas depois, de facto, secundariamente sobre a negociação com o Oeste e o processo de controlo recíproco dos armamentos. O regresso incessante ao tema da «mudança de relação de forças» à escala internacional destinava-se a acompanhar, no plano teórico, o intenso esforço armamentista desenvolvido ao longo da década de 70.

De modo atenuado, é um pouco o que, no princípio do ano, dizia Zagladine, ainda hoje um dos primeiros subchefes do serviço internacional do partido — e um dos assistentes directos de Dobrynine — quando, num discurso pronunciado em Achkabad (e publicado na folha ultraconfidencial que é a *Faísca do Turkmenistão*, a 19 de Janeiro), ele via nos vaivéns do desanuviamento um eflexo puro e simples da situação de

Continua na pag. 5

Quem é quem no novo MID

OS oito novos responsáveis do Ministério dos Negócios Estrangeiros recentemente nomeados para secundarem Chevardnadze são, à excepção de um, profissionais da diplomacia. Só Valentim Nikiforov, vice-ministro saiu directamente do aparelho do partido, onde exerceu, até Novembro de 1985, o cargo de subchefe do Departamento de Organização do partido no Comité Central. Não surpreende que, nestas condições, tenha sido encarregado de supervisar o movimento dos quadros do ministério.

Mas há um dos nomeados que tem um perfil um pouco especial: trata-se de Boris Tchapline, vice-ministro encarregado dos assuntos consulares e administrativos, que é filho de Kikolai Tchapline, por sua vez filho de um padre ortodoxo, e que foi secretário geral das Juventudes Comunistas (Konsomol) de 1924 a 1928, e mais tarde um dos responsáveis do partido na Transcaucásia, antes de ter sido preso e executado em 1938. Depois de ter sido secretário do partido numa região de Moscovo (onde chamou a atenção por ter enviado «bulldozers» para dispersar uma exposição de arte não-conformista), Boris Tchapline foi nomeado embaixador em Hanoi. Aí ficou durante os últimos doze anos, os anos, primeiro, da derrota americana, e depois, da comunização do Vietname do Sul.

Também o perfil profissional dos promovidos é significativo: a maioria dos novos vice-ministros e primeiros vice-ministros (cinco em oito) ocuparam postos nos Estados Unidos, ou na embaixada de Washington sob a direcção de Dobrynine, ou em Nova Iorque na missão soviética junto das Nações Unidas. Há cinco anos atrás, apenas um quadro deste nível estava neste caso, para além de Gromyko.

Em comparação, o número dos que estiveram colocados em países do Terceiro Mundo é irrisório desde há bastante tempo: as embaixadas deste tipo nunca foram muito altamente cotadas na «nomenklatura» da diplomacia soviética. E se esse número aumentou alguma coisa desde há cinco anos, ele está, ainda agora, representado por apenas três personalidades: Tchapline, de quem já falámos, Vorontsov, que foi durante seis anos embaixador na Índia, Vadim Loguinov, antigo embaixador em Angola. E, no caso dos dois últimos, trata-se de quadros pertencentes aos dois grupos, visto que ambos estiveram, também, em serviço nos EUA.

O estatuto reduzido atribuído aos países do Terceiro Mundo aparece, igualmente, no lugar reservado na hierarquia do partido aos representantes da URSS nestes países. Vinte embaixadores actuais têm assento no Comité Central ou na sua Comissão de Revisão, as «duas câmaras do parlamento do partido», eleitas na sequência do Congresso de Março. Nestes vinte casos, a parte de leão vai para embaixadores na Europa (11 lugares); depois vem a Ásia (4), a África (3) e por fim a América (2).

Claro que é preciso ter em conta a presença estatutariamente concedida aos embaixadores nos países da «família» socialista. Assim, os embaixadores nas democracias populares do Leste europeu (Jugoslávia incluída) ocupam sete lugares de membros titulares. Mas os principais países capitalistas não são esquecidos: hoje, os embaixadores em França e na Inglaterra são membros titulares do Comité Central (antes, apenas o da França estava neste caso), mas o posto de Londres foi revalorizado através da nomeação de Zamiatine, antigo porta-voz do secretário-geral; os seus colegas de Bona e de Roma são suplentes, e o de Washington tem assento na comissão de revisão (posição degradada em relação ao estatuto de Dobrynine enquanto embaixador, que era membro titular).

No total, e exceptuando novamente o caso dos «países irmãos» ou muito dependentes, tais como a Etiópia ou o Iémen do Sul (este novamente «promovido» em comparação com 1981), os únicos países autenticamente não-alinhados «representados» no Comité Central soviético são a Índia e a Argélia. Mesmo o Japão não tem, ainda, direito a essa honra. **M.T.**

Continuação da pág. 4

maior ou menor força da URSS: desanuviamento no início dos anos 70, quando o esforço militar soviético «arrefeceu as cabeças quentes de Washington», confronto no fim do decénio «porque se tornam notadas no Ocidente as nossas dificuldades económicas», novo diálogo em finais de 1985 apenas porque os mesmos consideram que «as coisas estão melhor do nosso lado» com a chegada de Mikhail Gorbachev e que «o nosso desenvolvimento começou a acelerar-se». Dito por outras palavras, não parecia possível sair do esquema das relações de forças, que aparecia como chave única das relações internacionais.

Hoje, sublinha-se igualmente a importância da manutenção da paridade militar, essa «grande conquista» dos últimos anos, mas não se vai além disso. E o tema militar parece até passar para segundo plano, dando a primazia ao da *sobrevivência* comum da humanidade face aos armamentos modernos. Uma sobrevivência que acarreta, diz Dobrynine, «a unidade indestrutível do destino de todos os estados do mundo perante um conflito nuclear possível», e exige que «se abordem as relações internacionais já não mais a partir de interesses estreitamente compreendidos, mas a partir dos interesses e aspirações que nos são comuns».

Esta linguagem destina-se sem dúvida a legitimar a nova maleabilidade de que os negociadores soviéticos dão prova nas negociações sobre os armamentos, bem como a chamar à ordem os militares propriamente ditos.

Esta chamada à ordem é menos espectacular do que o regresso do MID ao controlo do partido, mas a surpresa é que ela parece continuar, sem reacção aparente dos interessados. Assim, a criação, no seio do MID, de um novo departamento encarregado das negociações sobre os armamentos (colocado sob a direcção de Karpov, o negociador de Genebra em matérias como os armamentos nucleares e espaciais) tem provavelmente como efeito retirar pelo menos parte das funções propositivas ao Ministério da Defesa, até à data único juiz nestes sectores.

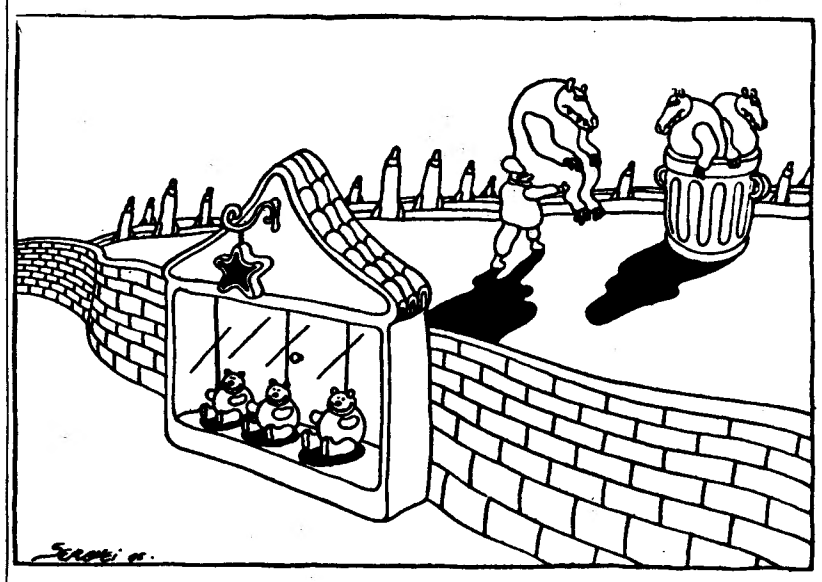
Novos temas para os institutos

Anote-se igualmente que Dobrynine pede, no seu artigo da *Kommunist*, aos institutos civis de investigação e de estudos internacionais —e pede-lhes a eles, mas não às Forças Armadas — uma série de «trabalhos sérios» sobre assuntos extremamente técnicos em matéria de armamentos. Citemos, de entre o seu catálogo de encomendas, o pedido de estudos sobre «a interdependência entre armamentos ofensivos e defensivos, nucleares e clássicos», sobre os mecanismos de verificação, sobre «a combinação das soluções globais e regionais em matéria de liquidação de diversos tipos de armas» e, enfim, sobre as consequências «da passagem de uma economia de guerra à produção civil». Tudo isto deverá servir para se saber «o que é razoavelmente suficiente num contexto de abaixamento dos potenciais militares», e para dissipar «um sem-número de lendas e de mitos» qu e se acumularam em torno destes problemas. Ora, não restam dúvidas de que tais «mitos» não foram apenas fabricados pelos «fazedores de guerra» americanos. No espírito de Dobrynine, também ali para os lados da Praça da Arbat, em Moscovo, sede do «Pentágono soviético», como ali se diz, eles existem.

O futuro dirá seeee estas novas tónicas, ainda tímidas e que não são acompanhadas por nenhuma autocrítica da política passada, conduzirão a mudanças de atitude mais profundas. De momento, elas ilustram a nova táctica da diplomacia soviética e as aberturas feitas em vários dossiers das negociações em curso. Mas só à mesa das negociações, à medida que se entrar nas questões principais, poderá ser testado o «novo pensamento político».

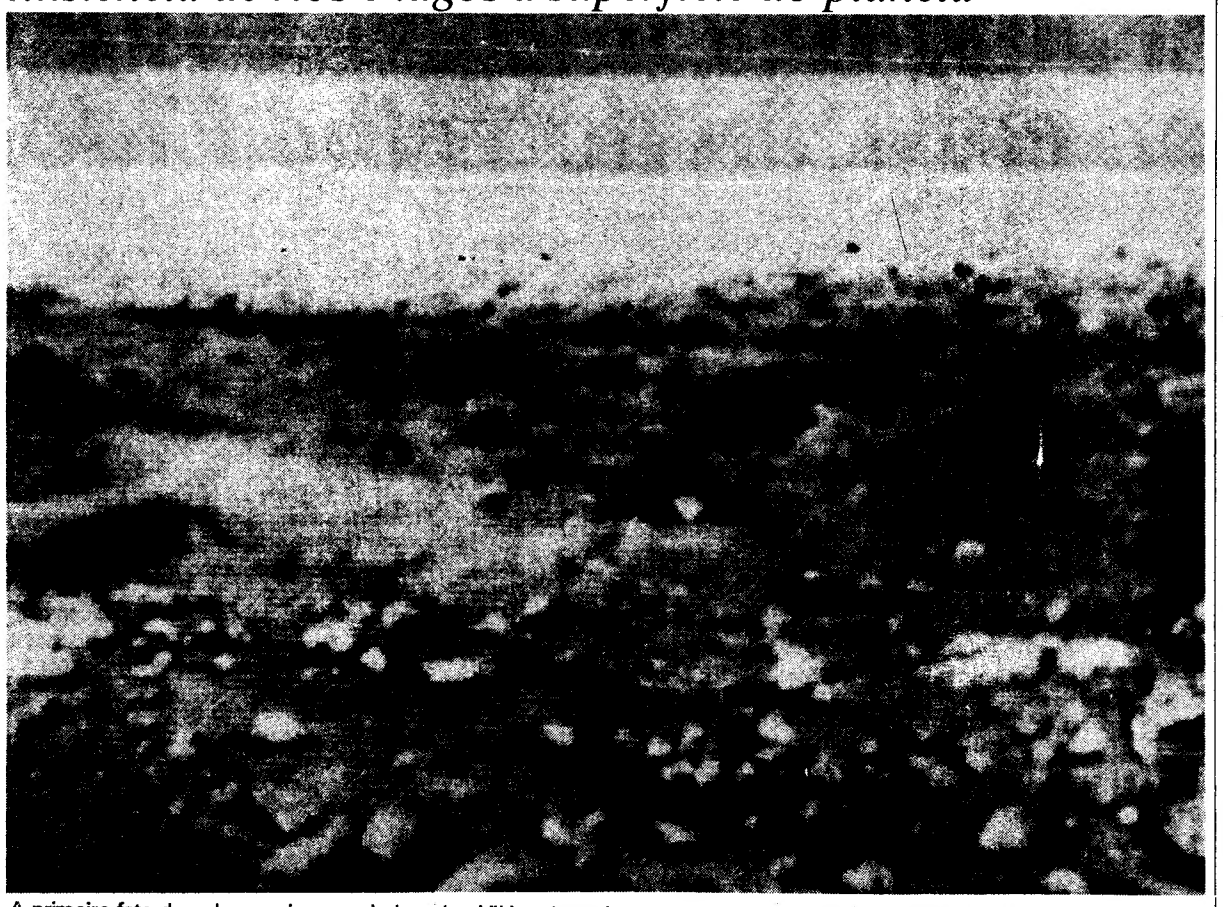
Michel Tatu

o Ministério da Defesa vai provavelmente perder a «última palavra», em matéria tão sensível como a relativa aos armamentos nucleares e espaciais.



Cartoon de Serguei no «Le Monde»: o «novo pensamento político» é testado à mesa das negociações de Genebra

Há dez anos, as Viking apresentaram resultados desconcertantes sobre a eventualidade de vida em Marte. O que continua a espantar os especialistas é a antiga existência de rios e lagos à superfície do planeta



A primeira foto do solo marciano enviada pela «Viking-1» após a sua aterragem no planeta, há dez anos

O deserto vermelho

HÁ dez anos, a 20 de Julho de 1976, a sonda Viking-1 pousava no planeta Marte, e no princípio de Setembro seguinte a Viking-2 juntava-se-lhe. Desde então, fizeram-se muitos progressos no conhecimento que se tem do planeta vermelho, mas o mistério de uma possível vida em Marte não está ainda inteiramente esclarecido.

A bordo de cada sonda havia material para três experiências que poderiam revelar a existência de vida em Marte. Todas funcionaram. Duas deram resultados positivos mostrando processos análogos à nutrição-respiração e ao seu inverso, a assimilação clorofilina. A terceira, que estudava as trocas de gás entre o solo e a atmosfera, deu resultados inesperados, mas de carácter negativo no que interessa à eventualidade da vida (forte emanação de oxigénio). Além disso, outra experiência deu por excluída a presença de matéria orgânica, produzindo resultados igualmente surpreendentes: há menos matéria orgânica na superfície de Marte do que na Lua, de onde toda a vida parece estar definitivamente excluída.

A grande maioria dos especialistas concluiu neste sentido. Não haveria vida em Marte, mas compostos muito oxidantes, susceptíveis de destruir as moléculas orgânicas e de libertar oxigénio. Reacções químicas complexas explicariam então os resultados das duas primeiras experiências.

No entanto, nem toda a gente está de acordo sobre esta matéria. Num simpósio sobre o planeta, organizado pelos dez anos da expedição da Viking-1, Gilbert Levin, autor de uma das experiências que deram resultados positivos, acaba de afirmar que, depois de dez anos de estudos ao longo dos quais foram propostos pelo menos vinte princípios de explicação dos resultados, a vida em Marte continua a ser, a seus olhos, mais provável que a sua ausência. «Não só a Viking não encontrou vida em Marte, mas provou, além disso, que ela não existe» — respondeu-lhe Norman Horowitz, que também dirigiu uma das experiências que deu resultados aparentemente positivos. A convicção deste último apoia-se no argumento seguinte: o solo marciano é muito mais seco do que o imaginávamos, e a vida é impossível na ausência de água.

Não há água — líquida — na superfície de Marte. Mas existiram imensos lagos cobertos de gelo; rios correram sobre o planeta, e os traços deixados pela sua erosão são bem visíveis. A água está agora condensada em gelo nas regiões polares, coberta por uma fina camada de gás carbónico congelado que se evapora no Verão marciano. Quanto ao gelo, nunca funde. Mas encontrar-se-ia certamente água líquida em profundidade, nos acidentes rochosos, porque, aí, a temperatura é suficientemente elevada para o permitir.

A presença passada de água líquida na superfície de Marte põe temíveis problemas aos especialistas, uma centena dos quais se reuniu em Outubro último para os debater. E também para estudar como evoluiu a situação antiga, que incluía rios e lagos, e como ela se transformou na actual — o deserto vermelho e desolado que as Vikings mostraram.

Uma das hipóteses mais prováveis é a de que, num passado muito remoto, o eixo de rotação do planeta estivesse mais inclinado do que actualmente, e que os pólos fizessem face ao Sol durante uma estação inteira — como acontece actualmente com o planeta Úrano. O gelo das calotes polares ter-se-ia então sublimado em vapor. Os ventos teriam arrastado esses vapores para as regiões equatoriais, onde a alternância dos dias e das noites teria condensado o vapor em neve, fazendo esta cair sobr os solos.

Um efeito de estufa entre as nuvens de neve e o solo teria então criado condições de temperatura e de pressão propícias à existência de água no estado líquido.

A planetologia marciana mantém-se uma ciência activa e, dez anos depois das Vikings, continuam a sair artigos em publicações científicas, explorando os dados transmitidos pelas sondas. Mas uma renovação destes dados não seria inútil — tanto mais que, devido à experiência entretanto acumulada, se poderiam fazer medições mais judiciosas e mais finas. Existem projectos neste sentido. Aquando da última reunião do COSPAR (Comittee on Space Research), em Toulouse, no principio de Julho, o director de um instituto soviético declarou que o seu país, que se interessou sobretudo pelo planeta Vénus, iria agora voltar os seus esforços para Marte. Uma primeira missão iria, em 1989, estudar Fobos, um dos satélites de Marte. Aparelhos europeus, nomeadamente franceses, deverão incluir-se nessa expedição soviética. Uma outra missão, em 1992-1994, poderia ser consagrada à cartografia de Marte. E, perto do fim do século, estaria prevista a aterragem (amaragem) de um veículo, a recolha de amostras e o envio destes últimos para a Terra.

Quanto aos americanos, prevêem para 1990 o envio da sonda Mars Observer, destinada ao estudo do solo marciano. A sonda deverá colocar-se em órbita polar em torno do planeta, para enviar, durante três anos, imagens pormenorizadas da sua superfície. Uma cobertura completa do solo do planeta será, em princípio, feita todos os 55 dias.

M. Arvonny

Chamam «Phathakahle» ao ghetto negro para onde mandaram Winnie Mandela. A palavra quer dizer «mexa-lhe com cuidado». Os brancos não podem lá entrar sem autorização, e a autorização é muitas vezes recusada quando se trata de ir visitá-la

Visitando a mulher símbolo da luta negra no coração do velho Eldorado «afrikaner»

A sombra de um salgueiro que protege do sol e dos olhos vigilantes dos polícias seus «vizinhos» , recordava as palavras de Sally Motlana ao descobrir um dia a força de Winnie Mandela:« Nunca conseguirão cercá-la atrás de um muro. Não interessa o lugar para onde a deportem- bantustões, deserto ou floresta- esta mulher é tão dinâmica que fará cantar os pássaros e sussurrar as árvores em qualquer lugar para onde vá. Podem estar certos disso».

Para visitar Winnie Mandela é necessário apanhar um avião que ligue Joanesburgo a Bloemfontein, a capital do Estado Livre de Orange. Uma vez aí, faltam ainda quarenta milhas, que se percorrem alugando um carro. Vou quase sempre de avião; o percurso é muito longo para se fazer de automóvel, sobretudo se se quer regressar no mesmo dia a Joanesburgo. Brandfort fica a uma distância de quase 300 milhas e as estradas não são boas.

O caminho que liga Bloemfontein a Brandfort atravessa uma paisagem com um encanto peculiar; uma planície que se estende até perder de vista, ocasionalmente interrompida por pequenas elevações montanhosas. Podem-se ver aqui e ali numerosos grupos de árvores que protegem as granjas do abrasador sol de Verão ou das gélidas tempestades de Inverno. Existem grandes extensões de pradaria, com solitárias bombas de água, cujas hastes abanam ao vento, impondo o seu ritmo monótono em todo o campo. As suas silhuetas recortam-se contra o céu rubro do entardecer, dando vida à poesia única desta desolada paisagem. É a planície típica, no centro do território afrikaner (1) : o Estado Livre de Orange.

Percorri este caminho até Brandfort em muitas ocasiões, a diferentes horas do dia, em distintas estações do ano, mas esta parte do país é sempre igual- demasiado austera, com os seus duros e despojados contornos, como se estivesse quase morta ou fosse então imutável e intemporal. Talvez tivesse sido isso que um amigo meu quiz dizer quando a classificou como «arcaica».

Quando em 1854 se fundou o Estado Livre de Orange, como uma república boer (2) independente, um grupo de colonos estava empenhado em integrar na nova constituição a lei original de Moisés.

Os rancheiros, que vivem isolados ao longo do caminho até Brandfort, e que, à semelhança dos seus antepassados, criam gado, e cujas famílias se chamam Pretorius, Uyl, Retief ou Potgleter, estão convencidos de que esta parte de África se encontrava desabitada antes de se apropriarem dela; que « Deus todo poderoso... que os guiou de geração em geração; que os afastou miraculosamente dos perigos que os espreitavam», agrupou os « seus antepassados, que viviam em muitas outras terras, dando-lhes esta como sendo sua». Isto é o que está escrito no preâmbulo da Constituição sul-africana e os boers acreditam em cada uma das suas palavras. Nem os historiadores, nem sequer a própria realidade, podem ensinar-lhes outra coisa.

E, no entanto, deviam saber que em 1836 a terra não estava «desabitada» . O dr. Andrew Smith, que dirigiu a expedição oficial inglesa à colónia do Cabo, fez um relatório pormenorizado sobre as condições da meseta do que é hoje o Estado Livre: a região estava ocupada por pequenos grupos étnicos, num crescente estado de tensão política e era governada por Ma Nthatisi, a viúva de um influente lider sotho, uma « mulher de grande inteligência, beleza e talento político».

Brandfort é uma povoação afrikaner típica; consideram-na um povoado «branco» apesar dos brancos constituirem apenas 1/3 da população total: existem três mil brancos e nove mil negros. Mas os negros, que são os verdadeiros e legítimos habitantes e proprietários dessa terra, não desempenham nenhum papel- o seu ghetto não tem nome, não é visível- do mesmo modo que Ma Nthatisi e os seus súbditos não desempenharam qualquer papel nos planos e cálculos dos trekkers (3) boers em 1836.

Luta contra a ansiedade

Quando se trata de compreender porque é que os afrikaners se agarram de um modo tão desesperado à ficção de que a África do Sul é um país «branco», são muitas as razões que à vez são apontadas; a motivação religiosa encontra-se em primeiro lugar, mas está estreitamente associada a motivos bem profanos: a cobiça, o temor e a ambição do poder.

Os boers abandonarem o Cabo quando os britânicos proibiram a escravidão e começaram a pensar numa constituição que desse direitos iguais a todas as raças. A sobrinha do lider trek, Piet Retief, disse na altura:« Não foi a sua liberdade que nos fez chegar a tais extremos, mas sim o facto de terem sido colocados em pé de igualdade com os cristãos, coisa que vai contra as leis de deus e a natural distinção de raça e cor. Nenhum cristão decente se poderia submeter a tais humilhações. Retirámo-nos para assim podermos preservar a pureza das nossas doutrinas». A situação actual é um eco destes sentimentos: no distrito de Brandfort existem dez igrejas, nove das quais são exclusivamente para brancos.

Fui pela primeira vez a Brandfort em 1977. Queria conhecer o lugar para onde tinham enviado Winnie Mandela, sem aviso prévio, num dia de Maio desse mesmo ano. Num sentido figurado, teria a sua chegada representado o tão esperado encontro entre Piet Retief e Ma Nthatisi?

Passei junto à placa onde estava escrito o nome do povoado, atravessando o Volsskool e o Parque de Andries Pretorius. Como não queria chamar a atenção, estacionei o carro, decidida a fazer o resto do percurso até ao centro a pé. No entanto, já aí me encontrava: a primeira rua por onde passei era, de facto, a rua principal- ou melhor, a única- de Brandfort, a rua Voortrekker (4).

Em todas as visitas a Brandfort tentava lutar contra a ansiedade que sentia mal passava as primeiras casas; procurava convencer-me que as patulhas de polícias que constantemente passavam pela rua Voortrekker, faziam parte da paisagem, como em qualquer outro povoado da África do Sul. Se eu, que apenas visitava a povoação por algumas horas me sentia indefesa e de certo modo exposta a qualquer coisa nesta isolada paragem, quais seriam então as sensações da mulher que aqui viveu sete anos e que é vigiada 24 horas sobre 24?

Não há muito para ver na povoação: umas quantas lojas de ambos os lados da rua, o Standard Bank e o Barclays Bank, uma esquadra da polícia, dois pequenos hotéis, um posto de correios, uma bomba de gasolina, duas igrejas, uma cervejaria para negros (coisa que nunca falta nestes lugares) e o chão pavimentado segundo o estilo colonial. Há algumas ruas sem importância, com vivendas onde vivem os brancos, um supermercado, um quiosque de jornais, a paragem de autocarro un pouco mais à frente e dois armazens de cereais no fim do povoado. E é tudo.

A vida social em Brandfort não tem nada de particular. As pessoas reúnem-se na igreja aos domingos, convidam-se para um jogo de golfe ou para um «barbecue» no jardim, o tradicional «braaivleis» (espetada), já que carne não falta. Uma vez por ano encontram-se todos naquela que é a mais importante actividade social, os jogos escolares.

Recordação do passado «dourado»

O perigo de que ideias novas se propagem neste ambiente é diminuto. Em todo o Brandfort vendem-se por dia apenas três exemplares do « Rand Daily Mail», um diário inglês liberal,; o supermercado, que abriu há alguns anos, permitiu-lhes sobreviver; um auto-cine que aí tentou a sua sorte encerrou por falta de espectadores.

Um retiro campestre e sonolento por excelência. Até 1977, quando chegou Winnie Mandela.

O governo deportou a mulher que simboliza a luta negra pela libertação para esta comunidade afrikaner, cheia de recordações de um passado «dourado»: estações de correio separadas para brancos e negros, locais que se esvaziavam imediatamente de negros quando aparecia algum branco. Esperavam, sem dúvida, que o espírito de resistência desta mulher se quebraria e que, isolada dos centros políticos sul-africanos, seria paulatinamente esquecida.

Ou sucederia o contrário? Seria possível que este distante povoado do Estado Livre de Orange pudesse despertar da sua paz idílica pela simples presença desta extraordinárua mulher? « Essa mulher», dizem as pessoas de Brandfort quando falam de Winnie Mandela, e parece um esconjuro; como se o espírito do mal pudesse ser mantido à distância através da não nomeação.

«Winnie dirigia-se para a cadeia como se fosse a rainha de África», diz um amigo branco que uma vez a acompanhou à prisão

« Invadi o reino dos afrikaners como um remoinho» diz, rindo, Winnie Mandela, « e agora os habitantes de Brandfort vivem atemorizados».

Encontrei-me pela primeira vez com Winnie Mandela na rua Voortrekker, no pequeno escrotório do seu advogado, Piet de Waal. « Vai até ao escritório de De Waal e pede-lhe que envie uma mensagem a Winnie Mandela, no township (5), dizendo-lhe que a esperas em Brandfort». Este foi o conselho que me deram alguns amigos.

Os brancos ainda não podem entrar nos townships sem uma autorização para o efeito do juiz, e se o motivo para a pedir for o de visitar Winnie Mandela, então geralmente a resposta é negativa.

Notei certa tensão, certo embaraço quando entrei no escritório do advogado, mas o meu pedido foi imediatamente satisfeito.

Como recordo bem o quarto nú e estreito onde esperei por Winnie Mandela e o meu crescente nervosismo quando ao fim de duas horas o mensageiro que a fora procurar ainda não tinha regressado! Virá a tempo? Virá ou não? Será possível falarmos descansadas neste turbulento ambiente?

Afinal, não tinha vindo a Brandfort para fazer uma entrevista ou recolher alguns factos e datas relevantes. Queria perguntar a Winnie Mandela - a mulher, a mãe, a lutadora política- de onde lhe vinham as forças para aguentar o que já tinha suportado: viver uma grande parte da sua vida como proscrita, presa inúmeras vezes; a prisão poucoo depois do casamento e quando esperava o seu primeiro filho; a constante vigilância a que tem estado sujeito durante os últimos 22 anos; um matrimónio que durante os últimos 20 anos se resumiu a cartas censuradas, olhares furtivos e breves conversas através dos vidros das salas de espera das prisões, sob o olhar atento dos carcereiros; a separação do seu marido e, frequentemenete, dos seus filhos, familiares e amigos.

Uma conversa inesquecível

Chegou e deteve-se no umbral da porta, muito direita, cheia de energia e de uma contagiosa vitalidade; não tinha qualquer sinal visível de autoridade, mas a sua vincada personalidade era perceptível. Usava um comprido vestido africano negro e verde e tinha o cabelo coberto com um lenço segundo a tradição Xhosa; o seu rosto franco e notavelmente expressivo era um espelho perfeito da rápida sucessão de sentimentos que nela se operava. A sua fisiono -

Ela vem sentar-se no meu carro com mais duas ou três pessoas, mas nem isso lhe é permitido. Então deixa de ser a prisioneira do «ghetto» e passa a ser a brilhante embaixatriz do seu país

Ela não se transformou numa lutadora política dura e imune, e pelo contrário continua a ser vulnerável

Continuação da pág. 6

mia era aristocrática: maçãs do rosto altas, olhos grandes, negros e inquiridores, que pareciam exprimir uma fascinante convergência de sentimentos contraditórios: silêncio, tristeza, dor e , também, um imparável entusiasmo, um distanciamento irónico e um apurado humor. Foi esta tensão entre os antagonismos intrínsecos a esta mulher que de imediato me fascinou: esta proximidade da alegria e da tristeza, o amor óbvio pela beleza apesar de ter enfrentado a rotina prisional de interrogatórios e tortura e de ter abandonado qualquer exigência de uma vida de felicidade pessoal.

Com um amplo sorriso de boas-vindas, quebrou a barreira de embaraço e de estranheza existente entre nós; aceitou, com um prazer espontâneo, as saudações e presentes de amigos seus que lhe levara , e pediu-me notícias de determinadoss amigos e conhecidos, insistindo sempre em obter uma resposta detalhada, pois esta é uma das poucas formas de manter o contacto com eles.

Nunca esquecerei esta conversa. Uma estranha intensidade levou a que nos esquecessemos de todas as fases intermédias que habitualmente acompanham o conhecimento mútuo, e começámos a aprofundar os aspectos vitais da sua vida, bem como as suas experiências. Não houve momentos em que perdeu a esperanca e a coragem? Será que apenas sente resignação e desepero?

A sua primeira resposta não se fez esperar e foi acompanhada por um olhar irritado:« Claro que não. Como posso eu perder a esperança, se sei que na realidade este país nos pertence e que o recuperaremos. Sei que devo suportar tudo para alcançar esse objectivo».

Mas então calou-se, e o seu silêncio falou das forças contra as quais tem que lutar constantemente. e acrescentou, num tom duro: « Sou demasiado insignificante nesta enorme máquina da libertação. Todos os dias há negros que morrem por esta causa. Quem sou eu para poder preocupar-me com a minha vida pessoal? O que combatemos tem tanta importâmcia que não posso pensar no que me acontece». Mas os momentos de silêncio permitiram-se saber mais; tive a percepção do que se escondia atrás do seu sorriso fácil, da sua cálida e franca forma de ser. Senti-me identificada com ela e decidi voltar para a poder conhecer melhor.

Durante a viagem de regresso, as sua palavras ecoavam-me na mente e tentei imaginar como seria a sua vida, uma vida controlada por um decreto do Ministério da Justiça, que começa asssim: « Uma vez que eu, James Thomas Kruger, ministro da Justiça, estou convicto de que participa em actividades que atentam, ou podem atentar, contra a ordem pública em virtide da secção 9 da Lei de Segurança Interna de 1950, proibo-lhe...». Segue-se uma longa lista de todas as regulações e restrições que confinam a sua vida: não lhe é permitido frequentar a escola ou a Universidade, nem visitar uma fábrica, nem entrar em locais onde se esteja a preparar ou a imprimir qualquer tipo de publicação, ou onde se estejam a realizar reuniões públicas; não pode falar em actos públicos, ou reunir-se com mais de uma pessoa de cada vez. É também ilegal citar-se qualquer coisa que ela diga. Disse-me,sorrindo, que deixou esses documentos sobre mesa de um ofivaial da polícia quando foi enviada para Brandfort, mas mesmo que os tente esquecer, a polícia de Brandfort vigia-a e assegura-se de que ela os cumpre à letra.

Uma linha de demarcação imaginária

Depois deste meu primeiro encontro com Winnie Mandela, muitos outros se lhe seguiram. Nunca parei ao atravessar o Brandfort «branco». Uns quantos metros antes de aí se chegar, os caminhos asfaltados transformam-se num largo poeirento e ligeiramnete inclinado que comunica com a « fronteira» entre Brandfort e o ghetto negro, sem nome oficial; os que aí habitam chamam-lhe «Phathakahle»: mexa-lhe com cuidado. Encontrei-me muitas vezes com Winnie Mandela nessa linha de demarcação, que não está delimitada por qualquer vedação, mas que proibe os brancos de aí entrarem sem autorização: é apenas uma linha imaginária no caminho que conduz ao township. Daí pode-se ver todo o ghetto: cerca de mil casas, pequenas estruturas quadradas de um amarelo acinzentado, cada uma exactamente igual à outra, numa monótona formação; largos poeirentos e sem iluminação, sem asfalto, sem nome; uma loja, uma escola, uma cervejaria. E é tudo.

Depois das chuvas torrenciais, os caminhos ficam praticamente intransitáveis. Todas as noitas o township desaparece sob uma cortina de fumo que se desprende das fogueiras e das lâmpadas de queroneze. É a localidade negra operátia típica, uniforme e anónima. semelhante ao próprio Brandfort branco. O edifício que alberga a administração bantú domina o cenário; está perto da imaginária linha de demarcação, à entrada do township. Controla a vida do ghetto, e ninguém, quer seja residente ou visitante, lhe passa despercebido.

Era aqui que esperava Winnie Mandela. Frequentemente chegava tarde. Umas vezes vinha no seu velho VW, outras a pé. Algumas vezes sozinha,e outras, mais frequentes, acompanhada por dois jovens- amigos da família de Soweto- e de outros, mais pequenos, do township, que se mantinham à distância: « Os meus guardas-costas», dizia ela. As palavras continham também uma alusão irónica ao que seria o seu status numa África do Sul «normal»; uma África do Sul sem apartheid, com Nelson Mandela na sua justa posição de lider eleito pelos negros. E na verdade, quando se deteve no poeirento caminho do township, direita e bela, luzindo ora na tradicional veste Xhosa, ora num vestido europeu, com uma elegância natural, quando tranquilamente menosprezava os funcionários da administração bantú e vinha sentar-se no meu carro, com mais outras três pessoas, mesmoo debaixo dos seus narizes (apesar de isso não lhe ser permitido), era mais do que uma simples prisioneira num ghetto isolado: era a brilhante embaixatriz do seu país.

A sua aparência fez-me lembrar as palavras de um dos seus amigos brancos, que uma vez a acompanhou até prisão:« Winnie dirigia-se para a cadeia como se fosse a Rainha de África».

Parecia que não notava o absurdo contrastee que a sua presença física criava neste ambiente, com se se sentisse em sua casa, como se este township de Brandforyt fosse o lugar em que deveria estar, e como se a sua casa, o numero 803, fosse o sítio mais apropriado para rceber os importantes personagens vindos de todo o mundo que a visitavam.

A «casa», entre aspas

Sempre que a via, procurava em vão um sinal de desespero ou de resignação. Tinha a irrenunciável expressão do lutador político que vive nas circunstâncias mais adversas sem perder de vista o seu objectivo; aquele que não é dissuadido nem pelas derrotas nem pelos fracassos, mas que, pelo contrário, encontra neles novas forças.

Até o seu marido se surpreendeu com a decisão e vitalidade com que Winnie Mandela se alojou em Brandfort. Entregou-se de tal modo aos projectos que aí iniciou que, numa carta a Nelson Mandela, descreveu o lugar do seu exílio, com uma serena ironia, como sendo «realmente muito agradável», como se as vicissitudes que tinha de suportar não existissem: passar horas a limpar a sua diminuta casa do pó que penetra através das mais pequenas frestas; encontrar-se privada do contacto com os seus amigos; passar três horas por dia na estação dos correios de modo a que as pessoas lhe pudessem telefonar. Há ocasiões em que a sua precária situação económica se torna tão desesperada que não pode sequer comprar gasolina. Mas o pior de tudo é a constante ameça que a acompanha: a interminável perseguição da Polícia de Segurança e os momentos de dor, penúria e solidão.

Na verdade, a tristeza que apercebi nos seus olhos quando a vi pela primeira vez constitui uma parte de si própria. Não é - e admiro-a por isso- uma « heroína»: não se transformou numa lutadora política individualista, dura e imune, mas pelo contrário continua a ser vulnerável.

Em 1983, obtive pela primeira vez uma autorização para visitar Winnie Mandela na sua pequean casa. As autoridades comunicaram-me que os regulamentos existiam para me proteger e que se alguma coisa me sucedesse eles não aceitariam nenhuma responsabilidade. E assim fui à sua «Casa», ela não me perdoaria se não escrevesse a palavra entre aspas; ela própria baptizou as três pequenas divisões da casa de «celas»: quarto de dormir, sala de estar e cozinha que medem , no total, trinta metros quadrados. Conseguiu, no entanto, tornar estas «celas» habitaveis. A pequena sala de estar é escura, mas confortável. Os braços do sofá estão cobertos por pequenos naperons bordados com cenas aldeãs, com galinhas e crianças, que lhe foram oferecidos pelas suas vizinhas.

Numa estante, encontra-se um pequeno televisor a pilhas; pode-se também aí ver uma grande variedade de livros que lhe foram oferecidos. Os que no ghetto se interessam pela leitura, pedem-lhe emprestado tanto livros de Joseph Conrad, como de Saul Bellow, ou volumes sobre a história da Grã-Bratnha, ou o Profeta de Gibran.

A prateleira com remédios que ali devia estar desapareceu. Uma pequena casa préfabricada no jardim, e financiada através de doações, faz as vezes de «clínica», onde são assistidos os habitantes do ghetto.

Na parte exterior da casa, um jardim florido. O que antes estava coberto de pó e fragmentos de pedras, está agora cheio de canteiros de flores e arbustos. À sombra de um salgueiro que protege do sol e dos olhos vigilantes dos polícias seus «vizinhos», recordava as palavras de Sally Motlana ao descobrir um dia a força de Winnie Mandela: « Nunca conseguirão cercá-la atrás de um muro. Não interessa o lugar para onde a deportem - bantustões, deserto ou floresta- esta mulher é tão dinâmica que fará cantar os pássaros e sussurrar as árvores em qualquer lugar para onde vá. Podem estar certos disso».

Notas:

1 - Afrikaner: nome pelo qual se autodesignam os descendentes do núcleo original de colonos de origem europeia. Significa «africano».

2- Boer: É um termo holandês que significa « rancheiro». Foi utilizado para designar genericamente todos os europeus, à excepção dos britânicos, que se instalavam na África do Sul. Entre os boers existiam também os rancheiros ricos que utilizavam esta denominação para se diferenciarem dos seus congéneres mais pobres.

3-Trekker: É o nome dado aos que participaram na marcha até ao Norte ou no grande êxodo dos colonos boers após a abolição da escravatura no Cabo.

4 - Voortrek ou Trek: no idioma afrikaans (uma fusão do holandês antigo, com o alemão do norte, algumas inflexões francesas e vocábulos do malaio português) os dois termos são utilizados para designar a emigração acima mencionada. O Voortrek levou os colonos ao Este e Nordeste do país com a ideia de fundar nessa região um Estado independente.

5-Township: Nome dado aos bairros situados na periferia das zonas brancas onde são instalados os negros que nelas trabalham. São, geralmente, pequenos povoados, sem electricidade e privados das comodidades mais elementares

Anne Benjamin

Extractos do livro **Parte da minha alma**

O futuro do Partido Socialista francês

O artigo de Paul Fabra intitulado *O Futuro dos Socialistas Franceses*, que o Sete Ponto Sete publicou na sua edição da passada terça-feira, saiu de tal modo desfigurado por gralhas e falhas técnicas que resultava impossível lê-lo. Com as nossas desculpas aos leitores e ao autor, voltamos hoje a publicá-lo na íntegra, cientes de que nenhumas «emendas» parciais, divulgadas *a posteriori*, poderiam elucidar o significado de frases inteiras que se perderam. Eis, portanto, em segunda publicação, o artigo do jornalista francês, habitual comentador das páginas de Economia do diário «Le Monde»:

NA revista *(Revue politique et parlementaire)* que dirige, Thierry Pfister coloca, a propósito do futuro do Partido Socialista Francês, uma questão que, pelo menos no seu enunciado, marca o considerável caminho percorrido pela esquerda francesa desde 1981: «Partido democrata à americana ou partido social-democrata?» Formular esta alternativa teria, há alguns anos atrás, sido considerado pelos eleitores de François Mitterrand como uma verdadeira provocação. E ainda menos teria sido o autor de 5A vida quotidiana em Matignon no tempo da união da esquerda, ex-membro do gabinete de Pierre Mauroy, a formulá-la.

Lembro-me muito distintamente de uma conversa com um dos mais altos dirigentes do PS francês no princípio de 1978: o nosso problema, dizia-me ele, em síntese, é que ideologicamente estamos quase por natureza em posição de inferioridade perante os comunistas, porque estes estão em condições de irem até ao fim da sua própria lógica. Se, por exemplo, admitirmos, como eles,que as nacionalizações são, em princípio, uma boa coisa, como fazer admitir que pretendíamos limitar o alcance dessas mesmas nacionalizações? E o meu prestigioso interlocutor acrescentava: é claro que um programa social-democrata já não basta paara a França: é preciso propor algo 'mais'. Tudo está em saber até onde ir, e há também a dificuldade de explicar porque se parou onde se parou.»

O que é nítido hoje, feita a experiência dos últimos cinco anos e dada a consciência que os homens de esquerda adquiriram da natureza da crise, é que nenhum discurso político tem a menor possibilidade de se tornar crível se ele não tiver em conta as realidades da produção.

Politicamente, um tal recentramento cria o efeito óptico de uma deslocação, para a direita, do maior partido da esquerda. O título escolhido por Thierry Pfister para desenvolver as suas próprias teses ilustra, à sua maneira, este fenómeno. Os mais socialistas de entre os socialistas, se assim se pode dizer, deixaram de perder o seu tempo com a questão semântica de saber se a política conduzida pela esquerda nos negócios «mudou», ou não, quando foi adoptado um programa de «rigor».

Thierry Pfister deixa de lado essas argúcias ao escrever sem hesitações: «É claro que o PS não parou de evoluir nas suas análises e propostas, e que a sua passagem de cinco anos no poder não pode desembocar senão em novas adaptações. A este respeito, pode mesmo afirmar-se que o salto conceptual maior não está para ser dado *diante* dos socialistas, mas *atrás*. O seu congresso de Bad Godesberg (por referência ao do SPD, alemão), marcando a ruptura com o marxismo, não está por viver: foi já vivido na precedente legislatura e até no seio das instâncias governamentais.» Para Pfister, esta revisão tem sobretudo a ver com a maneira de ver a função da empresa (e aí está a preocupação com a produção).

Partindo destes dados, o autor expõe, com um objectivo político bem preciso, uma argumentação de que apenas indicarei aqui as grandes linhas.

Para ele, seria muito superficial ver, no debate sobre o futuro do Partido Socialista Francês, uma simples oposição entre, por um lado, os renovadores de discurso modernista, do tipo Rocard ou Fabius, e, por outro, os «arcaicos» (não nominalmente designados). Historicamente, foram os ditos arcaicos que tiveram, até agora, razão.

Os temas desenvolvidos pelos «neo» no início dos anos 30 apagaram-se para dar lugar à estratégia da Frente Popular. Do mesmo modo, o projecto centrista de «grande federação», defendido por Gaston Deferre em 1964, falhou. Foi o processo de união da esquerda iniciado por François Mitterrand que trouxe essa esquerda aos postos de comando.

Esta evolução não impediu, no entanto, a «mutação» dos socialistas franceses. Quando eles estavam no poder, anota Pfister, acabaram por chamar implicitamente sua a principal resolução adoptada em 1959 pelos seus camaradas alemães: «O SPD aprova o mercado livre quando e onde existe verdadeira concorrência.»

Aos olhos de Pfister, o futuro do PSF está ligado à interpretação que os homens de esquerda fizeram das instituições da V República. Se, esquecendo as suas próprias críticas e objecções, resolverem ver no escrutínio presidencial «o alfa e o ómega de toda a vida política francesa», então o Partido Socialista tem todas as condições para se transformar numa simples «máquina eleitoral», cuja única função importante seria, de sete em sete anos, a de seleccionar um candidato. O nosso autor teria podido precisar que, efectivamente, nos Estados Unidos, o Partido Democrata, como aliás o Republicano, não tem existência nacional fora da campanha presidencial (mas existem 50 partidos democratas e 50 partidos republicanos, um por Estado, para as eleições do Congresso).

Dito isto, a experiência da coabitação — constata Pfister — parece não desagradar aos franceses. A sua lógica «deveria (...) conduzir à revalorização das formações políticas em detrimento das aventuras presidenciais individuais», voto que o autor julga ainda frágil, mas ao qual pretende ligar o futuro das organizações de esquerda. Nessa perspectiva, a referência é sobretudo constituída «pelas sociais-democracias da Europa do Norte».

Fortalecido por tais premissas, Pfister crê poder regressar ao problema da unidade da esquerda francesa, visivelmente a sua mais querida preocupação. Segundo diz, «essa unidade pode, nos próximos anos, vir a pôr-se em termos novos». Para alimentar essa esperança, ele faz notar, à guisa de conclusão. «Ao fim e ao cabo, a união realizada através de um programa único de governo entre 1972 e 1977 não pressagiava já o que poderia ser, sob uma outra forma institucional, uma socialdemocracia à francesa?»

Pode responder-se a isto que, se o termo «social-democracia» tem um sentido, é difícil qualificar de socialdemocrata o programa comum adoptado em 1972. Nada há nisto que espante. Como salienta Marc Riglet no mesmo número da *Revue politique et parlementaire*, o programa comum é, salvo em detalhes secundários, o duplo do programa do Partido Comunista Francês, elaborado um ano antes com o título de «Mudar de Rumo».

A sua peça central era o conjunto das nacionalizações integralmente aplicadas em 1982. É difícil não ver, nesse formidável alargamento do sector público, uma política ditada, no fundo, pela determinação de base do marxismo, segundo a qual a razão de ser do socialismo é a apropriação colectiva dos meios de produção. Foi nessa perspectiva que os socialistas se colocaram para visarem a «ruptura com o capitalismo», condição necessária para a mudança genuína das relações sociais.

Ora, este modo de apresentar as coisas está duplamente sujeito a caução. A melhoria do nivel de vida sob todas as suas formas, que implica não apenas a construção de novas unidades de produção mas também a multiplicação de escolas, hospitais, etc., supõe a acumulação do capital. Isto tornou-se de tal modo evidente que até sentimos escrúpulos ao recordá-lo. Quanto às relações sociais, a experiência mostra que a socialdemocracia pode modificá-las em profundidade, segundo a concepção que lhe é própria — e que, felizmente, não é a única possível — da justiça.

Por este motivo, ver, na evolução actual das convicções e das mentalidades no seio do Partido Socialista Francês, um *movimento para a direita*, é talvez uma nova ilusão... marxista. Que Thierry Pfister se console: mesmo que o PCF prosseguisse em declínio até ao desaparecimento, a ideologia de esquerda não estaria, apesar disso, morta.

Paul Fabra

Reagan apresenta programa de luta antidroga

O programa de luta antidroga anunciado, segunda-feira 4 de Agosto, pelo presidente Reagan responde à preocupação de reduzir a procura interna que não parou de crescer durante os últimos meses. A Casa Branca, bem como o Congresso, crêem que a redução do «mercado» americano dará melhores resultados do que as operações conduzidas no exterior e em conjunto com os países latino-americanos para entravar a produção local.

Na sua mensagem, o presidente anuncia que se trata de *mobilizar a sociedade contra o abuso da droga*. Ele define claramente os objectivos a atingir, sobretudo a eliminação do uso de drogas em lugares de trabalho e em escolas, a garantia de tratamento médico para os drogados, o reforço da cooperação internacional e a aplicação de sanções contra os traficantes e, o desenvolvimento da educação da população. Mas ele não precisa como esses ambiciosos objectivos serão atingidos, e, sobretudo, como tenciona financiar esse esforço sem precedentes.

O elemento essencial do programa é identificar aqueles que se drogam nos sectores público e privado através de testes ora obrigatório ora voluntários. Assim, na função pública, os funcionários que trabalham em postos-chave de segurança nacional, de polícia ou de saúde pública serão submetidos a testes obrigatórios. Nos outros sectores, os ministérios deverão organizar um programa de testes voluntários, sendo esclarecido que todo e qualquer candidato a um emprego público deverá, a partir de agora, submeter-se a um teste. Interrogado pelos jornalistas, o presidente Reagan declarou que, para dar o exemplo, ele próprio, e os membros do seu gabinete, estavam na disposição de se submeterem a exames.

A iniciativa do presidente não aparece sem uma segunda intenção política. O problema da droga tornou-se, de facto, na primeira preocupação da opinião pública, muito sensibilizada pelo crescimento do uso da cocaína. Segundo estimativas oficiais, contam-se actualmente 18 milhões de fumadores de marijuana, 11 milhões de alcoólicos e entre 3 e 4 milhões de cocainómanos. Mas o mais alarmante é que o uso da cocaína desenvolve-se entre os jovens, que por apenas 10 dólares pode oferecer-se essa droga sob a forma de «crack», que dizer: sob a forma de pequenas doses fumáveis em cachimbos de vidro. Por outro lado, a recente morte de dois desportistas conhecidos alimenta a inquietação da opinião pública.

Foi, aliás, tendo em conta esta inquietação que os parlamentares depuseram cerca de 80 projectos de lei, e a Câmara democrata propunha-se, sob égide do seu *speaker IO. Neill, apresentar, no reinício das sessões parlamentares, em Setembro, um programa próximo do que o presidente agora anunciou.*

Por sua iniciativa, o presidente ultrapassa o Congresso e sobretudo dos democratas, quer dizer: marca pontos perante a opinião pública. Por outro lado, a iniciativa presidencial representa uma diversão perante as dificuldades económicas do momento e para o desafio do Congresso, que contestou a política comercial da administração e a sua atitude em relação à África do Sul.

No seu discurso, o presidente disse: «Teremos de encontrar dinheiro para este programa...» Até agora, as despesas federais encaradas variavam entre os 2 e os 3 milhões de dólares. Ora, segundo a opinião de Michel, líder da minoria republicana da Câmara, um programa como o anunciado custaria cerca de 3 milhões de dólares. Neste período de compressão das despesas públicas, vê-se mal como o presidente encontrará créditos necessários para o financiamento do seu projecto. No entanto, está já marcada para Setembro a sua apresentação pública, através de um discurso a fazer na televisão.

H.P.

Mensagens Pessoais

Vitrina

Vendo vitrina de dois metros quase em estado novo. Tem apenas um ano de serviço. Motivo encerramento de supermercado. Preço 125 contos. Contactar Santos, telef. 2211915. Depois das 20 horas.

Agente técnico

Ag. técnico de Arquitectura e Engenharia c/carteira profissional e c/experiência em: execução de projectos de arquitectura e betão armado. Fiscalização de obras. Aceita trabalhos contactar c/Mário Pereira Telefone 901044 ext.32

Correspondência

«Jovem de 16 anos gostaria de se corresponder com jovens do sexo feminino. Respondo a todas as cartas. Escrevam para João, R. Francisco Metrass, 2-1.º dt, 1300 Lisboa.»

Trespasse á Av. Roma

Decorações, loja com 18 m². Renda actual 2 contos, clientela fixa, vendas anuais cerca 15.000 contos, trepasse barato motivo retirada provincia, dá-se e exige-se informações.

Patinhas & Cia.

Vendo revistas de Pato Donald — tio Patinhas almanaques Disney e outros. Em estado novo telf.2852322 a partir das 20 h — fins- de-semana das 12 h às 21 h.

Arte Moderna

Almada, Eloy, Hogan, Júlio Reis, João Carlos, Duarte, Martins Correia, J. Contente, Vaz e outros, vendo. Telef. 77 34 88

Mini computador

Vendo mini computador (de bolso) Casio PB-100+extensão de memória-OR 1 — (1568 Passos, 222 memórias), com manuais de origem — Basic e em português, apenas por 12 000$00. Carlos Espinha — Telefone 66 43 67, 09H00-12H00, 13H30-17H30, de segunda a sexta.

A Fonte de Madalena — Grupo de Amigos

Memórias de infância, 1921/44. Homenagem Mestres A. Redol e J. Gomes Ferreira. Autor saúda seus leitores actuais e futuros. Vamos organizar grupo de amigos senhoras e srs. mais 55 anos se interessem leitura, cinema, pintura. Escreva apartado 1333 — Arroios, 1009 LISBOA CODEX. Para Rogério Gonçalo.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.